Diário de Lisboa

FUNDADO EM 1921 ANO 70 Nº 23323 DIRECTOR **MÁRIO MESQUITA** DIRECTORA ADJUNTA **DIANA ANDRINGA** QUARTA-FEIRA 12 SETEMBRO 90 70$00

Contra declarações de autarcas

A Caritas repudia acusações

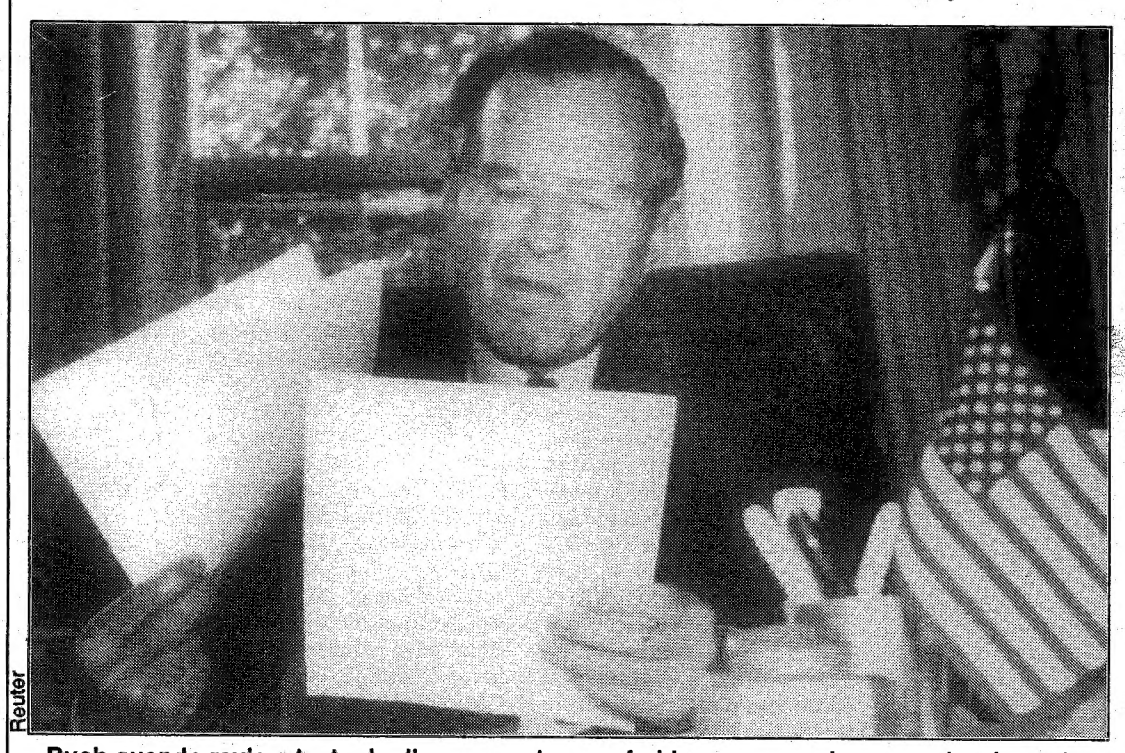
Em carta enviada ao «DL», o presidente da Cáritas Diocesana de Coimbra repudiou as afirmações relativas ao funcionamento da Escola Profissional de Semide, proferidas ao nosso jornal pelo presidente da Câmara de Miranda do Corvo. No texto, o signatário, padre António Sousa, afirma ser «rotundamente falso» que tenha confirmado o problema da homossexualidade referido ao «DL» pelo autarca, José Lopes. O responsável da Cáritas de Coimbra contesta, também, afirmações reproduzidas na notícia publicada na nossa edição de 6 de Setembro e que são atribuídas, pelo edil, a João Carvalho, presidente da Junta de Freguesia de Semide.

Na nossa edição de hoje publicamos, igualmente, a carta que sobre este assunto nos enviou o Centro de Formação Profissional de Artesanato e fazemos referência a um comunicado da Associação de Antigos Alunos da Escola Profissional de Semide. O «DL» sublinha que na notícia em causa reproduziu as afirmações que lhe foram prestadas pelo presidente da Câmara de Miranda do Corvo, as quais nos foram confirmadas, ontem, pelo seu autor.

Págs. 14 e 15

Bush quer NATO árabe

O Presidente dos EUA defende uma nova aliança entre as Nações, na sequência do fim da «guerra fria»



Reuter

Bush quando revia o texto do discurso ontem proferido para anunciar o que deseja venha a ser uma «Nova Ordem Internacional

«Novas Ordens» já houve várias anunciadas ao mundo. Umas nem chegaram a nascer. Outras envelheceram e finaram-se. Agora veio Bush consolidar a morte da «nova ordem» que foi a «guerra fria» e, na sequência do enterro, lançar nova «nova ordem»: a de uma «nova aliança entre as nações». Não é novidade pura a nova aliança. Já o secretário de Estado dos EUA dissera que o seu país irá manter-se, militarmente, no Golfo. Bush , mais cuidadoso, defendeu «uma presença de estruturas de auxílio» nessa região. Mas a ideia que prevalece é a de que Washington gostaria de ver criada uma espécie de nova NATO para enfrentar, no mundo árabe, os ditadores que não respeitem a Carta da ONU. Quando esta «nova» ordem internacional envelhecer, saberemos o que é.

Pág. 10

Golfo: Macau não quer pagar a crise

Pág. 4

Arquivo da CML

Evocação do Eden Aquele que foi até ao último dia do ano passado o cinema Eden é hoje evocado no «DL», a propósito das transformações anunciadas para o local, um dos mais privilegiados de Lisboa. Recorda-se nomeadamente que, antes do actual (ou já póstumo) Eden Teatro existir, outra sala de espectáculos houve ali (esta cuja fachada aqui se reproduz). Mas, antes, no local, havia uma garagem --a Beauvelet (da Peugeot)-- e, antes ainda, os jardins do palácio Foz traçados nos terrenos do Conde de Castello Melhor.Uma evocação de mais de dois séculos

Pág.16 e17

Com unificação alemã

Têxteis e pescas portugueses em perigo

O processo de reunificação alemã e a consequente adesão do território da RDA à CEE não deverão prejudicar os projectos de desenvovimento existentes em países como Portugal, Espanha e a Irlanda, refere um documento agora divulgado em Bruxelas. Apesar destas garantias, dois sectores poderão ser afectados pela integração do território da RDA no espaço comunitário, nomeadamente nas áreas sensíveis das pescas e dos têxteis. Estas e outras questões estão a ser debatidas, numa sessão especial do Conselho de Ministros dos Assuntos Gerais.

Pág. 9

PORTE PAGO

Europa prepara liberalização dos «vistos» *Págs. 2 e 3*

Uma casa no Algarve com vista para as estrelas *Pág. 13*

CEE deu «luz verde» à Via do Infante *Pág. 12*

Atlético quer crescer com apoio de Jorge Sampaio *Pág. 25*

Paulinho Cascavel operado ao menisco *Pág. 25*

Ponta Delgada: duas visões sobre a cidade *Págs. 18 e 19*

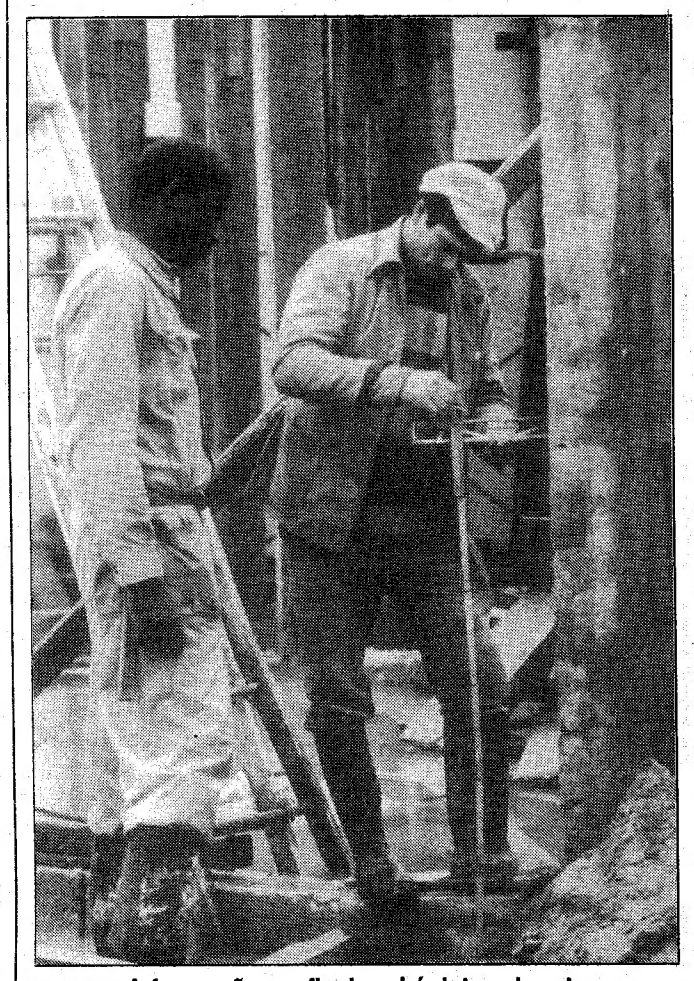
Nova política prisional

Anunciado o encerramento da prisão de Monsanto e a formação de várias comunidades prisionais

Pág. 12

Oriundos das ex-colónias estão preocupados mas o Governo diz pretender assumir as nossas responsabilidades de País colonizador e respeitar os compromissos resultantes de laços históricos e culturais

Portugal prepara-se para adoptar a política de vistos comunitária



A formação profissional é determinante para a inserção social dos imigrantes

O Ministério da Administração Interna prepara-se para actualizar a concessão de visto a cidadãos dos países extracomunitários, no quadro da harmonização de regras nesta matéria por parte dos parceiros da CEE. E tal como a Inglaterra, em relação à Commonwealth, e a França, quanto aos africanos francófonos, Portugal parece encarar a nova orientação comunitária com a responsabilidade de pPís colonizador que foi e a disposição de não fechar as portas aos cidadãos oriundos das nossas ex-colónias.

Tanto quanto o «Diário Lisboa» apurou, o MAI apresentará em Outubro, na Assembleia da Repúblia, as linhas gerais do projecto de diploma sobre a concessão de vistos, enquadradas numa perspectiva semelhante à da Italia e Espanha. Estes dois países e a Grécia têm pontos de vista ligeiramente diferentes dos da RFA e da França em relação aos cidadãos não europeus.

O assunto é «quente» e será também tratado, este mês, pelo Parlamento Europeu, em Estrasburgo, no quadro mais vasto de deliberações sobre o estatuto do cidadão europeu.

Novo diploma até Dezembro

Embora caiba ao Ministério dos Negócios Estrangeiros a emissão de autorizações de entrada em Portugal, só as concede depois de contactar o Serviço dos Estrangeiros, através do MAI. É este que concede ou recusa a residência a estrangeiros em Portugal e decide, em última instância, sobre vistos turísticos solicitados nas embaixadas e consulados portugueses.

Segundo um porta-voz do Governo, a nova legislação procurará reunir um consenso alargado sobre esta matéria, envolvendo o Parlamento e a própria sociedade. «Isso ocorrerá ainda este ano», confirmou o secretário de Estado da Administração Interna ao «DL».

Em síntese, Branquinho Lobo adiantou que o projecto visa «harmonizar a nossa legislação com o Acto Único Europeu, de que resulta «há uma política comum de vistos em relação a terceiros». Neste quadro, há crescente expectativa quanto à situação em que ficarão, por exemplo, os cidadãos naturais das antigas colónias portuguesas, nomeadamente os que residem em Portugal -cerca de setenta mil- e outros tantos que aqui se encontram, clandestinamente, ainda que numa clandestinidade, para boa parte deles, tolerados.

São os chamados casos pendentes de legalização para os quais é imperioso um entendimento entre os seus representantes em Portugal, o Governo e a Assembleia da República. Ainda que muitos continuem desintegrados do tecido social em que se movem, outros criaram raízes e expectativas susceptíveis de confirmação legal sem atritos nem perturbações. Mas também há quem seja desumanamente explorado, especialmente em questões salariais, a pretexto da situação ilegal de permanência entre nós.

Portugal e Itália maior abertura

Não há, por ora, uma posição concertada dos Doze no sentido de travar a permanência de cidadãos extracomunitários.

Enquanto a RFA, França e os países do Benelux (Bélgica, Holanda e Luxemburgo) proibem a concessão de vistos de residência a oriundos de países não comunitários, Portugal prepara-se para actualizar a autorização de permanência e a Itália mostra cada vez mais abertura em relação aos trabalhadores africanos.

A Conferência Nacional de Emigração, realizada em Milão em Julho último, foi a afirmação de que o Sul da Europa Comunitária tem uma visão diferente do Norte, designadamente dos cinco mais restritivos países mencionados.

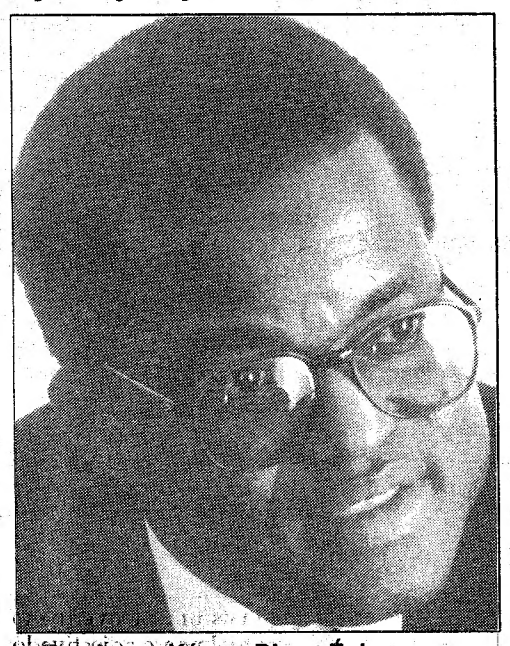
RFA, França e Benelux, actualmente a braços com contingentes de imigrantes que consideram excessivos, apontam para colocar na lista de indesejados, principalmente, marroquinos, turcos, jugoslavos, tunisinos, argelinos (800 mil só em França), iranianos, cabo-verdianos (no Luxemburgo), antilhanos e moluquenses, estas duas últimas

Para o vice-presidente das Comunidades Africanas na Europa:

Legalização dos clandestinos é a preocupação principal

O vice-presidente das Comunidades Africanas na Europa entende que «os imigrantes não comunitários devem ter a carta dos residentes europeus».

Nascido em Bissau, mas detentor de passaporte português, Fernando Ká é também presidente da Associação Guineense de Solidariedade Social, instalada em Chelas, e a sua grande preocupação, neste momento, é a legalização dos africanos de língua oficial portuguesa que aqui se encontram clandestinamente. Nomeadamente, insiste que essa é uma condição necessária à integração dos imigrantes africanos clandestinos no sistema de segurança social, com direito ao fundo de desemprego e ao seguro de trabalho.



Domingos Ká ao «DL»: «É desumano o que se está a passar: sabem-no as autoridades e sabêmo-lo todos»

Uma forma ardilosa de ladear restrições

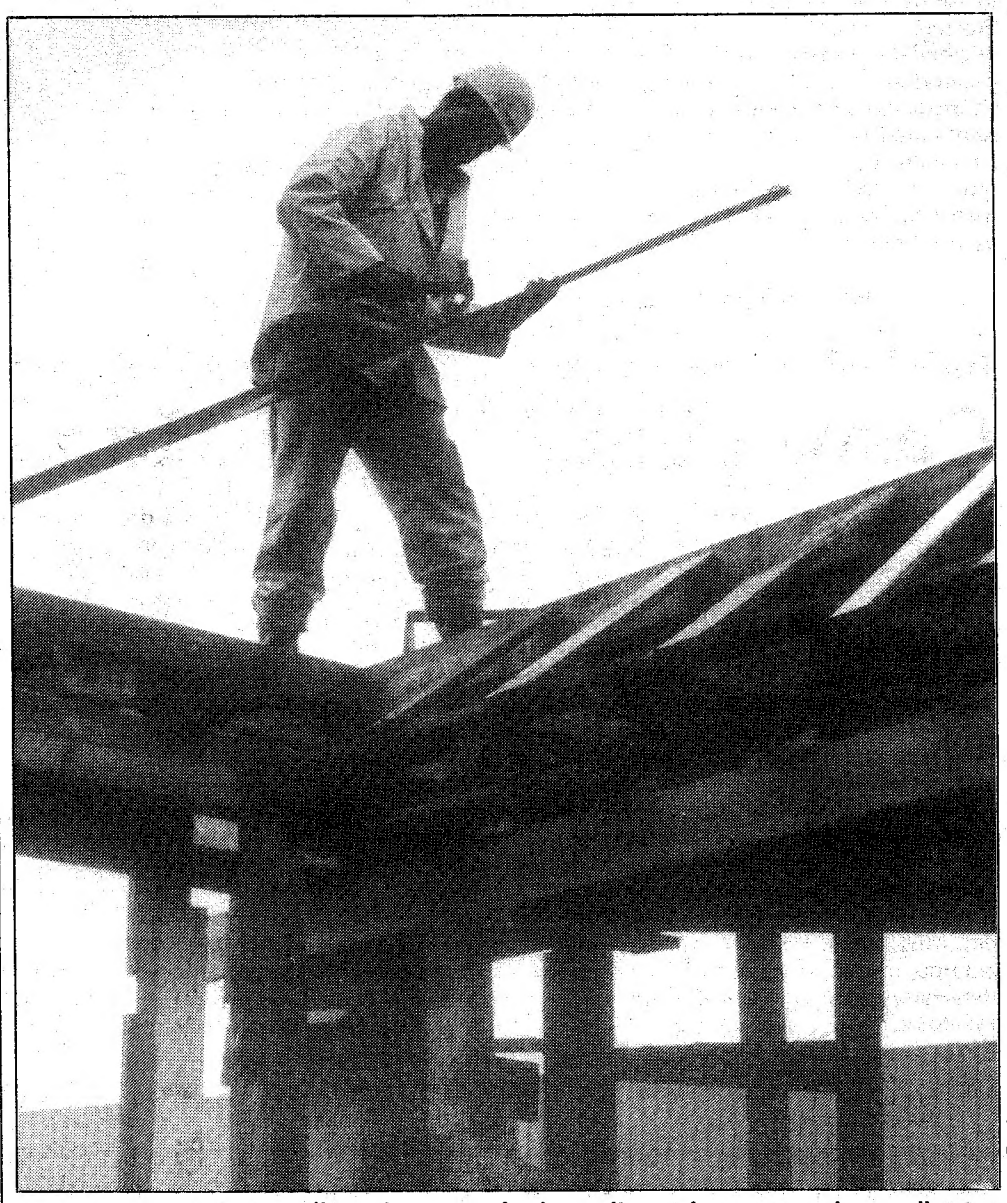
Fernando Ká tem seguido, naturalmente, a preparação do novo diploma sobre vistos de entrada em Portugal. Ele liga-a, aliás, à questão anterior, se bem que não estejam directamente relacionadas:

«Sem autorização de trabalho e de permanência, guineenses, cabo-verdianos e angolanos, entre outros, são explorados desenfreadamente, e aceitam emprego por qualquer preço. É desumano o que se está a fazer e as autoridades sabem o que está a acontecer. Sabêmo-lo todos, aliás», desabafa.

Sem visto, não é fácil entrar em Portugal, procedente de Bissau ou do Sal. Cabo-verdianos, guineenses e angolanos descobriram, contudo, uma forma ardilosa de enganar as autoridades portuguesas: pediam visto para Itália ou Espanha e, em qualquer destes dois países, solicitavam nas nossas embaixadas ou consulados de Portugal autorização para entrarem no País como turistas.

Quando as autoridades portuguesas se aperceberam, já cá havia alguns milhares de africanos a residir ilegalmente. Muitos deles constam do extenso rol de «casos pendentes» de que Fernando Ká aqui nos falou. Ele dá, no entanto, como adquirido o consenso entre o Governo e os partidos com assento parlamentar para resolver de vez este problema.

J. R.



Rui Pacheco

Sem autorização de trabalho e de permanência, muitos guineenses, cabo-verdianos, angolanos e outros residentes africanos aceitam emprego por qualquer preço, especialmente na construção civil

GRANDE ANGULAR

comunidades com expressão mais visível na Holanda.

Respeito pelos laços históricos e culturais

A legislação que o Ministério da Administração Interna prepara e que Branquinho Lobo levará, ainda este ano, à Assembleia da República, deverá ter como filosofia de base a convivência inter-racial e o respeito por laços históricos e culturais.

«O diploma em preparação é nosso, é baseado e alimentado com o que vamos aprendendo», disse o secretário de Estado da Administração Interna ao «DL».

Branquinho Lobo foi categórico ao afirmar que «vamos fazer um grande esforço para não mexer na situação dos cidadãos dos PALOP», cujo processo tem que ser tratado separadamente». O secretário de Estado considera ser, este, «um problema especificamente nosso para o qual o Governo e a Assembleia da República estão sensibilizados».

A concessão de vistos é neste momento regulada pelo Decreto-Lei nº 264/B/81, de 3 de Setembro, um diploma único que dispõe sobre entrada, permanência, saída e expulsão de estrangeiros do território nacional. Por regra, carecem de vistos os cidadãos estrangeiros que pretendam entrar no território nacional. Exceptuam-se os cidadãos comunitários e os naturais de países com que haja reciprocidade na dispensa dessa formalidade de fronteiras.

Júlio Rodrigues

Maria do Cés Esteves, ex-deputada socialista: um apelo à tolerância dos portugueses para com os imigrantes dos países africanos

Diz uma especialista em questões sociais:

«Caboverdianos vivem aqui como nós vivemos na França»

Especialista em questões sociais, Maria do Céu Esteves defendeu, em declarações ao «DL», a tolerância dos portugueses «para com os imigrantes dos países africanos de expressão portuguesa». Destacou, em particular, o caso dos cabo-verdianos, acentuando que eles «vivem aqui, como os emigrantes portugueses vivem na França e na Bélgica».

A ex-deputada socialista considera que «Portugal tem de se preparar face aos movimentos europeus» neste campo, mas afirma poder-se concluir que «não há muito racismo no nosso País», segundo um inquérito promovido pelo Instituto de Estudos para o Desenvolvimento, a pedido do Parlamento Europeu, junto da comunidade cabo-verdiana em Portugal.

Estrangeiros só um por cento

Elemento da equipa do IED que elaborou o relatório baseado nesse inquérito à imigração em Portugal -participaram também Rui Pena Pires, Vasco Franco, Piere Guibantife, Teresa Ferreira Gomes e Ana Saint-Maurice- Maria do Céu Esteves refere que os estrangeiros representam apenas um por cento da população que vive em Portugal. Nada que se compare, por exemplo, com a situação em Espanha, aqui bem perto, ou a Itália, também no Sul da Europa.

Realçamos aqui estes dois países pelo facto de também lhes ter sido solicitado pelo Parlamento Europeu um relatório idêntico:

«A imigração em Portugal não assume a mesma gravidade de Espanha e Itália; e, como em todos os países da Europa Comunitária, é perfeitamente controlável», acrescenta.

Quanto a emprego e remunerações, questões que povoam o quotidiano de todos os imigrantes, relativamente aos que têm a sua situação legal regularizada, o Instituto de Estudos para o Desenvolvimento conclui que, «em termos gerais, não haverá grandes diferenças salariais se os compararmos à mão-de-obra portuguesa».

Quanto aos imigrantes irregulares, a situação é de «grande discriminação», havendo «redes que promovem o seu emprego em muito más condições», lê-se no mesmo estudo que cita factos apontados pelas associações de imigrantes e organizações não governamentais ligadas a estes problemas.

J. R.

Trabalhadores imigrantes à espera de autorização de residência

Casos pendentes já são maioria

Os estrangeiros e apátridas que se encontrem ou residam em Portugal gozam dos direitos e estão sujeitos aos deveres dos cidadãos portugueses - estabelece a Constituição. Exceptuam-se os direitos políticos e o exercício de funções públicas que não tenham carácter predominantemente técnico e os direitos reservados pela Lei Fundamental e pela lei comum, exclusivamente, aos cidadãos portugueses.

Face ao sucedido, recentemente, em Portimão, quando uma brigada de choque escorraçou várias famílias cabo-verdianas da periferia daquela cidade algarvia, há quem proclame que os portugueses são racistas. Trata-se, no entanto, nas manifestações de racismo detectadas e segundo resulta dos elementos estatísticos reunidos pelo Instituto de Estudos para o Desenvolvimento, de casos isolados.

O mesmo se aplica ao sector específico da construção civil, onde há uma larga percentagem de mão-de-obra estrangeira, sobretudo dos originários de países africanos de língua oficial portuguesa. Entre eles predominam os imigrantes cabo-verdianos, que representam 92 por cento do total de estrangeiros empregados na construção civil, seguidos dos guineenses (2,4%) e dos são-tomenses (igual percentagem), segundo o estudo do IED que hoje mesmo é apreciado, em primeira leitura, na Comissão de Investigação sobre o Racismo e a Xenofobia. Esta Comissão parte do conhecido Relatório Ford -nome do eurodeputado inglês que o preparou- que propõe a concessão da nacionalidade do País de acolhimento aos imigrantes com cinco ou mais anos de residência clandestina.

Em Portugal, admite-se que os trabalhadores estrangeiros com a sua situação legalizada sejam ligeiramente menos (são cerca de 70 mil) que os clandestinos, ou «casos pendentes», na linguagem dos técnicos do Ministério da Administração Interna. Esses «casos pendentes» poderão ser, agora e à face da legislação que está a ser preparada, objecto de um tratamento especial.

Recebido há dias pelo secretário de Estado da Administração Interna, o vice-presidente do Conselho das Comunidades Africanas, Fernando Ká, saiu bem impressionado da audiência, convencido de que as autoridades portuguesas pretendem, efectivamente, tomar em consideração os laços históricos e culturais e a própria comunidade da língua, como Branquinho Lobo também disse ao «DL».

Na investigação encomendada pelo Parlamento Europeu, o Instituto de Estudos para o Desenvolvimento centrou a sua acção sobre questões básicas quanto à integração social dos imigrantes, destacando a situação familiar, tipos de alojamento, equipamento, regime de propriedade, índices de lotação e escolarização.

As conclusões não nos revelam nada de novo. Exemplo: 13,7 por cento dos estrangeiros naturais de países africanos de língua oficial portuguesa residem em casas móveis, sobretudo os cabo-verdianos (27,6 %), ao passo que os angolanos nessas condições se cifram, apenas, em 2,9 por cento.

Mais de 80 por cento dos cidadãos residentes originários dos PALOP têm, no máximo, a quarta classe e apenas 0,7 por cento cursos médios ou superiores.

Júlio Rodrigues

COMENTÁRIO

Se morrem têm nome se matam são caboverdianos

Três cidadãos comunitários em quatro, dos ouvidos para a elaboração do Eurobarómetro de Nov/89, em todos os países da Comunidade, defendem a melhoria ou, pelo menos, a manutenção dos direitos dos imigrantes. Dizem também contar com as instituições europeias para garantir esses direitos.

Escudada nestes resultados e baseada na opinião quase consensual dos seus componentes -dez votos a favor, um contra e uma abstenção- a Comissão de Inquérito do Parlamento Europeu sobre o Racismo e a Xenofobia recomendou aos Estados-membros, nos primeiros meses do ano corrente, que tomem «as necessárias providências, num período razoável, para garantir à população imigrante o acesso a um estatuto legal de residente e de trabalhador».

O Relatório Ford, como também é conhecido, por ser seu autor o eurodeputado britânico Glyn Ford, recomendou igualmente aos Estados-membros que «adoptem penas severas contra todos aqueles que empregam e exploram imigrantes sem estatuto de residente legal», com o objectivo de «castigar os culpados comprovados de actos de exploração e não as suas vítimas».

Tais recomendações não podem deixar de ser tidas em conta pelos negociadores portugueses: para além da reclamada tolerância dos nossos costumes, Portugal é, no mundo inteiro, um dos mais tradicionais países de emigração.

Calcula-se haver uns quatro milhões de compatriotas nossos dispersos por uma infinidade de países: e se queremos que eles recebam no País de acolhimento o melhor dos tratamentos possíveis, não podemos recusar a reciprocidade aos que escolheram o tecto luso para se abrigarem das adversidades da terra onde nasceram. E se nalguns países do Centro e do Norte da Europa a pressão dos imigrantes sobre o mercado de trabalho é, até, relativamente forte -daí a sua atitude restritiva sobre a política de vistos assumida nas instâncias comunitárias- em Portugal a questão coloca-se a um nível muito inferior quanto à urgência e quanto ao significado.

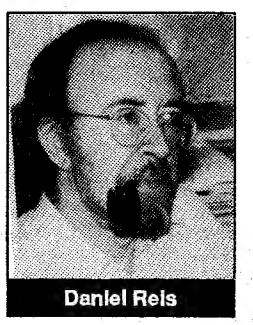
Com efeito, Portugal é o quinto entre os doze Estados-membros da Comunidade com menor percentagem de imigrantes em relação à população total: eles são menos de um por cento (não chegam a 90 mil) e só 65,6 mil são originários de países exteriores à CEE, o que representa apenas 0,6% dos efectivos populacionais. Só a Itália (0,2%), a Grécia (0,3%), a Espanha (0,4%) e a Irlanda (0,5%) acolhem relativamente menos cidadãos não-comunitários.

A imigração tem-se mantido, por outro lado, relativamente, estável e sem tendência para um crescimento significativo. Em cinco anos subiu-se de 80 mil imigrantes -dos quais 35 mil africanos- para os 90 e 65 mil, respectivamente. O movimento é hoje muito inferior ao da primeira vaga, quando o desenvolvimentismo marcelista foi obrigado a suprir, com mão de obra caboverdiana, as carências da construção civil resultantes da emigração massiva para a França e a Alemanha. Também está completamente ultrapassada a crise aberta, na sequela das independências africanas, com o regresso dos cerca de um milhão de compatriotas nossos.

Por esses tempos, em Portugal chegou a viver-se, fruto da concorrência no mercado de trabalho, um clima de guerra com fortes cargas racistas, quiçá semelhante ao da actualidade na França, na Inglaterra e na Alemanha. Recorde-se, nomeadamente, a dramática expulsão dos mineiros caboverdianos da Panasqueira para se concluir que o clima hoje é de muito maior tolerância e normalidade.

Isso não pode, no entanto, constituir motivo de relaxamento quanto às responsabilidades nacionais, em particular, para com os imigrantes dos países que Portugal colonizou.

A política de vistos será um bom factor de avaliação da forma como saberemos, enquanto País, assumir essas responsabilidades e resistir aos apelos de restrições, nas autorizações de trabalho e residência, que os factores históricos e os deveres de reciprocidade nos proíbem. E nem isso chega, tal como recomendou também o relatório Ford do Parlamento Europeu: exigem-se esforços continuados dos governos comunitários para a integração sem traumas dos imigrantes na vida social, económica e cultural. Esforços em todas as direcções, diga-se, nomeadamente, ao nível da opinião pública mais atingida em Portugal pela Imprensa «hard» e para quem um imigrante africano, quando morre, tem direito a nome na notícia; se mata, não passa de mais um caboverdiano em título, eventualmente adjectivado com a sua raça.



Daniel Reis

Macau: crise do Golgo soma-se a outras crises

Em Macau, segue-se com atenção a crise do Golfo Pérsico, nomeadamente quanto ao que dela se possa vir a reflectir no território. Murteira Nabo, secretário-adjunto para os Assuntos Económicos, criou mesmo uma «Comissão de acompanhamento» encarregue de avaliar o impacto da crise na economia do território, e propôr medidas de combate aos eventuais efeitos negativos.

Efeitos que, até agora, parecem limitar-se ao aumento do preço da gasolina - preço que é livre, no território de Macau, e bastante inferior ao praticado em Portugal - mas que, segundo o próprio secretário-adjunto, poderão vir a ser de um geral agravamento do custo de vida, diminuição das exportações, nomeadamente têxteis, e alterações na situação das reservas cambiais.

De facto, não contando o território, ao contrário da vizinha Hong-Kong, com centrais térmicas, é o fuel a sua única fonte de energia - pelo que qualquer agravamento do seu preço se irá reflectir nos custos de produção e, logo, no custo de vida.

E se até ao momento, dado a existência de stocks, a crise ainda não se reflectiu no aumento de preços da energia para fins industriais, tal hipótese não pode ser definitivamente afastada.

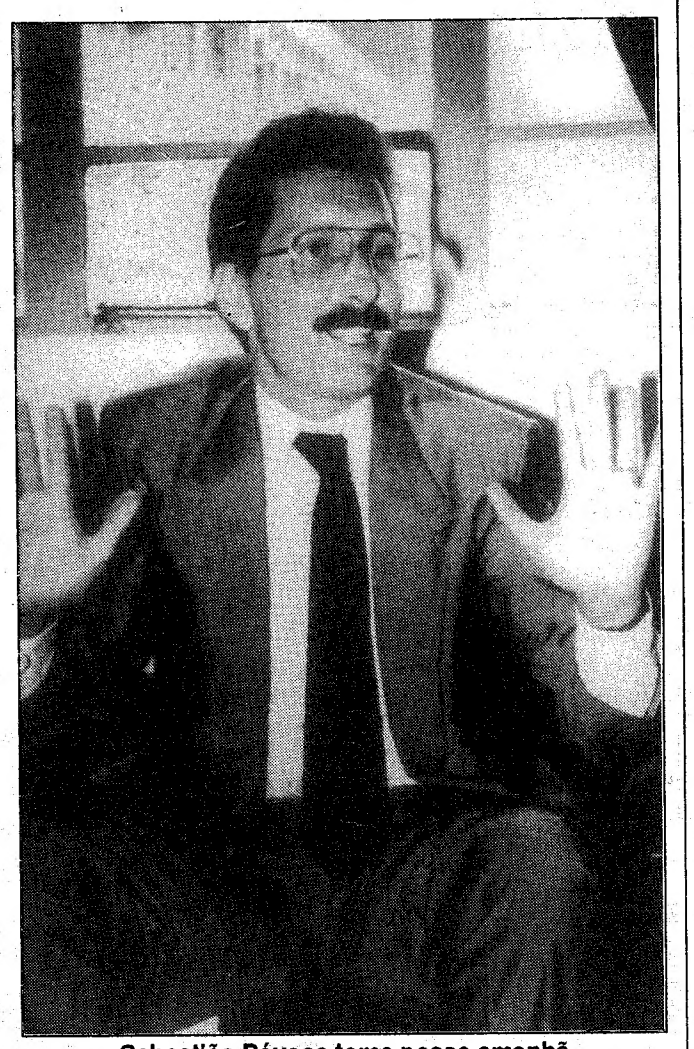
Por outro lado, Macau exporta a grande maioria da sua produção têxtil - uma das grandes fontes de receita do território - para os Estados Unidos e os países da CEE, pelo que qualquer recessão na economia desses países não deixará de ter reflexos de alguma gravidade em Macau.

Finalmente, eventuais flutuações cambiais, nomeadamente uma acentuada descida do dólar (ao qual, aliás, a pataca se encontra ligada, à razão de 7,8 patacas por dólar), podem vir a afectar negativamente as reservas cambiais do território, e a cobertura da moeda em circulação.

Não pretendendo antecipar-se ao relatório da comissão por si nomeada, Murteira Nabo admite como eventualmente necessárias e possíveis algumas medidas, como a bonificação governamental aos custos da energia industrial, o financiamento a juro bonificado e a criação de linhas de crédito de apoio às exportações têxteis, e um eventual reajustamento dos componentes da reserva cambial.

Governo do território finalmente completo

Entretanto, deverá esta semana ficar completo, com a tomada de posse, quinta-feira, do novo secretário-adjunto para os Assuntos de Justiça, juíz Sebastião Póvoas, o elenco da Administração de Macau, «desfalcado» pela demissão de Magalhães e Silva, há cerca de três meses.



Sebastião Póvoas toma posse amanhã como secretário-adjunto para os Assuntos de Justiça do Governo de Macau

Comissário para a corrupção por decidir-se

Por decidir está ainda o preenchimento do recém-criado cargo de Alto Comissário Contra a Corrupção e Ilegalidade Administrativa. Convidado para ele pelo Governador Carlos Melancia, Luís Silveira, adjunto do Provedor de Justiça, pediu um prazo para ponderar, prazo esse que lhe foi concedido com tanta maior facilidade quanto não recomeçaram ainda os trabalhos da Assembleia Legislativa, que teria de aprovar a escolha do Governador. Tanto quanto apurámos, e para além das naturais questões de mudança súbita de vida, as razões de ponderação de Luís Silveira prendem-se também com certos aspectos existentes no projecto-lei de criação do Alto Comissariado, que ajudou a elaborar, e alterados depois pela Assembleia Legislativa. É o caso, por exemplo, da possibilidade de acesso - à semelhança do que se passa com a instituição similar da República, a Alta Autoridade Contra a Corrupção, - às contas e movimentos bancários de eventuais suspeitos de actos de corrupção, garantido no projecto e retirado do texto definitivo da lei, e que lhe suscita dúvidas sobre a possível eficácia de acção do Alto Comissariado. Alto Comissariado que, no entanto - e ao invés do que se passa com a Alta Autoridade Contra a Corrupção - pode conduzir ela própria a instrução dos processos relativos aos actos de corrupção, dependendo, embora, da competente autorização judicial para actos que configurem violação de direitos, como seja o ordenar de prisões, buscas ou escutas telefónicas.

Recorde-se que, em declarações prestadas ao DL, o coronel Costa Braz, Alta Autoridade Contra a Corrupção, levantara, também ele, dúvidas sobre a possível eficácia do Alto Comissariado de Macau, dizendo, nomeadamente: «É essa eficácia dos meios, orgânicos e de atribuições, mais que legislação, o que falta em Macau. A Lei n.º 14/87/M, que estabelece o regime penal da corrupção, abre inúmeras virtualidades de fácil investigação sobre sinais exteriores de riqueza exibidos por funcionários e que não correspondam às remunerações percebidas ou declaradas. Reforcem-se, pois, as estruturas existentes, designadamente a Polícia Judiciária do Território e os vários serviços de inspecção, especialmente na área financeira. Podem recolher-se preciosos ensinamentos da experiência do território vizinho, muito embora sejam diversas as legislações e tradição política-jurídica portuguesa e anglo-saxónica. Receio que a lei que criou a ICAC, em 1974, e estabelece que «a independência da Comissão consiste em o (seu titular) ser formal e directamente responsável perante o Governador», de que está «sujeito às ordens e controlo», não tenha aqui aplicabilidade.» Na mesma ocasião, Costa Braz defendera ainda «que se reforcem os meios de investigação, se punam exemplarmente os infractores, se defendam e se expliquem os direitos dos cidadãos, se eduque a população, se exija rigor à Administração» e acrescentara :« Para a primeira parte, salvo melhor opinião, bastam as instituições judiciárias já existentes no território e, para a segunda, melhor se me afigura um Provedor de Justiça. O Alto Comissariado é criado para fiscalizar uma Administração portuguesa. O Provedor existiria para representar e defender a população, chinesa como portuguesa, de Macau, e mais facilmente poderia ver a sua acção estendida para além do período de transição.»

Saliente-se que a Lei que institui o Alto Comissariado Contra a Corrupção e Ilegalidade Administrativa de Macau concede a este um estatuto que corresponde, se comparado com as instituições da República, a uma soma das competências da Alta Autoridade Contra a Corrupção com as do Provedor de Justiça - não havendo no entanto em Macau, ao contrário do que entre nós se verifica, possibilidade de acesso directo dos cidadãos ao Provedor, neste caso Alto Comissário Contra a Corrupção e Ilegalidade Administrativa.

Saliente-se ainda que o futuro Alto Comissário deverá dispôr de dois Altos Comissários Adjuntos - um dos quais, segundo parece ser sub-entendido, falando forçosamente o cantonense.

Finalmente, diga-se ainda que, segundo as nossas informações, o prazo concedido a Luís Silveira para ponderar se, sim ou não, aceita o cargo para que foi convidado, expira a 21 de Setembro - curiosamente uma data muito próxima daquela que, em círculos de Macau, é tida como a da eventual publicitação, pela Procuradoria Geral da República, do relatório final do inquérito ao chamado «caso do fax de Macau», no qual muito se tem falado do possível envolvimento, como arguido, do actual Governador do território, engenheiro Carlos Melancia.

Informação COMERCIAL

Grande Prémio de Portugal 90
em Fórmula 1
22 e 23 de Setembro.
Vá ao Autódromo mas...
Vá de Comboio.

A CP e a Rodoviária Nacional organizam serviço combinado especial nos dias 22 e 23 de Setembro, com partidas de Cais do Sodré e outras estações da Linha de Cascais com destino a Estoril e vice-versa;
Para este serviço foram emitidos bilhetes de ida e volta ao preço único de 500$00.
Bilhetes à venda nas estações da CP da Linha de Cascais.

Caminhos de Ferro Portugueses

Municípios: um novo golpe com a quebra nos impostos

Os valores dos impostos municipais diminuiram, em relação aos cobrados no ano passado, mesmo em termos absolutos, agravando a delicada situação financeira das autarquias. A revelação, que contraria as versões optimistas que têm vindo a público, foi feita ontem pela Associação de Municípios, cujo órgão executivo reuniu em Coimbra.

«Difícil se torna gerir, quando os meios são efectivamente menores», afirma um comunicado distribuido à Comunicação Social, que alude aos efeitos da inflação, aumentos salariais e novos encargos sociais. A situação resulta directamente da «eterna» reivindicação da ANMP, que apesar dos sucessivos encontros com responsáveis ministeriais ainda não foi satisfeita: a compensação financeira das isenções de impostos locais (Constribuição Autárquica, derrama, sisa e outros) determinadas pelo Governo.

A questão vai ser uma vez mais colocada pelo órgão representativo do poder local em reunião solicitada ao ministro do Planeamento e Administração do Território. A Associação entende que a situação deve ser invertida no Orçamento de Estado para 1991, «esperando-se que Portugal saia da cauda dos países europeus quanto ao montante de verbas transferidas para as autarquias.

Entre os problemas que voltará a abordar nos contactos institucionais que ontem propôs, figura o do relacionamento entre a EDP e os municípios em dívida para com a empresa, que tem vindo a arrastar-se. A possibilidade de ser assinado um protocolo está de pé há vários meses, mas o processo tarda a ser concluido.

Adiantamentos de verbas da CEE

O Conselho Directivo da Associação analisou, também ontem, a problemática dos adiantamentos de verbas atribuidas aos municípios no âmbito do FEDER. Depois de, em Agosto passado, ter apresentado ao Governo um «projecto de protocolo global» sobre esta matéria, acaba de propôr a transferência de pelo menos 45 por cento do montante das comparticipações daquele fundo comunitário.

Abandonado o anterior esquema de reembolso de despesas efectuadas, já claramente revogado pela própria Comunidade, o que está a ser aplicado consiste na transferência para as autarquias de apenas 30 por cento dos adiantamentos (da ordem de 50 por cento) provenientes do FEDER. Através dele - acusa a ANMP - o Governo não está apenas a «prejudicar o aproveitamento pleno das verbas que Portugal tem à disposição». Está, também, a ser financiado pelos próprios municípios.

Naturalmente, para os órgãos do poder local, o ideal seria receberem por inteiro a parcela comunitária dos seus investimentos. Porém, a Associação aceitou a argumentação governamental respeitante à necessidade de gestão racional de meios disponíveis, pelo que «fixou» a sua proposta em 45 por cento.

Redacção «DL»

«Loy» traz mensagem para a paz em Angola

O ministro angolano das Relações Exteriores chega hoje a Lisboa com uma mensagem do Presidente José Eduardo dos Santos para Cavaco Silva. Pedro de Castro Van-Dunen vem conferenciar com o primeiro-ministro português, Cavaco Silva, sobre o processo de paz em Angola. A quarta ronda de negociações entre as delegações da UNITA e do Governo de Luanda está prevista para a segunda quinzena deste mês.

«Loy», nome por que também é conhecido o ministro das Relações Exteriores de Angola, será amanhã recebido por Cavaco Silva, para lhe entregar a mensagem, segundo fontes diplomáticas portuguesas.

O ministro angolano terá ainda encontros com o secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros e da Coperação, Durão Barroso, mediador dos contactos directos preliminares entre o governo de Angola e a UNITA. O primeiro-ministro português recebeu ontem em S. Bento o bispo de Uíge, D. Francisco da Mata Mourisca, que lhe entregou um mensagem do episcopado angolano agradecendo «os serviços do Governo português em prol da paz em Angola».

No final da reunião com Cavaco Silva, o bispo de Uíge disse aos jornalistas que a guerra continua em Angola e é «cada vez mais atroz». Nos últimos tempos «recrudesceu», sobretudo no Norte do País, onde se situa Uíge , referiu o prelado.

Interrogado sobre as esperanças de paz, o porta-voz do episcopado angolano afirmou que existem, mas é necessário passar aos actos e que os acordos sejam assinados - sublinhou.D. Francisco Mata Mourisca admitiu ainda que o Papa visite Angola em 1991, caso isso não seja possível este ano, dada a agenda sempre nuito sobrecarregada do Sumo Pontífice.

Portugal e Cabo Verde cooperam nas áreas militar e das finanças

Novas possibilidades de cooperação militar poderão resultar da visita oficial de dois dias do primeiro-ministro de Cabo Verde a Portugal, esperança que se alarga aos domínios da imigração, educação (bolsas de estudo), formação profissional e finanças. Pedro Pires e Cavaco Silva deverão concluir, ao princípio da tarde, algumas das questões ontem deixadas em aberto, em particular na área da cooperação militar e sobre o processo de paz em Angola.

Nem o primeiro-ministro português nem o seu homólogo caboverdiano abordaram, contudo, a cooperação militar nos discursos ontem à noite proferidos em Queluz, no jantar oferecido por Cavaco ao seu convidado. Quanto à situação internacional apenas aludiram à evolução no Centro e no Leste da Europa e ao probema do Golfo.

Pedro Pires conclui esta tarde a visita oficial de dois dias a Portugal com nova reunião com Cavaco Silva depois de ter visitado o LNETI e o LNEC esta manhã.

Cooperação e relações bilaterais são matérias que os dois primeiros-ministros deverão desenvolver na conferência de Imprensa conjunta convocada para S. Bento. Segundo afirmou Pedro Pires, a cooperação entre os dois países atingiu nos últimos anos nível nunca antes conhecido. O primeiro- ministro de Cabo Verde, que ontem sublinhou esse facto ao «DL» antes de se encontrar com Cavaco, realçou à noite, no Palácio de Queluz, a importância do papel que o primeiro-ministro português tem desempenhado no reforço dos laços com os «Cinco».

Aliás, a importância internacional que os cinco países lusófonos têm vindo a obter e a sua cooperação com Portugal foi salientada pelos dois oradores no jantar que Cavaco ofereceu a Pedro Pires. Depois de elogiar a evolução do processo político em Cabo Verde para o pluripartidarismo, Cavaco disse da sua satisfação pelos PALOP's «assumirem uma posição liderante em África na corrida para a democracia representativa e a liberdade económica». Destacou a presença de dezenas de empresários no jantar, considerando que estes manifestam «uma confiança redobrada no futuro de Cabo Verde, para o que muito tem contribuído a acção de Pedro Pires», disse.

O primeiro-ministro caboverdiano afirmou vir como amigo e considerar-se «entre amigos». Manifestou a sua preocupação pela crise do Golfo, considerando que «os pequenos países deveriam poder contar contar coma ONU para fazerem respeitar a sua integridade territorial».

Pedro Pires almoçou ontem com Mário Soares antes de se deslocar à Assembleia da República, abordando as reformas políticas em curso no seu País em transição para o pluripartidarismo, em ambos os encontros.

Na próxima sexta-feira será recebido pela comunidade do seu País residente nos concelhos de Oeiras e Amadora.

BREVES

Lei Eleitoral: PS torce o nariz

«O PS não aceita revisões constitucionais a retalho», afirmou esta manhã Jorge Sampaio em declaração política a propósito das propostas de alteração à Lei Eleitoral sugeridas em Agosto pelo primeiro-ministro. O secretário-geral socialista considera que Cavaco Silva «silenciou» todas as grandes questões prementes, como a construção europeia e a imperiosa modernização da economia portuguesa e a crise no Golfo, tomando as eleições autárquicas como pretexto para «abrir novamente o «dossier» da revisão constitucional.

Portugal não envia tropas para o Golfo

O ministro da Defesa excluiu a utilização de forças terrestres para a crise no Golfo no «actual cenário». «O Governo tem tomado todas as suas decisões no quadro das resoluções do Conselho de Segurança das Nações Unidas», sublinhou Fernando Nogueira à saída de uma reunião com a Comissão Parlamentar de Defesa. «Portugal neste momento penas considera a possibilidade de utilizar meios navais», acrescentou, numa aparente resposta ao apelo feito 2ª-feira pelo seu homólogo norte-americano James Baker, no sentidode um maior envolvimento da NATO no conflito. Como aspecto mais importante da reunião, segundo fontes parlamentares, Nogueira admitiu a hipótese - embora «muito remota» - de Portugal «sofrer uma ameaça militar directa, caso o conflito alastrasse».

Humberto Delgado vai ter memorial em Espanha

A Comissão Nacional de Homenagem ao General Humberto Delgado deslocou-se hoje a Olivença e Vila Nueva del Fresno, para contactos com os autarcas locais com vista à construção de um memorial no local onde foram descobertos os cadaveres do «general sem medo» e da sua secretária, Arajayra Campos. «Esta homenagem no território vizinho reveste-se do maior significado, dado haver por parte das autoridades espanholas o grande interesse em assinalar os factos históricos que ensombraram o passado dos dois países», afirma a Comissão.

Mário Soares no Douro a bordo da «Sagres»

O Presidente da República esteve ontem no navio-escola «Sagres», atracado no Cais da Alfândega, em Gaia, para testemunhar o seu empenhamento e apoio ao projecto de recuperação da fragata «D. Fernando e Glória». A recuperação está orçada em 700 mil contos, participando o Estado português com cerca de 50 por cento do sau custo, através da Comissão Nacional dos Descobrimentos. O resto deve vir da iniciativa privada.

PCP considera um êxito a Festa do «Avante!»

Em balanço ontem tornado público, a Comissão Política do PC considera que o êxito da Festa do «Avante!» veio reafirmar «o papel indispensável do PCP no presente e no futuro de Portugal» como «importante estímulo à luta contra a política de governo PSD». A nota salienta «a nova e grandiosa afirmação de força, capacidade organizativa, criatividade e apoio de massas» e o facto da campanha dos «150 para a compra do terreno» da Atalaia, já ter ultrapassado os cem mil contos.

Cavaco Silva visita «santuário de aves»

O primeiro-ministro visitou hoje a zona da Lagoa de Albufeira, no concelho de Sesimbra, que se apresenta como «habitat» de 76 espécies de aves. A zona está em fase de recuperação desde 1987, ano em que foram demolidas cerca de 600 casas clandestinas, por decisão do então secretário de Estado do Ambiente, Carlos Pimenta. Trata-se de uma mancha verde maior que Monsanto, encravada numa zona de dunas e em contacto com o oceano. Das espécies de aves acima referidas há 55 que ali nidificam. A lagoa é ainda rica em camarão - seis espécies-, chocos e lulas.

PSD de Nisa exige demissão do presidente da Câmara

O PDS de Nisa, distrito de Portalegre, exige a demissão do presidente da Câmara Municipal, José Manuel Basso. desligado do Partido Comunista depois do congresso e conotado com os críticos. Ao autarca é atribuída a responsabilidade pelo «estado de subdesenvolvimento em que se encontra o concelho». Basso reagiu já a essa acusação, desmentindo que os salários pagos à equipa de vereadores seja de mil contos e garantindo que a dívida da autarquia diminuiu de 100 mil para 60 mil contos.

Diário de Lisboa

Fundado em 1921
Editado por Diário de Lisboa, S.A.

Presidente do Conselho de Administração: **António Ruella Ramos.**
Administradores: **Maria do Carmo Ruella Ramos, João Manuel Ruella Ramos, António Brás Monteiro e António Gomes da Costa.**
Secretário-geral: **Jorge Galamba.**

Director **Mário Mesquita**
Directora-adjunta **Diana Andringa**

Exerceram anteriormente a Direcção:
Joaquim Manso (1921/1956)
Norberto Lopes (1956/1967)
António Ruella Ramos (1967/1989)

Chefe de Redacção
Acácio Barradas
Chefes de redacção-adjuntos:
José Leite Pereira, Paulo David, Rodrigues da Silva e Rui Camacho

Redactor-principal
João Paulo de Oliveira

Coordenadores de Secção:
António José Teixeira, João Galamba de Oliveira, José Luís Feronha, Neves de Sousa e Vítor Leitão

Repórter-coordenador:
Adelino Cardoso

Redacção e reportagem fotográfica:
Almeida Henriques, Alves Henriques, Ana Mafalda Inácio, Ana Paula Sá, Augusto Vilela, Carlos Camponez, Céu Neves, Daniel Reis, Dina Soares, Duarte Calvão, Elsa Andrade, Emília Trindade, Ernesto Sampaio, Fernando Brederode Santos, F. Dias Brito, Gisela Oliveira, João Isidro, Jorge Ferreira, José Rui Cunha (Bruxelas), Júlio Rodrigues, Luísa Alexandra Botinas, Lurdes Féria, Maria Antónia Martinho, Maria João Martins, Maria João Rocha, Maria José Belo Marques, Marina Tavares Dias, Paulo Martins, Pedro Alvim, Pereira de Almeida, Rodrigues Borges, Rui Eduardo Paes, Rui Ferreira e Sousa, Rui Nunes e Rui Pacheco

Colaboradores permanentes da Redacção: **Alessandra Balsamo, Francisco Paraíso, Isabel Joyce, Jorge Fallorca e Roby Amorim.**

Cartoonistas: **António Alfredo, Brito e Pedro Palma**

Grafistas:
Ribeiro da Silva (coordenador), **Ermelinda Silva, Filipe Veríssimo e Luís Tenreiro**

Paginadores:
Antonieta Teixeira, José António Carvalho, Jorge Santos, Óscar Figueiredo e Ricardo Magalhães

Secretária de Direcção
Maria Eduarda Soutello

Secretaria de Redacção:
José Agostinho (coordenador), **António Lima e Maria Helena Matos**

Chefe de Publicidade
Luísa Valadas

Gestor de Informática
Luís Canteiro

Redacção, Administração, Publicidade e Serviços Técnicos: Rua Luz Soriano, 44 - 1200 Lisboa. Telef. 3474870/9 - Telegramas DIBOA - Telex 12363 DIAROP

- Telefax 3467134. Impresso na Renascença Gráfica, SA - Rua Luz Soriano, 44 - 1200 Lisboa.

Distribuído por Interpress - Rua do Norte, 115-1º - 1200 Lisboa - Telef. 322100/322204/320784. Delegação Norte: Rua Monte dos Pipos, 326 - Custóias - 4450 Matosinhos - Telef. 9531566 Fax 9531023

Depósito legal nº 1426/82. Preço do jornal: no Continente, 70$00; na Madeira, 75$00; nos Açores, 85$00.

SOBRE UM ARTIGO DE MÁRIO MESQUITA

Por Nuno Rocha

Li com o interesse de sempre o editorial de Mário Mesquita no «Diário de Lisboa», «Morrer pelo Emir». Alguns monumentos da Imprensa portuguesa, como o «Diário de Lisboa» e «O Primeiro de Janeiro» enfrentam dificuldades que desejo sejam transponíveis. Tratam-se de jornais que me ensinaram a ler e, aliás, em cujas redacções fiz a aprendizagem do jornalismo. O mesmo, enfim, se passa com «Le Monde», em França, o que pode significar algo de mais grave — que os bons jornais não despertam o interesse dos bons leitores. Talvez a Televisão seja responsável por esta brutal crise que avassala a Imprensa portuguesa e mundial. Os telejornais cada vez mais activos e a televisão passou a ser também, cada vez mais um domínio dos jornalistas. As notícias já aparecem no ecrã no momento em que se produzem. Privilegiando a informação, a RTP, por exemplo, é hoje tão ou mais importante do que um jornal. A forma de sair da crise não está descoberta. Pelo caminho vão enfrentando a tragédia os jornalistas que perdem os empregos e os lugares onde escrever. As tentativas contra a corrente vivem também momentos difíceis. Em França, encerrou o excelente «L'Evenement du Jeudi» um semanário que pretendia ser e era diferente. Em Portugal, apareceu o «Público» que faz a sua via-sacra para se impor. Em Espanha, reina a confusão segundo relata Juan Luis Cebrian no último «IPI Report»: um «boom» de jornais em Madrid e Barcelona aproveitando o magnífico momento da economia socialista espanhola. O «El Pais» tira mais de 1 milhão de exemplares à semana e mais de 3,5 milhões ao domingo. («As», desportivo, tira 816 000, «El Periódico», de Barcelona, tira 750 000 e o tradicional «ABC», de Madrid, 727 000). Em Portugal só os jornais desportivos chegaram alguma vez aos 200 000 exemplares. Os poderosos («Expresso, «Correio da Manhã» e «Jornal de Notícias») não conseguem ultrapassar os 150 000 exemplares. Com estes números, estando as matérias-primas e os salários cada vez mais elevados, não há talento jornalístico que resista. Dir-se-á que estamos perante a selecção do mercado: ficam os melhores e desaparecem os mais fracos. Mas o problema é mais vasto porque, analisadas as tiragens, verifica-se a tragédia: os portugueses não lêem, não têm gosto pela cultura. Não vão ao teatro nem ao cinema e não compram livros. Vêem televisão porque é gratuita (a RTP nunca divulgou quantos detentores de aparelhos não lhe pagam as taxas). Estamos perante uma dramática debilidade económica — nada mais do que isso. Não sei qual será o Governo que, um dia, poderá encarar com sucesso este problema levando o País a aderir na proporção do seu número de habitantes à compra de jornais, ao teatro, ao cinema e aos livros. Valem-nos, no entanto, diante da desgraça que nos atingiu, os editoriais como «Morrer pelo Emir» — porque fazem reflectir e fazem pensar. Os jornalistas que escrevem editoriais são os que melhor acompanho. Desejo confrontar com as deles as minhas interpretações dos factos. Algumas vezes estou de acordo e outras não.

Aquele editorial sobre a guerra do Golfo (que já começou faltando saber como termina) identifica-se pelo título. Conheço a tese ali defendida, porque a li, também, nas últimas edições do «L'Express» de Paris. Saddam Hussein não fez mais do que libertar milhões de árabes famintos das garras dos emires ricos. Estaríamos perante novas interpretações da Bíblia, desta vez desenvolvidas pelos muçulmanos. Hussein seria o libertador. Mas se Mário Mesquita leu o «L'Express» (admito que sim, dada a vasta bibliografia que ressuma do seu magnífico editorial) encontrou o relato da primeira cimeira da Liga Árabe no Cairo logo a seguir à ocupação do Kuwait. O ministro deste país dirigiu-se furioso ao seu colega do Iraque e invectivou-o violentamente. O ministro de Hussein respondeu-lhe no mesmo tom: «invadimos o Kuwait porque vocês não responderam aos nossos pedidos de auxílio financeiro. Já não podíamos suportar mais o peso da nossa dívida.» Vejamos, então, o primeiro facto: Saddan Hussein invadiu o Kuwait porque o seu país estava endividado e à beira da bancarrota. É público que o Iraque detém uma das maiores dívidas externas do Mundo. Segundo facto: porque é que o Iraque chegou assim ao endividamento externo? Porque comprou armas a mais. Em vez de construir laboratórios destinados a preparar armas químicas, o ditador iraquiano (não há dúvidas de que se trata de um tirano) devia ter antes irrigado os campos (como fizeram os israelitas) construído estradas e fábricas de produtos de importação. Isto é: devia ter contribuído para o desenvolvimento do seu país e para o enriquecimento do seu povo.

Conhecem-se as velhas teorias de que os americanos intervêm nos conflitos para defenderem os seus interesses. Hoje esta ideia está ultrapassada. Os americanos (os norte-americanos) batem-se predominantemente pela defesa da democracia. Nem sempre têm tido êxito. É o caso da sua «guerra» no Iraque. Deixaram Saddam Hussein armar-se e não descobriram a tempo os seus planos para invadir o Kuwait. Se alguma coisa se deve recriminar aos Estados Unidos é o fracasso dos seus serviços secretos. Não se compreende que a invasão do Kuwait tenha ocorrido de forma a que o seu conhecimento tivesse chegado a Aman duas horas antes do seu início. Mário Mesquita nota-o com grande acuidade logo no início do seu artigo. O Cairo de nada sabia, Riad também não. Em Junho, os americanos elogiavam o Iraque... No próprio Kuwait, no dia da invasão, o Emir quase não tinha tempo para fugir de helicóptero para a Arábia Saudita.

O mundo livre deve muito aos norte-americanos. Deve-lhes a democracia liberal que tem feito a riqueza e a prosperidade de tantos povos. Mas deve pedir-lhes mais atenção em matéria de vigilância contra os ditadores. Se os Estados Unidos não tivessem enviado tropas para a Arábia Saudita, Assan Hussein tê-la-ia invadido também seguindo-se depois a guerra contra Israel. Dominaria hoje mais de 60% do petróleo que o Mundo consome. Não podemos estar sujeitos, agora que chegá-mos a um consenso quase universal sobre a Paz, aos ditames de um novo Hitler.

Quanto a Granada e ao Panamá, não parece haver comparação possível. O Iraque anexou *(ad eternum?)* o Kuwait; os Estados Unidos, embora defendendo os seus interesses, não anexaram esses países e apoiam os regimes democráticos aí implantados.

Permita-se-me que reflicta ainda um pouco mais sobre o notável editorial do «DL». Há bens que não pertencem apenas aos povos que os possuem. São bens universais. É o caso do petróleo. Bem ou mal, a Humanidade construiu o presente século (e, pelo menos, o próximo) sobre o uso do petróleo. Sem este benefício o mundo seria imediatamente paralisado. Não me refiro, apenas, ao mundo civilizado. Todo o mundo precisa, hoje, de petróleo o que significa que este bem não pode ser administrado ao bel-prazer de quem o possui. Nascer no Iraque ou no Kuwait significa que se nasceu num país estratégico. Podem condenar-se os emires que, beneficiando de condições étnicas e religiosas, guardam para si partes importantes da riqueza que os seus países detêm. Mas não era, sequer, o caso do Kuwait. Conheço os países árabes e, em nenhum, se vivia tão bem como no Kuwait, chamado justamente «a Suíça Árabe». Os kuwaitianos dispunham da melhor tecnologia mundial ao seu serviço — grandes auto-estradas, televisores sofisticados, alimentos de primeira qualidade.

A invasão do Kuwait pelo Iraque não tem justificação. Saddam Hussein e alguns jornalistas árabes falam de direitos históricos. Por esse princípio, Portugal devia ser invadido pela Espanha. Em tempos, o nosso país fez parte de Castela. Se o País Basco é dominado pelos castelhanos, tal como a Catalunha, a Galiza, tal como o País Valenciano ou os an-

FUNDAMENTALISMO ISLÂ

No momento em que o fundamentalismo islâmico alastra no Norte de África, sobretudo depois da vitória retumbante da FIS - Frente de Salvação Islâmica, de Abbas Madani, na Argélia, todos os vizinhos desse país do Magreb começam a precaver-se das eventuais consequências gravosas da implantação efectiva desse movimento no terreno.

Aliás, esse movimento penetra, sobretudo, onde a injustiça, a penúria e o desemprego assolam as sociedades.

Assim, em Marrocos e na Mauritânia, o fundamentalismo manifesta-se através do Marabutismo — aproveitamento das antigas confrarias iniciáticas do Sufismo — voltando-se para o «interior», mergulhando nas raízes, quer da religião quer do homem, evitando por agora, qualquer envolvimento com a «coisa pública», deixando como que, em termos estratégicos, o campo político para segundas núpcias.

Em Marrocos, não esqueçamos que o rei se apresenta como «chefe dos crentes» (Amirul-Mo'emenin), à semelhança da rainha Isabel, que é chefe máxima do Anglicanismo, na Inglaterra, facto que dificulta, de certo modo, o enraizamento dos fundamentalismos que, em última análise, pretendem, efectivamente, atingir o poder.

Segundo vários analistas internacionais da temática árabe, «para que o rei Hassan II não seja o último monarca do reino de Marrocos», e para se travar a marcha do fundamentalismo, era necessário que o monarca alauita, ainda em vida, «preparasse a sociedade marroquina para o desafio dos anos vindouros, tendo bem presente e levando em conta que o bem-estar não pode ser apanágio de uma minoria reduzida, ligada à coroa».

Na Tunísia, o partido «Ennahda» (a Renascença), de Rachid Ghannuchi, apesar de estar em progressão crescente, continua na clandestinidade.

Para, em síntese, completar o quadro do fundamentalismo, nos países que hoje constituem a União do Nagreb Árabe (Argélia, Líbia, Marrocos, Mauritânia e Tunísia), cabe agora aflorar alguns aspectos desse movimento, no que diz respeito à Líbia.

Neste país, pelo menos até agora, o fundamentalismo não foi coroado de êxito, na medida em que se julgou salutar apresentar uma contra-argumentação, a todos os níveis, porque, como dizia um jornalista árabe, «as ideias devem ser combatidas com outras ideias, pois desconhecer uma realidade é praticar a

FORUM

Grupo de estátuas sumérias encontradas nas ruínas dos templos de Tell Asmar e de Nafar, no Iraque (primeira metade do séc. III A.C.)

daluzes (todos com cultura própria) também Portugal devia ser, hoje, uma tentação para Felipe Gonzalez. Este argumento é duro e magoa o sentimento nacionalista deste pequeno-grande povo que nós somos. Mas trata-se de uma comparação precisa. O Kuwait tinha uma identidade própria, constituía uma Pátria — com figura jurídica há muito reconhecida pela ONU. Não se pode comparar a invasão do Kuwait com a de Timor-Leste em 1975 como fez, numa opinião atribiliária, o dr. António Maria Pereira seguido até pelo ministro dos Estrangeiros... Mas pode comparar-se a invasão do Kuwait com a hipotética invasão de Portugal por parte da Espanha. Não esqueçamos que Timor-Leste era uma colónia sem Governo e sujeita a uma guerra civil terrível quando a Indonésia invadiu o território. Os portugueses haviam fugido de noite, seis meses antes do assalto indonésio a Díli. Este não foi o caso do Kuwait que tinha Governo legítimo e vivia em perfeita concórdia interna e externa. Não está em causa ignorar o dever dos indonésios respeitarem os direitos humanos naquele território. Mas os direitos humanos devem ser respeitados por toda a Humanidade. E o ditador Hassam Hussein não respeita os direitos humanos no seu próprio país. Não esquecemos a brutalidade com que foi assassinado por ele o jornalista inglês alvo da sua violência. Por mais raciocínios que se desenvolvam, só há uma forma de encarar o pro-blema do Golfo: Saddam Hussein é um ditador e deve ser obrigado pela comuni-dade internacional (oxalá que por meios pacíficos) a retirar as suas tropas do Kuwait, devolvendo a este país e ao seu pacífico povo, a sua soberania, reconhecida há muito pelo concerto das Nações.

A resposta do director do «DL»

O mundo Rocha

O que me separa de Nuno Rocha é, antes de mais, o idioma português.

Por outras palavras: o que Rocha leu no meu artigo não está lá escrito, nas linhas ou nas entrelinhas, directa ou indirectamente.

O fundador do «Tempo» rotula de «magnífico» e de «notável» o editorial «Morrer pelo Emir», mas atribui-me esta tese bizarra: «Saddam Hussein não fez mais do que libertar milhões de árabes famintos das garras dos emires ricos». Como nunca disse, não escrevi, nem penso tal coisa, quero desautorizar, firmemente, a interpretação abusiva de Nuno Rocha.

Registo os elogios que, tão generosamente, me prodigaliza, mas a melhor homenagem que poderia prestar ao editorial que tanto apreciou seria lê-lo correctamente, sem extrapolações ou juízos de intenção.

Sejamos optimistas: virá o dia em que Nuno Rocha compreenderá que nem o jornalismo se identifica necessariamente com a propaganda política, nem a circunstância de Saddam Hussein ser um ditador aventureiro o transforma automaticamente num «novo Hitler»...

Nessa altura, a percepção do mundo pelo nosso interlocutor tornar-se-à menos linear, coerente e unidimensional. O fim do maniqueísmo, como se tem visto a Leste, envolve certos riscos, mas o Nuno Rocha saberá ultrapassá-los e - para regozijo de todos nós, seus leitores atentos, veneradores e obrigados - sobreviverá.

M. M.

Cruzada de rabo à mostra

Quem disse que este país não passa do mesmo? A crise do Golfo veio demonstrar os grandes progressos feitos pela corrupção dos espíritos. Senão, vejam o coro subserviente de apoio à histeria militar americana que por aí vai, a pretexto de condenar a aventura de Saddam Hussein. *Falcões* de trazer por casa reclamam na Imprensa, em acessos de fervor justiceiro, a firmeza do Ocidente, aplaudem todos os sinais de escalada americana, anseiam pelo começo da guerra — e ninguém parece indignar-se.

Assiste-se mesmo a este fenómeno kafkiano: o governo de Cavaco cede abjectamente a tudo o que os EUA dele exigem, transforma o território nacional em base de ataque a outros países sem sequer pedir explicações ou garantias, cede barcos para transporte de tropas americanas; e a oposição, o PS sobretudo, barafusta que o Governo é vacilante, que não se empenha como devia, que nos deixa ficar mal perante os aliados — isto é, critica Cavaco *pela direita*. À excepção da mole e ambígua demarcação do PCP, bem à medida da sua decadência, quase não há uma voz que se levante contra a podre hipocrisia disto tudo.

E, no entanto, esta novíssima cruzada pelos direitos humanos vai de rabo à mostra. Só ainda não foi afogada no ridículo porque a histeria guerreira berra mais alto que ninguém. Mas os factos são teimosos e acabam por vir ao de cima.

Há meia dúzia de meses, quando ocidentais e soviéticos continuavam a atulhar os arsenais do Iraque com as armas mais sofisticadas (inclusive armas químicas), não estavam fartos de saber que Saddam Hussein é um tirano fascista sem escrúpulos e um genocida? Porque é que há dez anos as potências não decretaram o embargo da venda de armas ao Irão e ao Iraque e preferiram fazer lucros sobre o massacre de um milhão de pessoas? A indignação tardia contra «o novo Hitler» não visa convencer os soldados do Ocidente a fazerem-se matar como carneiros pelas armas que os seus próprios governos venderam ao ditador? E o folhetim sobre a «tragédia dos reféns», que já faz vómitos, não é um expediente publicitário para criar uma corrente de opinião favorável à guerra e para ocultar os sofrimentos e humilhações impostos às populações árabes pela força invasora americana? Deste quando se tornou Bush, esse sinistro *padrinho* de todas as mafias, um protector dos povos oprimidos — ele que nunca se lembrou de decretar o bloqueio a Israel, apesar deste manter a Palestina ocupada e assassinar as crianças da *Intifada*? E que diabo de autoridade pode sobejar à prostituída «democracia americana» para convocar guerras em defesa da soberania dos pequenos países, se ainda há oito meses estava a invadir o Panamá para calar um ex-agente da CIA que ameaçava falar de mais? Não é o cúmulo da farsa uma potência que está a matar à fome milhões de seres humanos no Terceiro Mundo para assegurar a cobrança dos juros pelos seus bancos aparecer agora a exibir esta ira sagrada por causa dos direitos humanos no Koweit?

Toda a gente, à excepção de alguns parvos incuráveis, sabe que isto é assim. Todos sabem que o poderio de Saddam, tal como o dos *ayatolahs*, de Assad, de Suharto, de Hassan, se alimenta das armas que lhes vendem e da ira popular causada pelas espoliações dos países ditos civilizados. Todos sabem que não existe nenhuma nação koweitiana mas apenas um Estado-tampão fabricado pelos ingleses no fim da Guerra Mundial para fechar o acesso do Iraque ao mar e mantê-lo sob controlo. Todos sabem que a «impressionante solidariedade internacional» contra Hussein é orquestrada pelo interesse ou imposta pela chantagem económica, política e militar dos Estados Unidos.

Todos sabem que o que está em jogo no Golfo não são direitos humanos nem democracia nem soberania das nações mas apenas o preço do petróleo, que Saddam quer subir e que o Ocidente quer manter barato, para poder continuar a fazer «milagres económicos» à custa da miséria dos outros. E no entanto todos, ou quase todos, jogam o jogo.

Porquê? Porque é mais cómodo aceitar as verdades dos que mandam neste mundo, encostando-nos à sombra do seu poderio e aproveitando as migalhas que eles deixam cair da mesa. Mas não só. Este desbragado anseio por ver os EUA «meter na ordem» um ditador recalcitrante pedindo sangue cá da retaguarda, como hienas, mostra que a miserável burguesia deste País sonha com uma desforra esmagadora, que a liberte dos pesadelos em que a derrota colonial e o ano de 75 a mergulharam.

É possível que toda esta fantochada «humanitária» acabe com um ajuste no preço do barril do petróleo. Mas algo ela deixará de novo ao Pentágono: a confirmação de que a «nova era de paz» lhe trouxe a chefia «unipolar» deste mundo; e a segurança de que pode contar com a fidelidade canina de países como Portugal. O preço disso seremos nós todos a pagá-lo. Oxalá me engane.

Francisco Rodrigues

MICO E O MAGREB

política de avestruz, o que nada resolve».

Assim, ainda em Janeiro de 1990, o líder líbio, coronel Muammar Kadhafi, dizia que «o fundamentalismo tem por finalidade fazer voltar a ideia do Califato (retenção do poder temporal e espiritual nas mesmas mãos, tal como na Idade Média), o qual só vem favorecer os nossos inimigos, que pretendem dividir-nos, cada vez mais — desta vez com base na própria teologia — para nos manterem adormecidos, com o objectivo de espoliarem os nossos bens...»

Kadhafi, em defesa da sua tese, salientou então que a ideia do «Califato» desapareceu com o 4.º califa, Ali Ibn Abu Talib, com o qual, na história do Islão, desapareceu a razão de ser dessa instituição. A partir de então, todos os califas ficaram reduzidos ao seu poder espiritual e, no islamismo, passou a vigorar a seguinte máxima latina: «Dar a César o que é de César e a Deus o que é de Deus.»

Quer se queira ou não, neste momento, existe uma luta entre os fundamentalistas (os que, em nome da religião, pretendem dominar o poder e implantar uma sociedade «mais de acordo com os ensinamentos islâmicos») e os muçulmanos não fundamentalistas (que pretendem fazer uma destrinça entre os valores tempo-rais — do foro de «Duniyá» — e os espirituais — os do foro de «Din»), que condicionará o futuro desenvolvimento de todo o Norte de África... Sem esse de-senvolvimento, como é óbvio, não haverá paz nem segurança, pelo que aos cidadãos mais esclarecidos caberá o importante papel de conseguir o equilíbrio entre o temporal e o espiritual (sem o primado de nenhum deles) com o objectivo de se salvaguardar a própria independência desses mesmos países...

Sulelman Valy Mamede

FORUM

LETRA DE FORMA

Diário de Notícias

Do editorial de Diniz de Abreu:

(...) Os reféns têm sido libertados a «conta-gotas» enquanto vão surgindo as primeiras dúvidas sobre se a deposição de um emir vale o sacrifício de inúmeras vidas. Neste ponto, porém, a Cimeira de Helsínquia foi, também, conclusiva: na ordem internacional é intolerável que os mais fortes se prevaleçam dessa vantagem para «devorar» os mais fracos.

É bom não esquecer que há sempre ditadores em «lista de espera» preparados para aplicar, hoje no Médio Oriente, amanhã algures no mundo, o princípio do facto consumado e a «lei da selva». Se a aventura de Saddam vingasse, outros poderiam sgui-lo com idêntica «legitimidade» - e com ou sem «fundamento» histórico.

Neste contexto, não será arriscado prever que a «fuga em frente» do líder iraquiano tem os dias contados.

11.SET.90

PÚBLICO

Do editorial de Vicente Jorge Silva:

(...) Soares criou ele mesmo a teia em que se deixou aprisionar - e em que, no fundo, aprisionou o país. De facto, se não há concorrentes para disputar a eleição a Soares é porque Soares convenceu os portugueses e a classe política da inutilidade dessa disputa. O complexo da impopularidade que o marcou enquanto primeiro-ministro levou-o a exaltar e praticar o consenso como Presidente, apaziguando e esvaziando as diferenças políticas. A popularidade imensa que conquistou acabaria por retirar espaço à afirmação de outras ambições. Mas, bem vistas as coisas, também à sua.

11.SET.90

O PRIMEIRO DE JANEIRO

Da coluna «Crónicas intemporais», de Maria da Glória Padrão:

(...) Suspensos estamos todos das palavras, no caminho da hipótese e do provável e a suspensão se dá como notícia ao mundo. Quando eles se encontram, os diplomatas, não sabemos se o diálogo existe porque só há diálogo onde há disponibilidade profunda dos dialogantes. Nas capitais devoradoras eles juntam-se. Mas ninguém pode garantir do rancor que estremece nos encontros, mas ninguém pode jurar que os conciliadores dos riscos não sejam mais que teatro. De dos subterfúgios das palavras está o mundo, das tabuadas das parcialidades por elas ditas se constrói um estatuto de confiança mesmo que frágil sobre elas. (...)

11.SET.90

o Diabo

Da coluna «A esquiva da memória», de João Coito:

(...) Os dois comentadores escolhidos pela RTP para comentar a crise do Golfo - o embaixador Franco Nogueira e o jornalista Miguel Urbano Rodrigues - por milagre inesperado, comungavam dos mesmos pntos de vista quanto ao essencial, isto é, se o prof. Salazar estivesse na chefia do governo português ou se o dr. Álvaro Cunhal prontificasse no executivo, a atitude oficial etria sido praticamente igual... Mesmo quando o jornalista salientou o estado de decrepitude económica em que vivem os Eua, com a maior dívida do Mundo, o embaixador, cordato, anuiu, sem referir as «bichas» do povo soviético diante das padarias... Ambos declararam que o conflito devia ter uma solução, pacífica, no quadro das Nações Unidas, os dois entendem que a situação política naquelas paragens é de certo modo efémera, já que resulta de convénios e acertos firmados após a 1.ª Guerra Mundial. (...)

11.SET.90

CARTAS NA MESA

O PRD não foi um equívoco

Publicou o «Diário de Lisboa» um artigo assinado por Fernando Pereira Marques que, com certa piada, se dirigia a um futuro hipotético historiador do «cavaquismo» (mas sem o brilho do Fernão Lopes desse período, o autor de «O Ornitorrinco»). A certo passo da prosa, aludindo ao recrudescimento do fenómeno sob análise, atribuio o autor, em parte, aos efeitos de suposto «equívoco» chamado PRD.

Neste ponto, deixei de achar graça - e não por temor do ar austero do gen. Eanes, ou por comiseração para com as vacas do eng.º Hermínio Martinho, mas por constatar a persistente incompreensão do que foi o surgimento do partido da balança, nos idos de 1985. E veio-me à memória a imagem televisiva de um líder partidário efémero, na noite das eleições que o PRD de facto venceu e a propaganda pós-eleitoral coloriu de tons alaranjados - como nas últimas autárquicas... (andam umas abelhinhas laboriosas, de há alguns anos a esta parte, tomando conta dos órgãos difusores de informação e não há quem lhes dispute as colmeias) -, que em tom de criança injustiçada dizia, num misto de choro e de birra, que a culpa era toda do gen. Eanes! Isto é, o País, soberana e democraticamente, entendia dar uma valentíssima sova a um partido mal-educado e a culpa era do general!

Ora chamar em 1990 «equívoco» ao PRD de 1985, é voltar a cometer um erro grosseiro de apreciação, com a agravante de se não aproveitar cinco anos de útil exame. Porque o PRD não foi um equívoco: foi um aviso; um seríssimo aviso que o Partido Socialista entendeu, com inteligência; como pedagógica foi a atitude dos eleitores conscientes da necessidade de renovação do PS. (É um eleitorado maternal: para seu bem, não hesita em lhe dar umas palmadas — com aquela mãozinha, claro! — sabendo que o partido aprende a ser homem!)

Se algo ajudou o PRD a renovar, foi precisamente o seu vizinho de bancada (e daí o significado da balança, com seu movimento oscilatório: ao descer o PS, subia o partido do general; e quando, comprometido aquele — com Vítor Constâncio, J. Sampaio depois — no merecimento da confiança dos portugueses, foi a vez do prato renovador baixar. O fiel é, como não podia deixar de ser, em democracia, o eleitorado.)

O PRD não foi um acidente, um azar, mas o fruto natural do comportamento pecaminoso do PS, da falta de sentido da sua actuação, do clientelismo que era a sua imagem. Não é um mero parente ambicioso que pretende a herança dos avós, é um filho fora do casamento que logo ao nascer se vê, sem o pedir ou imaginar, contemplado com metade dos bens paternos.

Quanto ao cavaquismo, convenhamos não advir a sua maior força do surgimento do PRD em 1985 (bem pelo contrário: não fora esta válvula de escape e possivelmente o PSD repetiria (mas sozinho) logo em 1985, a façanha de cinco anos antes, a par do crescimento da extrema-esquerda, do PCP ou da abstenção), mas das eleições de 1987 (e da descida do dólar e do petróleo, e da memória curta dos homens).

Dado (ao invés do desejo expresso naquele fado) o tempo não retroceder, aproveitemo-lo, retiremos utilidade da sua experiência e aceitemos a fatalidade do cavaquismo como fonte de conhecimento. Ao contrário do que pode ter julgado quem convocou as últimas legislativas (antecipadas), uma maioria não é sinónimo de bom Governo (bem pode ser o oposto) e de qualquer modo inibe o regular funcionamento do sistema político, quando retira à AR o papel fiscalizador da actuação do Executivo e a transforma numa mera câmara de ratificação (excepto nos casos de maiorias qualificadas). Porque governar, em democracia, é dialogar.

Esperemos não ocorrer novamente uma escolha assim (os portugueses não são estúpidos: deram uma maioria ao PSD porque acharam correcto fazê-lo; confesso desconhecer por que o acharam, mas não me atrevo a chamar-lhe equívoco), que não haja mais maiorias absolutas, pois só o País beneficia quando o Governo se sabe limitado, em face do controlo da Assembleia. Claro, tudo dependerá então dos protagonistas, daqueles sobre quem recairá a tarefa difícil - e certamente apaixonante - de procurar consensos e soluções para os problemas nacionais. Isto é, tudo depende de os políticos serem pessoas de bem.

Por isso, Jorge Sampaio é uma esperança, para todos os que cremos nos valores elevados inspiradores dos ideais socialistas (com tudo o que esta ideia tem de impreciso, como de fecundo). E não nos iludamos: entre o desejo e a realidade existe um caminho longo e ignorar possíveis escolhos é a pior preparação para a caminhada. Sejamos frios na identificação dos factos e apaixonados na realização dos ideais.

Concluindo, que vai longe o arrazoado, chamar ao surgimento do PRD, em 1985 (quiçá à abstenção, nas próximas presidenciais), «um equívoco» é (ou será), no mínimo, isso mesmo.

Sérgio Tovar de Carvalho,
leitor de Aveiro

O caso dos turistas enganados

«200 turistas portugueses enganados pelas agências», lê-se no «Diário de Lisboa» do passado dia 5. Estes turistas tiveram conhecimento do engano. Mas quantos serão aqueles que nunca de tal se aperceberam? E como corrigir esta situação?

As Agências de Viagens e Turismo, nas viagens turísticas vendidas aos seus clientes, não se podem circunscrever à mera prestação de transporte, devendo constituir um complexo de serviços *(«à forfait»)* que cubra a totalidade convencionada das necessidades do turista, mediante um preço globalmente fixado. Ou seja, não poderão proceder como se fossem apenas meras empresas de transporte.

Nas viagens turísticas colectivas por via terrestre, organizadas pelas Agências de Viagens e Turismo, é obrigatório o acompanhamento dos turistas, desde a origem até ao destino, por profissionais de informação turística — neste caso, por correios de turismo. Ora, estes 200 turistas portugueses não foram seguramente conduzidos por qualquer correio de turismo habilitado, pois a actuação destes profissionais não se enquadra no procedimento verificado. Eles acompanham os turistas como representantes dos respectivos organizadores, velando pelo bem-estar daqueles e pelo cumprimento do programa das viagens. Além disso, prestam todas as informações referentes aos aspectos históricos, culturais e humanos, de carácter geral, pois é-lhes vedado conduzir visitas a museus, palácios ou monumentos nacionais.

Estes 200 turistas foram vítimas do desconhecimento do seu direito reivindicativo e do modo incorrecto em que certas empresas ligadas às viagens turísticas continuam a funcionar. É um facto que Portugal continua a ter Agências de Viagens e Turismo a mais — existem mais de meio milhar, sem contar com as filiais — para o exíguo espaço territorial que possui. Cada cliente é disputado palmo a palmo, da forma mais inimaginável possível, atropelando preceitos legais, para não mencionar a total falta de ética entre profissionais do mesmo sector. Oferecem-se produtos aos consumidores sem a necessária garantia de qualidade, a preços de tal modo reduzidos que trazem prejuízo às empresas que cumpram as normas legais, motivando, por isso, a violação das mesmas e uma concorrência desleal.

Não é de admirar (para quem conheça o meio) que haja acidentes mortais, ou que turistas fiquem sem alojamento. As regras básicas não são respeitadas. E as entidades oficiais, a quem cumpre velar pelo respeito da legislação, mantêm-se, estranhamente, alheias e teimam em ignorar as queixas que são feitas. Inclusive, criam dificuldades e desmotivam todos aqueles que pretendam participar infracções ou ilegalidades cometidas.

Os serviços de inspectoria da Direcção-Geral do Turismo (DGT), a quem compete, em primeira análise, verificar do regular cumprimento das disposições legais, têm-se mantido estáticos, parecendo pactuar com tais procedimentos. Só a muito custo se consegue obter daqueles serviços a colaboração necessária à detecção das infracções, esbarrando em seguida com toda a espécie de impedimentos para punir os infractores. Não se faltará à verdade se se disser que estimulam, ainda que indirectamente, o desrespeito à Lei vigente.

No caso de Benidorm, será aconselhável que os lesados apresentem queixa no livro existente para o efeito na respectiva Agência de Viagens, e enviá-la para os serviços competentes da DGT. Se assim o entenderem, deverão solicitar uma indemnização pela vergonha e pelos incómodos causados, indemnização essa nunca inferior ao valor despendido com a viagem.

Luís Gaspar Ramos,
leitor de Lisboa

A unificação alemã está aí

Documento comunitário minimiza receios dos portugueses

Do nosso correspondente em Bruxelas

O desenvolvimento económico rápido no âmbito da União Económica, Monetária e Social alemã não deverá prejudicar o processo de recuperação em países como Portugal, Espanha e Irlanda provocando uma redução dos investimentos. Receios nesse sentido foram já manifestados e um documento comunitário alude a essas preocupações.

O mesmo documento, que analisa exaustivamente todos os aspectos de realidade da República Democrática Alemã, desmistifica os citados «receios» afirmando: «O investimento nestes países é realizado, sobretudo, em virtude da existência de uma elevada taxa real de rendimento esperada. De um modo geral, a União Económica, Monetária e Social não alterará este factor e, devido à progressiva integração dos mercados financeiros mundiais, as restrições de ordem financeira não devem ser sobrestimadas.

No estudo que temos em mão, a Comissão apresenta propostas legislativas que incluem as adaptações técnicas e as medidas transitórias necessárias à integração harmoniosa do território da RDA na Comunidade. Portugal é apresentado frequentemente como padrão comparativo. É neste âmbito que, por exemplo, se afirma que o nível de vida da RDA é indiscutivelmente o mais elevado da Europa de Leste. Assim, o estabelecimento de comparações é dificultado por numerosas incertezas, mas o rendimento «per capita» é provavelmente superior ao de Portugal, Irlanda e Grécia, mas inferior ao da Espanha.

Problemas para Portugal

«No plano político, a abertura de 'direito' das águas comunitárias às capacidades de pesca existentes na RDA, que passarão a arvorar 'pavilhão alemão', pode colocar problemas de princípio em relação a Portugal e à Espanha» - sublinha o relatório.

Refere depois que as frotas de pescas dos dois países ibéricos não beneficiam deste direito de acesso ou não dispõem de todas as condições necessárias ao exercício prático das possibilidades de pesca concedidas.

A produção total da frota da RDA (160 mil toneladas anuais) representa dois por cento da produção da Comunidade. Objectivamente, a integração da RDA apresenta, do ponto de vista dos «recursos», características idênticas às da adesão de Portugal e Espanha, que não dispunham de meios susceptíveis de satisfazer as necessidades da actividade das suas frotas. A RDA efectua capturas com base em acordos bilaterais, que representaram, nos últimos três anos, 20 por cento da sua produção. Entre os países com os quais possui acordos encontram-se ex-colónias portuguesas, como a Guiné-Bissau e a República de Moçambique. Mas possui também relações privilegiadas neste sector com a Noruega, Suécia, ilhas Faroé, Canadá, Estados Únidos, URSS, Mauritânia, e Guiné-Conacri.

A Comissão considera que a integração dos novos pesqueiros coloca o problema dos excedentes. A frota comunitária é já desproporcionada em relação aos recursos disponíveis. No que se refere ao acesso a estes recursos, as autoridades dos dois Estados alemães já informaram que a Alemanha unificada não irá requerer qualquer ajustamento das chaves de repartição de quotas, excepto em relação às unidades populacionais a quem a RDA oferece recursos de pesca suplementares (bacalhau Spitzberg).

Têxteis: outra preocupação

As autoridades portuguesas têm mantido especial atenção - não escamoteando alguma preocupação - em relação ao sector têxtil, vital para o nosso país.

Segundo a Comissão Europeia, seis por cento da produção total da RDA destina-se ao consumo de massa, registando-se uma forte concorrência nos mercados externos com os países em desenvolvimento.

Acrescenta que as insuficiências de capital têm impedido as empresas de introduzir linhas de produção automatizadas e flexíveis, verificando-se que a maior parte do capital fixo é ainda originário do período anterior à guerra.

Paralelamente, os peritos comunitários consideram que os problemas de infra-estrutura e de ambiente poderão constituir um obstáculo importante ao investimento privado na RDA. O caminho de ferro constitui o principal meio de transporte, embora a rede ferroviária possua metade da extensão da rede da RFA. No entanto, o volume de transportes efectuados é praticamente o mesmo, verificando-se que um terço do transporte ferroviário é consagrado à linhite.

Em termos de extensão, o nível da rede de estradas e bastante bom para os padrões europeus. No entanto, em termos de qualidade, o seu nível é claramente inferior ao da República Federal da Alemanha. O tráfego rodoviário é bastante lento, tanto mais que há muitas passagens de nível. Futuramente, assistir-se-á ao aumento dos engarrafamentos devido ao aumento de volume de tráfego proveniente do turismo ocidental e também motivado para um maior número de veículos por habitante na RDA. Nos centros urbanos, o transporte público é assegurado essencialmente por carros eléctricos.

Formação profissional

No final de 1988, a RDA tinha 16,6 milhões de habitantes. Desde então, 600 mil emigraram para a vizinha RFA. O estudo da Comissão refere que, embora se registe uma densidade populacional média bstante fraca, a concentração é elevada, encontrando-se mais de 50 por cento dos habitantes estabelecidos em Berlim Leste e nos centros urbanos do sul: Halle, Leipzig, Dresden e Chemnitz.

O emprego total eleva-se a quase nove milhões (55 por cento da população) contra 26 milhões (41 por cento) na RFA. O nível de qualificação profissional é elevado. No entanto, tendo em conta que a Educação tem estado sujeita a condicionantes ideológicas, sobretudo no que se refere às profissões de nível universitário (economistas, advogados e administração geral) é de prever que venham a verificar-se insuficiências. Os engenheiros deverão estar, de um modo geral, em condições de responder aos novos desafios. Quanto à mão-de-obra será necessário uma adaptação à tecnologia ocidental. Além disso, uma das condições fundamentais para o êxito da integração da RDA na economia ocidental consiste no reestabelecimento da actividadade empresarial e dos métodos de gestão da economia de mercado.

Tragédia ambiental

A análise sectorial da RDA elaborada pelos peritos da Comissão Europeia permite afirmar que, em termos de ambiente, a situação é catastrófica. Aproximadamente metade dos recursos hídricos são já inutilizáveis para a produção de água potável e o principal rio, o Elba, está, em parte, quase «morto». Os peixes são impróprios para consumo.

Cerca de 60 por cento dos resíduos industriais são eliminados sem qualquer controlo e sem consideração pelos aspectos ambientais, provocando uma degradação permanente da qualidade dos solos e das águas subterráneas. Cerca de 90 por cento das instalações de eliminação parecem não satisfazer as normas comunitárias.

As instalações nucleares existentes constituem um perigo e, por isso, já se encontram quase na sua totalidade encerradas.

Cardoso e Cunha em Moscovo

O comissário português da CEE partiu ontem para Moscovo onde analisará com as autoridades soviéticas as consequências da crise do golfo Pérsico e a criação de uma rede europeia de energia sugerida pelos holandeses.

Cardoso e Cunha desloca-se na sequência das decisões do Conselho Europeu de Dublin, que ocorreu em Junho deste ano, no qual a Comissão foi encarregada de apresentar propostas para ajudar nas reformas estruturais da União Soviética. Por outro lado, regressa hoje a Bruxelas uma missão de peritos da CEE que durante nove dias manteve contactos com as autoridades da União Soviética, da República da Rússia e com o Munic´ipio de Moscovo.

Conselho de ministros em sessão especial

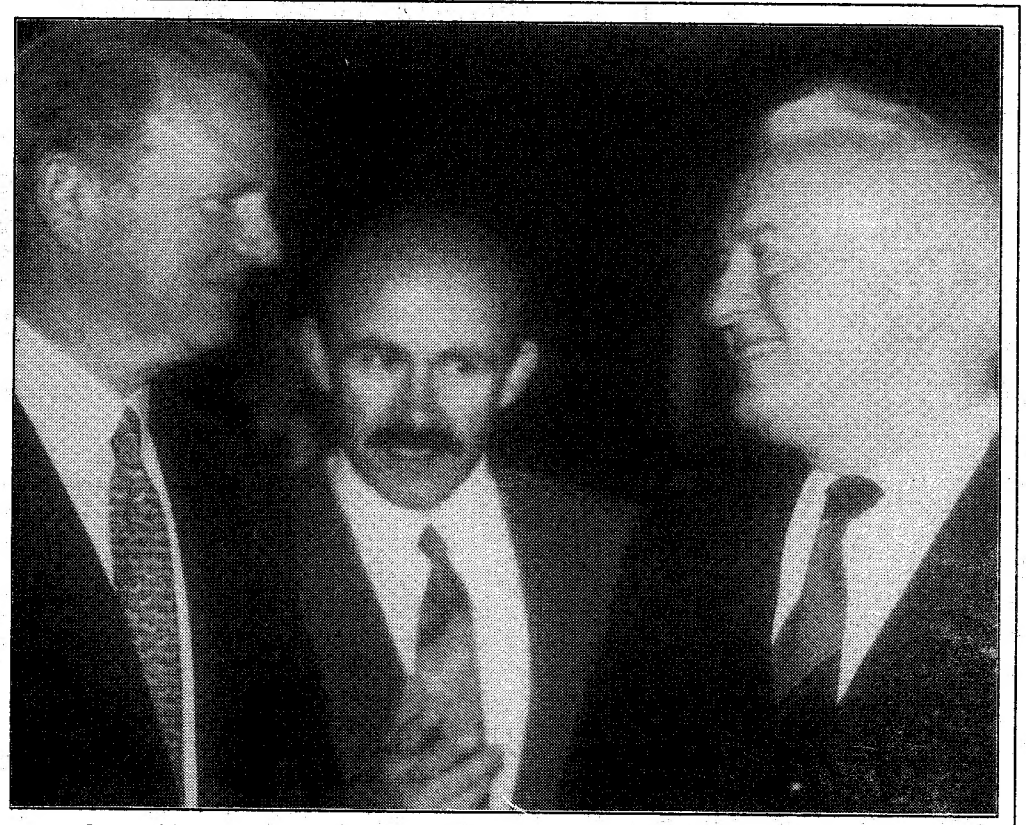
Uma sessão especial do Conselho de M

inistro dos Assuntos Gerais têm lugar hoje, quarta-feira, em Bruxelas, para examinar a proposta de directiva relativa às medidas provisórias aplicáveis depois da unificação alemã.

Pouco se sabe acerca desta reunião ministerial e a sua agenda parece constituir uma interrogação. Há quem avance que a reunião é extemporânea e inútil, embora haja quem defenda que, neste momento, podem surgir algumas clivagens, sobretudo deois da divisão patenteada em Roma, no ECOFIN, relacionada com a União Económica e Monetária. A posição de Delors nesta matéria parece agora abalada, depois da Espanha se ter aproximado das teses defendidas pelo Reino Unido, a quem se aliaram países como a Irlanda e Portugal.

As questões monetárias têm um fórum próprio, mas os observadores referem que, agora, falar da questão alemã é obviamente abordar a questão da União Monetária Europeia.

José Rui Cunha



A reunião «2+4» sobre a reunificação alemã permitiu também aos chefes das diplomacias dos EUA e da URSS a discussão de algumas questões bilaterais, nomeadamente na difícil área económica

«2+4» assinaram tratado sobre reunificação alemã

O tratado que define as questões externas da unificação Alemã foi esta manhã assinado, em Moscovo, pelos representantes dos dois Estados alemães e o quatro países vencedores da Segunda Guerra Mundial. Na cerimónia, que se realizou no Hotel Oktiabrskaia, esteve presente Mikhail Gorbachev e os ministros das diplomacias dos países que participaram nas conversações «2+4».

O último obstáculo à unificação alemã foi ontem levantado com a decisão do Governo de Bona em conceder 12 mil milhões de marcos para custear as despezas com a retirada das tropas soviéticas do actual território da RDA, a realizar nos próximos quatro anos.

«Isto é praticamente o preço da unidade alemã», disse o ministro dos Negócios Estrangeiros alemão federal, Hans Dietrich Genscher. Um montante perfeitamente ao alcance da RFA, consideram os observadores, uma vez que representa apenas 0,5 por cento do Produto Nacional Bruto do país .

Redacção «DL»/Lusa

BREVES

Líderes rebeldes liberianos disputam cadeira de Doe

O líder da Frente Patriótica Nacional da Libéria (FPNL), Charles Taylor, declarou que a morte do Presidente Samuel Doe não impedirá os combates contra a força de paz da Comunidade Económica dos Estados da África Ocidental (CEDEAO). Taylor, que disputa com Johnson a cadeira de Presidente deixada por Samuel Doe, prometeu intensificar os combates e ocupar Monróvia a qualquer preço. Entretanto, intensos combates ocorreram ontem na capital liberiana, onde as tropas rebeldes de Prince Jonhson atacaram os principais aquartelamentos do exército. Após a morte de Doe, Prince Johson proclamou-se Presidente da Libéria até à formação de um governo provisório, mas Taylor tinha-se, já há alguns meses, auto-proclamado chefe de Estado da Líberia, tendo chegado a formar Governo. Por seu lado, os seguidores de Samuel Doe nomearam um Presidente interino, David Nimley, antigo chefe da guarda presidencial.

Congresso dos EUA discute défice

O Governo de Washington e os representantes do Congresso norte-americano, reunidos na base áerea de Andrews, no Maryland, desde sexta-feira, não conseguiram chegar a um acordo sobre a redução do défice orçamental dos EUA. De acordo com as estimativas, o défice orçamental dos EUA, em 1990 será de 232 mil milhões de dólares, esperando os negociadores que participam na reunião, reduzir este montante em 50 milhões, em 1991. Um dos objectivos dos representantes do Governo e do Congresso será, nomeadamente, tomar medidas que permitam poupar 500 mil milhões de dólares, durante os próximos cinco anos. Se estas medidas não forem tomadas prevê-se que o défice orçamental dos EUA poderá elevar-se a 250 milhões de dólares, no próximo ano, atingindo o valor «record» negativo para a economia norte-americana. Um dos factores de maior impasse deste encontro, centrou-se numa proposta governamental, que prevê a diminuição dos lucros através de impostos sobre capital.

Aviões e tropas excluídos do CFE

Responsáveis dos EUA e a URSS, reunidos em Moscovo, encararam a hipótese de renunciar à limitação do número de tropas e de aviões de combate estacionados nas bases europeias para concluir, até Novembro, o tratado sobre a limitação das forças convencionais (CFE). Este tratado entre a NATO e o Pacto de Varsóvia limitará apenas o número de tanques, veículos blindados de transporte de tropas e a artilharia, voltando-se assim à proposta inicial avançada pela NATO na abertura das negociações, em 1989.

Golfo é primeiro teste depois do fim da Guerra Fria

Bush anuncia «nova ordem internacional»

A crise do Golfo é o primeiro teste para a «nova ordem internacional» anunciada ontem à noite por George Bush, no discurso perante o Congresso norte-americano. Na sequência da cimeira de Helsínquia com Mikhail Gorbachev, Bush declarou que «o confronto Leste-Oeste já não poderá ser explorado por ditadores» para desrespeitar a Carta das Nações Unidas. Na mesma ocasião, foi afirmado que a presença norte-americana na região do Golfo «não será transitória», o que vem reforçar as recentes afirmações de James Baker, preconizando a criação de uma «NATO» com os países árabes.

Com o Congresso completamente lotado (nas galerias estava até o embaixador iraquiano em Washington), Bush fez um discurso «ao povo americano», transmitido por todas as grandes cadeias de televisão do país. O Presidente dos EUA não só reafirmou as posições do seu Governo em relação à crise do Golfo (retirada incondicional do Kuwait, libertação dos reféns, embargo ao Iraque, apoio logístico e financeiro dos países aliados aos esforços contra Saddam Hussein), como inseriu a crise no contexto mais geral do fim da Guerra Fria e de um histórico «começo de uma nova aliança entre as nações».

«Foi esta a visão que partilhei com o Presidente Gorbachev em Helsínquia. Ele entende, tal como outros dirigentes na Europa, no Golfo e por todo mundo, que o modo como iremos resolver esta crise será determinante para as futuras gerações», afirmou Bush, acrescentando que não pode prever quanto tempo demorará para convencer o Iraque a recuar e que o efeito das sanções não será imediato.

A «NATO» árabe

Embora em Helsínquia o Presidente norte-americano tenha garantido a Gorbachev que os EUA não permaneceriam na região do Golfo para além do necessário, Bush declarou ontem que «o nosso interesse, a nossa presença não é transitória (...) Mesmo depois dos nossos soldados voltarem a casa, os EUA terão um papel durável a desempenhar na ajuda aos países do Golfo. O nosso papel, juntamente com outros países, é de prevenção contra uma nova agressão. O nosso papel é auxiliar os nossos amigos a assegurar a sua própria defesa»...

As declarações de Bush (muito aplaudidas por todos, inclusive a oposição democrata), vêm no mesmo sentido das proferidas recentemente pelo secretário de Estado, James Baker, que defendeu a criação de uma estrutura de Defesa, nos moldes da NATO, com os países árabes aliados dos EUA, numa região considerada vital para o abastecimento energético ao Ocidente.

A presença militar norte-americana na região vai continuar a aumentar e, segundo afirmou ontem o secretário da Defesa, Dick Cheney, só ficará completa no início do próximo mês. Cheney falava numa conferência de Imprensa conjunta com o chefe do Estado-Maior-General das Forças Armadas dos EUA, Colin Powell, que ontem à noite seguiu para a Arábia Saudita, juntamente com outros militares norte-americanos de alta patente.

Redacção «DL»/Lusa/AFP

Amizades Um xeique do Kuwait e dois portugueses anunciaram, ontem, em conferência de imprensa, dada em Lisboa, a criação da Associação de Amizade Portugal-Kuwait. O xeique chama-se Youssef al-Onaizir e representava o Emir do Kuwait. Os portugueses são, ao centro, António Rebelo de Sousa e, à direita, Edite Estrela. Uma amizade que começa em momento difícil

Informação COMERCIAL

LINHA DE SINTRA

Informam-se os Srs. Passageiros que, por motivo de trabalhos de revisão integral da catenária, são suprimidos, entre **LISBOA (ROSSIO) E AMADORA**, no dia 15 de Setembro, os seguintes comboios:

LISBOA (ROSSIO) - AMADORA
Comboios com saída de Lisboa (Rossio) às: 12.08h e 12.24h.

AMADORA - LISBOA (ROSSIO)
Comboios com saída da Amadora às: 12.38h e 12.54h.

CP — Caminhos de Ferro Portugueses
Serviço Comercial do Tráfego Suburbano

Caminhos de Ferro Portugueses

«Donde vás, socialismo?»

Era outrora costume escrever no «Diário das Sessões», em remate das intervenções dos deputados: «No final, o orador foi muito cumprimentado». Sobre o debate desenvolvido, ontem, na Associação de Amizade Portugal-URSS, apetece dizer: «No final, os «perguntadores» foram muito cumprimentados». As perguntas feitas pela assistência, talvez mais do que as respostas dadas pela Mesa, revelaram uma intensidade que, pelo menos para nós, portugueses, pode ser considerada como tendo maior signficado.

As respostas foram dadas por dois soviéticos: Volodia Rymachevsky e Lev Spiridonov. O primeiro, membro do Comité Central do PCUS; o segundo, primeiro vice-director do «Pravda». Igualmente na Mesa mas com presença discreta ou só moderadora, José Manuel Bernardino e Levy Baptista, vice-presidentes daquela associação de amizade.

Em variação sobre o título do filme «Donde vás, Alfonso XIII?», diga-se agora que o tom das perguntas foi o de «Donde vás, socialismo?»

O programa Chatalin, para alcançar a economia de mercado em 500 dias, levará à morte do socialismo? Vai demitir-se o Governo de Rijkov, por divergências com Gorbachev? Há ou não objectivos claros para serem atingidos pelas pessoas, na URSS? O que é a propriedade colectiva? Poderíamos ter em Portugal o «Pravda» em português? O que é agora a internacionalização revolucionária, na perspectiva da aparente facilidade com que a URSS parece assistir à desintegração do socialismo nalguns países?

As respostas dos soviéticos presentes não trouxeram grande novidade, embora possam ter sido convincentes. As perguntas foram feitas com vozes portuguesas um pouco ansiosas e até, por vezes, com comovente angústia.

Paulo David

ANC: o espectro das armas

Os repetidos actos de violência e as chacinas que há um mês fizeram mergulhar a África do Sul no clima dos piores anos do *apartheid*, começam a endurecer o tom e a provocar recuos nos progressos conseguidos pelas negociações entre o Governo sul-africano e o líder do ANC, Nelson Mandela. Este último, considerada a gravidade da situação, ameaçou já quebrar o acordo assinado com De Klerk, a 6 de Agosto, voltando a encarar a hipótese do ANC retomar a luta armada. Entretanto, avolumam-se as acusações sobre as actividades da polícia e do exército, considerados cúmplices dos partidários do Inkhata. Dirigentes religiosos, entre os quais o arcebispo anglicano Desmond Tutu, subscreveram alegações de residentes das cidades negras sobre o envolvimento de indivíduos brancos - a chamada «terceira força» - na violência que tem abalado a África do Sul, para tentar pressionar as investigações prometidas pelo Governo.

A inesperada Cimeira de Helsínquia

A crise no Golfo e a posição da URSS

Muitos analistas do Leste e do Ocidente foram apanhados de surpresa pela notícia da inesperada cimeira soviético-norte-americana em Helsínquia. No entanto, a agudização da crise no Golfo Pérsico, causada pela anexação do Kuwait pelo Iraque, tornou absolutamente necessárias e inadiáveis, nas novas condições do pós-Guerra Fria, as conversações entre Mikhail Gorbachev e George Bush, sem a tradicional «rede» da concertação prévia.

Os líderes das duas grandes potências debateram na capital finlandesa, primeiro que tudo a situação explosiva surgida no Golfo Pérsico, em resultado das acções do Iraque e também as medidas com vista à regularização deste conflito regional. Foi aprovada uma declaração conjunta.

O Iraque é um vizinho da União Soviética, influente no mundo árabe, com o qual o nosso país desenvolveu durante longo tempo uma ampla cooperação não só económica, como também militar. Apesar disso, no quadro da política do «novo pensamento», proclamado por Gorbachev para os assuntos internacionais, Moscovo condenou claramente a agressão do Iraque e apoiou a resolução do Conselho de Segurança da ONU que exige a retirada das tropas iraquianas do Kuwait ocupado e a libertação dos reféns estrangeiros.

A União Soviética viu-se pela primeira vez confrontada com um dilema difícil nas suas relações com o Terceiro Mundo, depois que a *perestroika* foi iniciada.

Por um lado, ela aspira a, em conjunto com os Estados Unidos, estabelecer uma nova ordem nas relações internacionais, mas, simultaneamente, não romper os tradicionais laços com os seus amigos árabes. Tanto na questão da regularização da crise no Golfo Pérsico, como em todo o vasto leque de questões que se colocam naquela região.

Este problema assume particular delicadeza pelo facto de estarem presentes no Iraque cerca de duzentos especialistas (Gorbachev falou na cimeira em apenas 150) militares soviéticos que aí trabalham por contrato. Quebrar estes acordos é o mesmo que pôr em questão o pagamento por parte do Iraque da dívida à União Soviética, não inferior a 6 mil milhões de dólares.

Desde o início dos acontecimentos dramáticos no Golfo Pérsico, que a direcção soviética vem pronunciando-se pela sua regularização por meios pacíficos, pois acções militares nesta região instável saturada de armamentos pode ter consequências imprevisíveis. Não é segredo que o exército iraquiano possui armas químicas e Israel armamentos nucleares.

Na própria URSS, o Ministério da Defesa está tudo menos encantado com o aumento das forças armadas norte-americanas na zona do Golfo Pérsico. Os estrategos e parlamentares soviéticos receiam que os norte-americanos possam «instalar-se» por longo tempo nesta região, relativamente próxima das fronteiras meridionais da URSS. Isso perturbaria seriamente o equilíbrio geoestratégico de forças no mundo.

Tudo indica que Gorbachev conseguiu neste capítulo algumas garantias por parte dos norte-americanos de que a sua presença no Golfo, pelo menos nos moldes actuais, é temporária e terá fim assim que o conflito esteja resolvido.

Moscovo cessa fornecimentos

A meu ver, embora Moscovo tenha cessado os fornecimentos militares e o comércio com o Iraque e apoiado assim o isolamento internacional de Bagdad, até cumprir as resoluções da ONU, é pouco provável que faça eco aos apelos do Ocidente para enviar as suas forças armadas para a zona do conflito.

Não é só a questão do seu relacionamento com os árabes que está em causa. A «síndroma afegão» ainda se faz sentir fortemente no país. Por isso duvido que haja na sociedade soviética forças capazes de voltar a abrir uma ferida mal cicatrizada.

Em suma, arriscar-me-ia a resumir a posição da URSS assim: pronuncia-se pela conjugação das medidas diplomáticas da ONU e das sanções económicas internacionais com os esforços regionais dos próprios árabes, que visam evitar a guerra e regularizar pela via pacífica a crise.

Conferência Internacional

Foi justamente por isso que Moscovo atribuiu grande importância à proposta do ministro soviético dos Negócios Estrangeiros Eduard Shevardnadze, para que se convoque uma conferência internacional para a superação do conflito no Golfo Pérsico, com a participação de Israel, país com o qual a URSS não tem relações diplomáticas desde 1967.

Guennadi Petrov

Mas a receptividade de Bush a esta proposta parece ter sido limitada, nada constando sobre ela na declaração conjunta final, a não ser uma ligeira referência às «outras questões» (Líbano, Palestina), que constituem uma das razões de fundo por que os Estados Unidos têm tão má recepção entre as massas árabes.

Isso não impede que os esforços conjuntos dos Estados Unidos e da URSS para a superação do conflito no Médio Oriente comprovem que o período de confrontação sem tréguas entre estes Estados e de actuação segundo o princípio de «quanto pior para os norte-americanos (soviéticos), melhor para nós» passou juntamente com os tempos da Guerra Fria.

E o encontro de Gorbachev e Bush em Helsínquia confirmou isto. Pois, nele foram discutidas não só a situação de crise no Golfo Pérsico, como também as perspectivas de desenvolvimento das relações bilaterais, o problema da redução dos armamentos e o futuro da Europa após a unificação das Alemanhas Oriental e Ocidental...

Terminologia política: os dicionários não bastam

Não inesperadamente, os presidentes das Câmaras das duas maiores cidades soviéticas, Moscovo e Leninegrado, acabam de apelar a Gorbachev para a anulação das manifestações previstas para comemoração da Revolução Bolchevique de 7 de Novembro (a Revolução de Outubro, de acordo com o calendário ocidental) que levou ao poder o Partido Comunista, em 1917.

Os srs. Gavril Popov e Anatoli Sobtchak, aqueles dois autarcas, que assinam um comunicado conjunto, afirmam-se como «progressistas». Só que as designações políticas estão, cada dia que passa, a transformar-se na mais profunda das confusões.

Toda a gente, por exemplo, se reclama de democrata e não há quem ouse apelidar-se de aristocrata. Só que a democracia nasce na Grécia, apenas para uma classe de cidadãos, que não passavam de aristocratas, enquanto uma enorme maioria não tinha direito a voto e os escravos eram uma instituição.

Os dois autarcas russos autodenominam-se de «progressistas» o que, de acordo com os dicionários, significa os partidários de um partido politico-religioso do nosso século, que procuram integrar no cristianismo algumas das concepções do marxismo. O que não parece ser exactamente o caso.

Rui Pacheco

Assim é como vem no dicionário. A realidade política dá-lhe outros significados

Os socials-democratas

É uma situação que os portugueses conhecem desde o 25 de Abril. O Partido Socialista surgiu a defender a social-democracia; os sociais-democratas representavam a direita; a democracia cristã estava ainda mais à direita e, já quase fora do *écran* , surgiam uns senhores que não ousavam denominar-se fascistas ou nazis, mas andavam nas vizinhanças.

O presidente Bush é republicano, ou seja, da direita, embora os republicanos portugueses durante o salazarismo representassem a esquerda (até mesmo a extrema esquerda); a oposição norte-americana é democrática e Salazar julgava viver numa democracia orgânica, o que ninguém sabe que coisa seja e hoje já é muito tarde para lhe perguntar.

O que tanto ingleses como norte-americanos anunciam como básico nas suas políticas é o liberalismo, ou seja aquela doutrina segundo a qual convem dar aos cidadãos as melhores garantias contra o arbítrio do Governo, separando deste o poder judiciário e o legislativo. É, numa prática mais acentuada, aquela forma de governo segundo a qual o Estado não deve interferir na economia. Certo, mas a verdade é que um relativamente jovem partido liberal surgido na Grã-Bretanha não conseguiu avançar com votos suficientes para o Parlamento...

Até há uns meses, a Alemanha de Leste era democrática, enquanto a nossa mais vizinha se limitava a ser Federal.

As comunas

As primeiras comunas eram as dos judeus ou dos mouros, obrigados a viver em arruamentos especiais e sujeitos a vergonhosas prepotências dos senhores medievais. Seria, depois, a própria cidade medieval, conquistando pouco a pouco os seus direitos, de início praticamente nenhuns. A Comuna de Paris, que vai durar de 18 de Março a 28 de Maio de 1871, será a realmente libertária, mas acaba esmagada pelo «democrático» general Mac-Mahon.

O socialismo é aquele sistema político-económico (indissociáveis os dois termos) que preconiza, respectivamente, a direcção do Estado nos bens de produção e consumo e uma nova distribuição da riquezas, com a abolição do capital. A abolição do capital? Bem sabemos o que sobre isso pensam os drs. Mário Soares e Vítor Constâncio. Mais flexível (mas até que ponto) o dr. Jorge Sampaio.

Estas constatações deveriam levar-nos à inconveniência de consultar os dicionários que, pelo visto, servem apenas para estabelecer a confusão na cabeça das pessoas. A verdade é que a linguística não pretende ser normativa, mas apenas descritiva e explicativa, mesmo quando (como no caso) não explica nada. Assim, abstemo-nos de passar cartas de legitimidade para umas palavras que não para outras. Principalmente porque -- e bom é que assim seja -- de nada serviria.

As palavras, em política, têm apenas um significado relativamente ao futuro. São para-palavras: da democracia grega, com escravos, à democracia autêntica, como poderá decidir-se um dicionário?

Roby Amorim

QUOTIDIANO

Ministro da Justiça anuncia novo conceito para sistema prisional

A prisão constitui uma pena que implica a reclusão e a disciplina, mas representa também uma medida de reinserção social, pelo que deve ser cumprida com vista à liberdade -- disse esta manhã à Imprensa o ministro da Justiça, Laborinho Lúcio, antes de iniciar uma visita ao Estabelecimento Prisional de Lisboa, mais conhecida por Cadeia de Monsanto.

Referíu ainda que, sem descurar as exigências de segurança «há sempre que observar como limites a dignidade da pessoa e o respeito pelos seus direitos fundamentais»

A nova política prisional, adiantou o governante, «parte, sobretudo, do tipo de recluso, congregando-o com os princípios referidos e fazendo funcionar comunidades prisionais jovens, comunidades prisionais integradas, prisões tipo e prisões de segurança específica».

Segundo Lúcio Laborinho, serão feitos melhoramentos em, praticamente, todos os estabelecimentos prisionais do País, num esforço que custará algumas centenas de milhares de contos.

O ministro confirmou o encerramento da Cadeia de Monsanto, que tem actualmente 400 presos, entre preventivos e condenados. O estabelecimento será desactivado dentro de um ano. No passado dia 4 deu ali entrada o último recluso.

Laborinho Lúcio considerou aquela cadeia como a pior do País e referiu que nos próximos tempos diversos outros estabelecimentos prisionais serão reapreciados. «As profundas modificações a introduzir, em alguns deles, vão obedecer a um novo conceito de sistema prisional, assente na diversidade e no progressivo abandono do sistema actual; que é uniforme» -- declarou.

Deputados portugueses criticam restricções à Europa Social

Frustração, em Estrasburgo, no balanço da acção desenvolvida pela CEE

«Estamos perante a ameaça de em 1993 sermos confrontados com uma Europa de pendor mercantilista o que contraria as promessas e expectativas criadas por sucessivas declarações da Comissão e das presidências Espanhola, Francesa, Irlaandesa e agora Italiana» - afirmou ontem o eurodeputado Torres Couto durante a sua alocução no parlamento de Estrasburgo. Em análise estava o relatório Van Velzen, um documento já considerado de «grande significado político» pelas diversas famílias europeias e que consiste num programa de acção para aplicação da Carta Social Europeia.

Torres Couto, bem como a maioria dos eurodeputados reunidos em sessão plenária, mostrou-se crítico em relação à forma como está a ser construida a Europa Social, afirmando que «o balanço das acções desenvolvidas pela CEE na área social é profundamente negativo e frustrante».

Referiu ainda que «o mercado interno de 1993 sem um quadro harmonizador das políticas sociais será uma espécie de "circo romano" onde os mais fortes dilacerarão os mais fracos. Nessa altura, os mais ricos terão acesso aos produtos e os outros, desigandamente os cidadãos dos países do Sul, limitar-se-ão a vê-los encher o saco, saindo de mãos vazias».

Este eurodeputado português foi peremptório ao afirmar: «Não basta dizermos que se pretende erradicar o "dumping social" e recusar uma Europa a duas velocidades se as nossas preocupações se confinam prioritáriamente, às políticas monetária, cambial e à construção do mercado interno».

Por último, Torres Couto apelou às instituições comunitárias para «olharem para o social com os mesmos olhos e atenção do económico», preconinzando ainda a possibilidade de uma estreita relação entre as políticas económicas e sociais, não só a nível nacional, mas também comunitário.

A redução do horário de trabalho, o reforço da participação dos agentes económicos e dos sindicatos, o estabelecimento de um salário mínimo europeu e a adopção pela Comunidade da Carta Social do Conselho da Europa, foram algumas das tarefas por este definidas como prioritárias e inadiáveis.

Por sua vez, Marques Mendes (PSD) e Barros Moura (PCP), autores de dois dos 11 relatórios parciais do trabalho orientado por Van Velzen, afirmaram que « a dimensão social é ainda o parente pobre do mercado interno».

O eurodeputado do PSD assinalou que se não se prosseguir com coragem e realismo na realização da dimensão social, então, assistir-se-á a uma autêntica hipocrisia política.

«Será que estaremos a construir uma Europa social quando por exemplo se discutem políticas nacionais de emigração, tratando cidadãos de países comunitários como se de países terceiros eles fossem?» - questionou Marques Mendes.

Mas, para resolver a questão, porpôs que se passe a utilizar a expressão «trabalhadores comunitários», em vez de «trabalhadores migrantes», quando se refere a trabalhadores oriundos de um outro Estado da Comunidade.

Barros Moura, autor de um relatório sobre «Liberdade de Associação, Negociação Colectiva, Informação, Consulta e Participação dos Trabalhadores», acusou «certos Governos» e a Comissão de pretenderem utilizar as normas sociais comunitárias para «nivelar por baixo» os direitos sociais, prejudicando os trabalhadores com mais avançadas conquistas sociais.

Sublinhou ainda que,«o diálogo social é um método apropriado de decisões e de preparação das decisões».

O relatório Van Velzen será votado amanhã em plenário.

Redacção DL/Lusa

B R E V E S

Doze vítimas de Alcafache ainda por indemnizar

A CP pagou até agora 111 mil contos de indemnizações às vítimas do acidente ferroviário de Alcafache, ocorrido em 1985, e, na altura em que se completam cinco anos sobre o desastre, estão doze casos por resolver. Fonte da CP disse que os casos não foram ainda resolvidos por não haver acordo quanto às verbas a atribuir. . O acidente de Alcafache, ocorrido na tarde de 11 de Setembro de 1985, envolveu dois comboios e teve como resultado 43 mortos e 138 feridos, para além de 750 mil contos de prejuízos no material circulante e de cinco mil contos na via.

Greve pode atrasar Orçamento de Estado

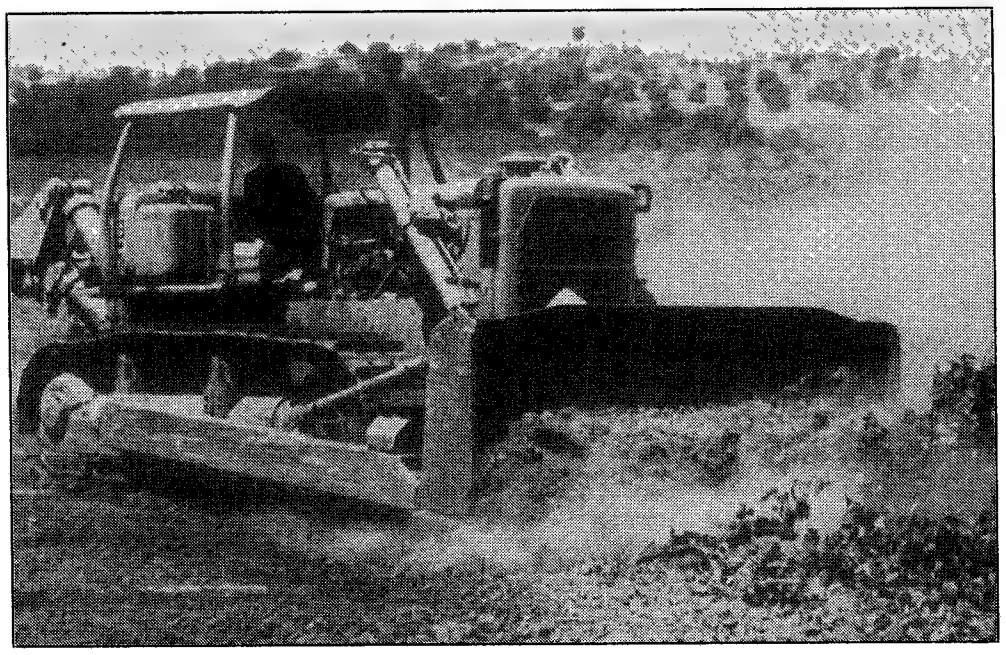
Uma greve de dois dias convocada, para as próximas segunda e terça-feira, pelos trabalhadores da Contabilidade Pública, poderá atrasar a entrega do Orçamento de Estado na Assembleia da República, afirmou o Sindicato da Função Pública do Sul e Açores, que convocou a paralisação. Os 300 funcionários da Contabilidade Pública reivindicam o reinício das negociações com o Governo para que lhes seja aplicado o novo sistema retributivo da Função Pública.

CGTP prepara acções em plenário nacional

Os sindicatos da CGTP iniciaram esta manhã um plenário nacional para analisar a actual situação político-sindical e preparar futuras acções reivindicativas. As negociações com o Governo e o patronato, no âmbito da Concertação Social, e o Programa Económico e Social para os Anos 90 (Pesan) são outras das questões agendadas para o encontro.

Condutor de composição não consegue evitar suicídio

Um indivíduo morreu, ontem à tarde, trucidado por uma composição do Metropolitano à entrada da estação das Picoas, Segundo o testemunho de pessoas que aguardavam transporte, o indivíduo mostrava-se nervoso e colocara-se no início do cais, atirando-se à linha logo que viu o comboio. O condutor, Francisco Graça, disse que, ao ver o salto da vítima, accionou os travões, mas já nada pôde fazer apesar da pouca velocidade a que circulava. O acidente, que se verificou às 15.42, levou à interrupção do trânsito até às 17.22, tempo de espera do delegado de saúde, cuja presença é indispensável, em casos destes, para a remoção do corpo. Até ao fim da manhã de hoje a vítima, que aparenta cerca de 30 anos, ainda não tinha sido identificada.



Em 6 de Agosto começaram as obras de terraplanagem

Bruxelas aprova Via do Infante

A Comissão Europeia aceitou, sem contestação, a revisão do projecto da Via do Infante confirmou, ontem, o ministro das Obras Públicas, Transportes e Comunicações, Ferreira do Amaral.

O funcionamento da Via do Infante tinha sido aprovado pela Comissão Europeia que, mais tarde, havia decidido suspender o financiamento devido a queixas recebidas, nomeadamente sobre questões de impacto ambiental.

No entanto, segundo o ministro, surgiram «tentativas de bloqueamento do projecto» no decorrer do processo que Ferreira do Amaral disse serem prova evidente «de que se jogava com motivações que nada poderiam ter a ver com interesses gerais da população».

Num primeiro comentário sobre a recente aprovação, o titular das Obras Públicas, recordou que o Governo tinha decidido rever o projecto da Via do Infante, face a uma «situação que era objecto de alguma contestação».

«As entidades e indivíduos que anteriormente tinham apresentado críticas acaloradas, com seriedade, e felizmente foi a maioria, retiraram as críticas ou compreenderam a revisão», afirmou o ministro.

«Ganharam os que lutaram contra o *bulldozer* incontrolado mas perderam os que, dizendo o mesmo, fazem do interesse geral a única coisa que não lhes interessa» comentou, a propósito, o ministro das Obras Públicas.

Ferreira do Amaral adiantou que a revisão foi feita «segundo as boas regras», abrangendo o traçado estudos de impacte ambiental, avaliação da opinião pública local e exame de situações particulares.

«A Via do Infante está em marcha», acentuou Ferreira do Amaral que garantiu, a finalizar, tratar-se de uma obra de enorme benefício para o Algarve e para o País, «estragando o menos possível e afectando apenas o que é inevitável afectar».

Ruído motiva reclamações

Eleva-se a 600 o número de reclamações por excesso de ruído dirigidas, durante este ano até ao mês de Agosto, aos serviços competentes do Ministério do Ambiente e Recursos Naturais (MARN), revela um documento daquele organismo.

De acordo com a mesma fonte, cerca de 200 destas queixas «dizem respeito a locais de espectáculo com música (bares e discotecas)».

Para além destas queixas, assinala o comunicado, verificam-se ainda outras dirigidas aos governos civis, à PSP, à GNR, às câmaras municipais e administrações regionais de saúde, cujo número não está contabilizado.

O MARN lembra que «o Regulamento Geral do Ruído, aprovado pelos decretos-lei 251/87 de 24 de Junho e 292/89, de 2 de Setembro, define nos seus artigos 20º e 21º que o ruído proveniente de locais perturbadores não pode nunca exceder em 10 decibéis o ruído de fundo».

A mesma legislação «estipula também que nas proximidades de habitações, os espetáculos devem obedecer a um horário rigoroso, só podendo verificar-se além das 22 horas, ou 24 horas, mediante autorização especial do Governo Civil, se se constatar não existir qualquer incomodidade».

O MARN refere, também, «os riscos para a saúde e para a segurança pessoal de milhares de jovens, quando sujeitos a ruídos superiores a 100 decibéis muitas horas».

QUOTIDIANO

Uma casa com vista para as estrelas

Um casal inglês de astrónomos amadores decidiu antecipar a reforma para os quarenta anos e, largando aulas, instalou-se no Algarve, a praticar uma hotelaria para os seus companheiros de paixão

Alguém acreditaria na possibilidade de encontrar hoje um cantinho do Paraíso no Algarve? Um casal inglês acreditou e conseguiu. Aos quarenta anos, Beverley Ewen-Smith, doutorado em Física, e Janet, professora do Secundário, ambos de Cambridge, decidiram meter a reforma dos seus sonhos e, a dois passos do cimento, das luminárias, do bulício, dos decibéis e da sugidade e mau gosto que liquidaram a costa meridional do País, instalaram-se de forma a conciliar prazer e negócio, explorando um modelo particular de turismo de habitação. Astrónomos amadores, fundaram o Centro de Observação Astronómica no Algarve. Hospedam gente que partilha da paixão, geralmente compatriotas. E gozam a vida -- praticando jardinagem, escutando pássaros e espiando as estrelas.

Foi há dez anos que Bev e Janet Ewen-Smith vieram pela primeira vez a Portugal, para umas férias no Algarve. Gostaram tanto ou tão pouco que voltaram todos os anos, até lá se fixarem de vez. O principal motivo do encantamento teve a ver com a atracção pelos astros.

«O céu algarvio» -- explica Bev, no seu português ainda arranhado -- «está muito mais vezes limpo do que o de Inglaterra. Além disso, a temperatura nocturna é quase sempre agradável, ao passo que, no meu país, as noites claras costumam ser muito frias».

Outro atractivo da mesma ordem consiste na extensão do firmamento visível do Algarve. A diferença de latitude entre Portugal e a Grã-Bretanha, de 15 graus, determina um desfazamento proporcional das respectivas abóbadas celestes, contendo a margem do céu que se avista do sul do nosso País e não se avista de Inglaterra perspectivas particularmente interessantes, segundo o astrónomo. No desdobrável que fez imprimir na sua língua, refere, com o entusiasmo dos iniciados, coisas tão misteriosas para leigos como a «omega»-Centauro, que será «a mais bela das constelações austrais», e a «alfa»-Carinae, alegadamente, a segunda mais brilhante das estrelas.

Bev e Janet Ewen-Smith não correspondem, naturalmente, à moderna imagem do inglês, criada pelos novos hunos que cruzam a Mancha na peugada das equipas de futebol. São do tipo tradicional, fleumático e afável, que não bebe cerveja, mas chá ao lanche e, quanto a humor, pratica a ironia, em vez do estardalhaço.

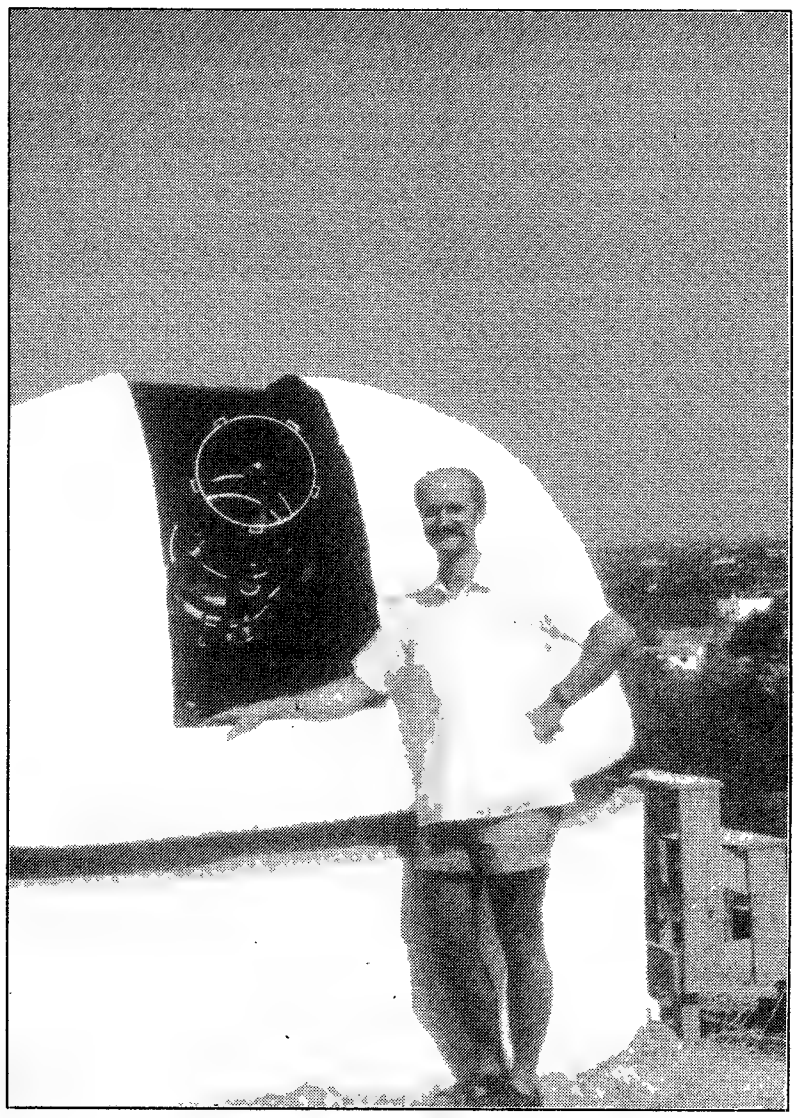
«Praia?» -- retroca Bev, questionado sobre o dia-a-dia -- «Gosto muito. Este ano, já fui duas vezes».

As férias que, desde 1980, gozam consecutivamente no Algarve, nunca foram investidas nos langores do bronzeamento, mas na exploração dos rincões mais pacatos da província. Assim foi que, há cerca de três anos, descobriram o sítio que se lhes afigurou ideal para a reforma precoce que ambicionavam e a condição de casal sem filhos lhes permitia. Era um modesto mas espaçoso monte, num lugar da Mexilhoeira-Grande, a dois passos de Portimão. A proximidade do principal centro turístico da região não lhe roubava a tranquilidade. Sem praias sobrelotadas, discotecas, refeitórios de mobiliário de plástico, *neons* e o estrondear de automóveis, quem demandaria aquele recanto, a não ser um casal de britânicos excêntricos, solitários apreciadores da sombra fresca das árvores, do chilreio das aves e do espectáculo das noites estreladas?

Pertencia a uma senhora Adelina, matriarca de uma vasta família, a casa que os Ewen-Smith finalmente decidiram comprar. Custou-lhes nove mil contos. Baptizaram-na de Casa Adelina, em homenagem à antiga proprietária, com a qual mantém as melhores relações, da qual um filho ali continua a trabalhar, colaborando na jardinagem do meio hectare do logradouro.

Entre os factores da escolha, pesou sobretudo, claro está, a visibilidade que dali se tem do céu. A Casa Adelina fica num lugar chamado Poio, designação em desuso para o cume de um outeiro, um sítio proeminente, de boa vista. Mas Bev e Janet não escondem também o seu fascínio de nórdicos por um clima que lhes permite usar quase permanentemente roupa leve e ver crescer, num palmo de terra regado, «mais flores numa semana do que num quintal inglês durante o ano todo».

Centro de Observação Astronómica no Algarve é um nome talvez pomposo para a simpática realidade de um monte algarvio impecavelmente recuperado e apetrechado para a observação do firmamento. Mas o equipamento ali instalado não deverá ficar a dever muito ao das instituições oficiais portuguesas deste ramo da ciência. Os telescópios são dois. O principal, alojado numa espécie de cabine oval giratória, semienterrada num ponto de visibilidade privilegiada, só esse, custou mil contos, despendidos em peças que Bev Ewen-Smith seleccionou e foi ele próprio a montar. Permite fotografar os astros. Como esta é uma operação demorada, atendendo ao tempo de exposição necessário para se sensibilizar película em plena noite, há um segundo aparelho, a fim de que um único hóspede não monopolize as possibilidades de observação astronómica. Portátil, este telescópio permite também a escrutação noutros locais, como Monchique, onde ela, por vezes, representa alternativa a um Poio excessivamente enevoado. Outra sofisticação tecnológica é constituída por um computador que assegura o registo das observações.



Bev Ewen-Smith e o seu engenho de escrutinar o céu

À sombra da latada do átrio, os anfitriões da Casa Adelina.

A formação científica do afável ex-professor de Cambridge possibilitou-lhe, naturalmente, reduzir muitíssimo as despesas nesta rúbrica do equipamento, assim como lhe possibilita fazer face sozinho a praticamente todas as tarefas de manutenção. Não lhe foi de grande préstimo foi para as diligências com vista à recuperação do prédio. O procurador a quem confiou a tarefa teve artes de o convencer a adiantar-lhe a módica importância de cinco mil contos e, conforme os recebeu, sumiu-se-lhe da vista. Resultado, teve Bev, com a colaboração esporádica de um ou outro pedreiro, de haver-se com a reconstrução e adaptação da Casa Adelina.

Hoje, fala em tais azares sem azedume. Vendo bem as coisas, dificilmente conseguiria, sem ser sob a sua própria direcção, conservar a traça original da casa e impedir a proliferação do alumínio e dos azulejos.

Um ano demorou a recuperação do monte -- se não se contar com os aperfeiçoamentos que Bev, de berbequim em punho, continua a introduzir-lhe. Mas o essencial está feito, e desde Maio de 1989 que a Casa Adelina acolhe astrónomos em férias. Só este ano, as três divisões destinadas aos hóspedes foram ocupadas, durante prazos que variaram entre uma semana e duas, por umas vinte famílias, quase todas inglesas e escocesas, mas também uma italiana. De assinalar, a procura por casais em lua de mel. A astronomia é uma paixão obsessiva.

Também não são raros os visitantes portugueses. Trata-se invariavelmente de membros da Associação Portuguesa de Astronomia, da qual Bev e Janet são membros. Normalmente gente de passagem, é-lhe facultada a utilização gratuita dos telescópios. Uma generosidade que Bev não tem para os seus compatriotas, a quem cobra a manipulação da aparelhagem, para os hóspedes incluída nas dez libras da diária.

No vestíbulo da Casa Adelina, na parede oposta à entrada, estão os únicos azulejos deste albergue de imaculada brancura. Formam um painel de cor discreta, que cita, a letra azul, o Evangelho:

«Quando contemplo os teus céus, obra dos teus dedos, a lua e as estrelas, que tu criaste: que é o homem, para te lembrares dele?»

O Deus destes evangelistas, que se confessam «profundamente crentes», não se esqueceu deles, a avaliar pela felicidade que transpiram, na sua retirada da fervilhante vida das Europas para uma nesga do Algarve, onde ainda se acorda com o canto das aves, as plantas florescem da noite para o dia e os *neons* do mau gosto do turismo para suburbanos não ofuscam o cintilar das estrelas.

Fernando Brederode Santos

QUOTIDIANO

Cáritas responde a acusações de autarcas de Miranda do Corvo

A propósito das declarações que foram feitas ao «DL» pelo presidente da Câmara de Miranda do Corvo, José Lopes e das afirmações por este imputadas ao presidente da Junta de Freguesia de Semide, João Carvalho, relativas à situação reinante na Escola Profissional de Semide, recebemos uma carta do padre António Sousa, presidente da Cáritas Diocesana de Coimbra, que passamos a transcrever.

«Lamentamos profundamente as notícias publicadas, no dia 6 de Setembro p.p., no jornal que V. Exª dirige, referentes à Escola Profissional de Semide e estranhamos que se façam declarações de tal gravidade sem primeiro se averiguar da veracidade dos factos.

«Neste sentido, ao abrigo da Lei de Imprensa, vimos pedir que publique, na íntegra e com igual destaque que deu à notícia, a nossa posição face àquela situação.

«Repudiamos as afirmações relativas ao funcionamento da Escola Profissional de Semide e proferidas por parte do Presidente da Câmara de Miranda do Corvo e do Presidente da Junta de Freguesia.

«Acerca do meu contacto com o Sr. Presidente da Câmara de Miranda do Corvo, limitou-se a uma conversa telefónica durante a qual o único assunto versado foi o da marcação de um encontro, proposto pelo referido autarca, entre este e o signatário. Tal encontro munca chegou a efectuar-se, por desmarcação do Sr. Presidente da Câmara.

«Por isso, é rotundamente falso que eu tenha "confirmado o problema da homossexualidade" que, aliás, de todo e em absoluto desconheço.

«Sobre a existência de casos de *"violação de menores"*, achamos o assunto demasiado sério e grave para ser publicado de modo a causar escândalo nas páginas dos jornais e não ser tratado, em devido tempo e nos locais próprios. Iremos, por isso, de imediato, accionar os mecanismos legais para que se apure toda a verdade e responsabilidade criminal dos actos que, porventura, tenham existido.

«Os alunos da Escola Profissinal de Semide, em ordem à sua valorização e preparação para o futuro, frequentam os cursos ali ministrados, recebendo consequentemente as respectivas bolsas de formação que lhes são devidas por lei.

«É isto *"exploração do trabalho infantil"*? Será melhor andarem à deriva e na rua, como os encontrámos quando tomámos conta da Escola?

«Sobre a acusação do *"consumo de droga"* nada sabemos e por isso achamos que essas afirmações devem ser devidamente provadas. A informação de que neste momento dispomos, por parte da Polícia Judiciária de Coimbra, acerca deste assunto, é a de que «não existem quaisquer investigações efectuadas e/ou em curso e não possuem conhecimento de tais factos».

«Quanto *"à incúria sobre a conservação do edifício"* apenas dizemos que nestes três anos e meio em que o CEARTE e a Caritas estão responsáveis pela gestão da Escola Profissional de Semide, já se restaurou a ala principal, cujo telhado estava em ruínas, procedeu-se ao aproveitamento de mais um andar, assim como ao arranjo de várias salas no piso inferior, obras estas em que os Monumentos Nacionais despenderam algumas deze-nas de milhares de contos.

«Com o apoio da Secretaria de Estado da Segurança Social e do Centro Regional de Segurança Social de Coimbra, restaurou-se todo o internato que se encontrava inabitável e sobre o qual existe o seguinte parecer do Director dos Monumentos do Centro, de 23 de Janeiro de 1987: "Destacamos pela sua gravidade os Pavimentos e Estrutura, devido à falta de condições de estabilidade (madeiramentos apodrecidos e ameaçando ruína) que se verificam no 2º piso".

«Em tudo isto foram gastos mais de 50.000 contos pela Secretaria de Estado da Segurança Social e pela Comissão de Coordenação da Região Centro que comparticipou o aquecimento central através do programa Valoren.

«Por último, o Instituto de Emprego e Formação Profissional, para além da construção de uma carpintaria e de outras oficinas, restaurou a área destinda à pecuária, telheiros para recolha de máquinas e alfaias, garagem, drenagem, etc.

«A juntar a isto há a aquisição de máquinas agrícolas, viaturas, um autocarro de 28 lugares e equipamento dos gabinetes, salas e oficinas. Em tudo isto, foram investidos mais de 60.000 contos.

«Quando tomámos a responsabilidade da Escola, apenas existia um tractor velho que não trabalhava e nada mais. Será isto *"incúria em relação à conservação do edifício"*! Se não fizéssemos isto, o que seria então?

«Sabemos que há ainda muito a fazer. Cremos, porém, que em três anos e meio tendo-se investido, em imóveis e equipamento, cerca de 150.000.000$00, não é possível exigir-se mais.

«Por que não pedir contas às anteriores gestões que deixaram tudo em degradação?

«Descjamos ainda sublinhar as acções que a Escola desenvolve, não só para os alunos, mas também abertas à comunidade e aos jovens em geral: Cursos de Formação Profissional na área da Pecuária, Horticultura, Carpitaria, Marcenaria Artística e Talha; Centro de Actividades de Tempos Livres para crianças, Cursos de Culinária, Educação de Adultos -- Ciclo Preparatório Nocturno, Educação Musical e Trabalhos Manuais, sessões sobre Educação e Prevenção da Toxicodependência. Em todas estas actividades participam 50 alunos internos, 22 formandos externos e mais 20 pessoas da comunidade.

«Tudo isto, orientado por pessoal técnico, devidamente especializado, desde a Directora da Escola que é uma Psicóloga, a Engs. Técnicos Agrários, Psquiatra, Monitores, etc.

«As deduções que o Sr. Presidente da Câmara de Miranda do Corvo tirou da conversa havida com um aluno que sofre de graves perturbações mentais, e presumível autor do incêndio, não poderão deixar de ser tendenciosas e unilaterais.

«Face ao que fica exposto e ao mais que se poderia dizer, perguntamos: quais são as verdadeiras intenções que movem o Sr. Presidente da Câmara de Miranda do Corvo e o Sr. Presidente da Junta de Freguesia de Semide que, voluntariamente,

Associação dos Antigos Alunos da Escola emite considerandos sobre incidente

A Associação de Antigos Alunos da Escola Profissional de Semide enviou ao DL um comunicado onde se afirma que desde Janeiro de 1987, ano em que a gestão do estabelecimento foi entregue à Cáritas Diocesana de Coimbra e ao CEARTE, «nunca a Escola Profissional de Semide esteve tão bem organizada, tanto no campo da formação como na sua gestão e manutenção».

Embora esta entidade não tenha sido visada na notícia publicada na nossa edição de 6 de Setembro, damos notícia que a Associação tomou a posição de «lamentar a atitude do Sr. presidente da Junta de Freguesia de Semide frente à população presente no local» aquando do incêndio verificado a 16 de Agosto no Mosteiro de Santa Maria de Semide, onde se encontra instalada a Escola Profissional. O texto refere a «revolta» e «ameaças» da população, então acontecidas, sustentando que o autarca não lhes é alheio.

No mesmo comunicado é insinuada a eventualidade da contestação à gestão da Escola Profissional de Semide se relacionar com o facto da mulher do presidente da Junta de Freguesia de Semide ter exercido, há três anos, o cargo de funcionária da secretaria da Escola.

O texto assinado pelo presidente da direcção, Manuel Francisco Pereira, afirma ter a Associação «acompanhado frequentemente o desenvolvimento das actividades na Escola Profissional de Semide». Assegura, também, que «tem colaborado com a direcção da Escola promovendo a participação dos alunos internos em provas desportivas e em iniciativas de índole cultural e recreativa».

Arca de Noé

CONCURSO

RTP

Nome _____

Morada _____

Localidade _____ Cod. Postal _____

Idade _____ Profissão _____

Tem Televisor? _____ Nº Licença _____

Telef. _____

RECORTE PELO TRACEJADO
PREENCHA COM LETRAS MAIÚSCULAS Cole num Postal dos CTT e envie para CONCURSO Arca de Noé
APARTADO 4.317 - 1 508 LISBOA - CODEX

ESPECIAL FÉRIAS/90

no HOTEL DO PARQUE

VIANA DO CASTELO

COSTA VERDE

☆☆☆☆

O Hotel do Parque em Viana do Castelo elaborou para si um atractivo programa especial «Férias 90» oferecendo-lhe a possibilidade de gozar as suas melhores férias de sempre no coração do Alto Minho e no sossegado ambiente das suas 4 Estrelas, Piscinas, Bares, Sala de Jogos, etc. Preços p/pessoa em quarto duplo c/peq. almoço incluído.

		OUT.	SET.
PROGRAMA 1 6 noites 7 dias	Entrada domingos Saída sábados	15 900$00	18 975$00
PROGRAMA 2 7 noites 8 dias	Entrada qualquer dia	19 950$00	22 925$00

• Peq. Suplemento p/ocupação single.
• 1 a 31 de Agosto supl.: 1250$00/dia/quarto, em qualquer modalidade.
Peça-nos programa detalhado «ESPECIAL FÉRIAS 90», por Telef. (058)82 86 05, Telex 32511 HOPARC P, Fax 82 86 12 ou no seu AGENTE DE VIAGENS.

Pião e

Um pião de 1919, uma caneta, um livro de leitura, um menino Jesus e um lenço de seda levados por portugueses para os Estados Unidos, estão entre os «tesouros» do Museu da Ellis Island, agora inaugurado. Trata-se do primeiro museu da imigração naquele país.

O pião, com um «bico perigoso» em qualquer jogo da nica, está no museu entre os tesouros caseiros que, em 1910, o português Francisco Albuquerque Silva levou na bagagem quando desembarcou naquela ilha, em frente a Nova Iorque, entre os 12 milhões que por ali passaram.

O jornal «Luso Ameri-

sempre escondem o que de positivo se tem feito e se põem apenas numa atitude de crítica destrutiva e demolidora?

«É a resposta a esta pergunta que desejávamos obter. Dizer-se, em absoluto, que tem havido negligência e irresponsabilidade, como tendenciosamente é apresentado na notícia, é uma afronta e uma calúnia que frontalmente repudiamos.

«Estamos ao dispor de V. Exª. e do jornalista Roby Amorim que elaborou a notícia, para visitarem a Escola Profissional de Semide e *"in loco"* tomarem conhecimento do seu funcionamento.»

Nota da Redacção -- *Aceitamos gostosamente o convite que o Padre António Sousa nos propõe para uma visita ao Convento de Semide, já que nada nos move contra a Caritas Diocesana de Coimbra nem contra os seus dirigentes. Gostaríamos, porém e antecipadamente, de referir que não nos podem ser assacadas intenções de «afronta e calúnia». O texto que publicamos limita-se a reproduzir afirmações de responsáveis autárquicos, de resto já inseridas, em parte, num semanário local. Não nos cabe julgar as possíveis intenções dos presidentes da Câmara de Miranda e da Junta de Freguesia de Semide (que se entende sejam pessoas responsáveis, dado os cargos que ocupam), mas sim publicá-las, sem que isso represente uma tomada de posição da nossa parte. Aliás, contactado por nós, o presidente da Câmara de Miranda do Corvo confirmou todas as afirmações que nos havia prestado.*

Esclarecimentos do director CEARTE

Ainda sobre o mesmo assunto, recebemos uma carta de Fernando Gaspar, director do CEARTE (Centro de Formação Profissional. de Artesanato), que transcrevemos.

«Na sequência de notícias recentemente publicadas, relativas à Escola Profissional de Semide - Miranda do Corvo, instituição vocacionada para o acolhimento e formação de jovens privados de meio familiar normal, julga-se oportuno prestar os seguintes esclarecimentos:

«A Escola Profissional de Semide, instalada no Mosteiro de Santa Maria de Semide, está desde Janeiro de 1987 sob a gestão e orientação do CEARTE e da Caritas Diocesana de Coimbra. Estas entidades gerem aquela instituição ao abrigo do Acordo de Gestão celebrado em 29 de Dezembro de 1986 com a Assembleia distrital de Coimbra e o Centro Regional de Segurança Social.

«Na Escola Profissional de Semide os alunos internos, na sua maioria jovens deficientes culturais provenientes de meios familiares destruturados, são encorajados a prosseguirem uma escolaridade regular. Quando são vítimas de insucesso escolar, e de acordo com a sua vocação profissional, são orientados para cursos de formação profissional ministrados nesta instituição ou no exterior.

Estes formandos recebem por inteiro uma bolsa de formação, fixada de harmonia com o Despacho Normativo 89/89 de 29 de Agosto, e que lhes é depositada numa conta bancária individual.

Todos os alunos participam em actividades pedagógicas no sentido de os capacitar e integrar na vida socio-profissional.

«Desde que a Caritas Diocesana de Coimbra e o CEARTE assumiram a gestão da Escola Profissional de Semide, não temos conhecimento de casos de consumo de drogas. Face às referências de casos sob investigação policial, tomamos de imediato a iiciativa de confirmar tais afirmações junto dos responsáveis da Polícia Judiciária de Coimbra, que informaram não existirem quaisquer investigações efectuadas ou em curso na Escola Profissional de Semide.

«No que respeita a afirmações tornadas públicas sobre casos de violação de menores, os quais a existirem são do nosso total desconhecimento, não deixaremos de tomar com firmeza as medidas necessárias para o apuramento da responsabilidade dos casos que, eventualmente, venham a ser denunciados.

«As máquinas da antiga tipografia que não se encontram nas instalações da Escola, foram cedidas pela Assembleia Distrital, encontrando-se no Centro de Formação Profissional de Coimbra.

«A Escola Profissional de Semide tem procurado manter uma relação aberta e dinâmica com o meio, pelo que tem realizado várias iniciativas de índole socio-cultural, frequentadas pela população de Semide, designadamente: Acções de Formação Profissional de Horticultura e Pecuária, Carpintaria, Marcenaria Artística e Talha; Centro de Actividades de Tempos Livres para crianças, curso de Educação de Adultos - Ciclo Preparatório Nocturno; Educação Musical e Trabalhos Manuais.

«Desde 1987 até esta data, foram já investidos nas obras de recuperação e no equipamento da Escola Profissional de Semide cerca de 150 mil contos. Estes investimentos foram financiados pelo Centro Regional de Segurança Social de Coimbra, pelo Instituto do Emprego e Formação Profissional, pela Direcção Regional dos Monumentos do Centro e pela Comissão de Coordenação da Região Centro.

«Face ao empenhamento demonstrado na recuperação do Mosteiro de Santa Maria de Semide, somos os primeiros a lamentar o inc^endio ocorrido a 16 de Agosto último.

«Como sempre, encontramo-nos à disposição de todos os que se propõem colaborar nesta obra, esperando que o diálogo e a conjungação de esforços continuem a contribuir para o pleno desenvolvimento da Escola e da comunidade na qual está inserida.»

Luis Barbeiro

A autonomia afirmada

Uma imagem, a branco e negro, com reminiscências romanas a nínel das formas, é o que propõe Líis Barbeiro para a Primavera/Verão de 91. Contemplado com o 2º prómio, roupa de mulher, da Intermoda, não simpatiza com as «cores primárias», dentro da sua paleta cabem apenas os tons neutros que, num crescendo, vão culminar no preto. «Detesto os azulões CEE, das minhas colecções estão banidos os azuis, a não ser, de vez em quando, o marinho. Não importa que o preto se mantenha retirado de moda, desde há cinco anos, oriento-me pela minha sensibilidade estética e não aceito imposições. Dirijo-me a gente que gosta de vestir diferente, aos que recusam ser escravos da moda. Também odeio as saias curtas, de resto as mulheres portuguesas não usam mini saia, usam saias acima do joelho com rachas».

De camisa e calças pretas, o cabelo apanhado em rabo de cavalo, Luis Barbeiro exprime-se com humor. «Cada um deve assumir o que faz, não vejo mal nenhum no facto de as ciganas ricas adorarem os fatos do costureiro Augustus. Eu pertenço à categoria dos estilistas, não pretendo incluir-me no mundo dos criadores nem dos costureiros. Concebo colecções que não envergonham ninguém e vendo-as, graças a uma estrutura de *marketing*, abarcando todo o país, que funciona. O desejável seria ampliar o volume dos meus negócios, mas não tenho grandes razões de queixa, se atendermos às dificuldades com que se debatem os produtores independentes», sublinha.

«Cada um deve assumir aquilo que faz»

Quanto a esta colecção retoma o espírito das anteriores: linhas simples, muitos detalhes, drapeados e vagas influências do estilo império. Em algumas das peças destacam-se aplicações de *crochet*, apontamentos que surgem inesperadamente nas costas de uma camisa. Branca, evidentemente. Sob o domínio total do preto, criou os modelos que vimos no desfile da Intermoda. Roupa vaporosa, longas saias e túnicas conjugadas com soutiens de lamé, a lembrar o estilo de Romeo Gigli. «São influências mais a nível do ar...», confessa.

Realista, Luís Barbeiro tenta fazer moda comercial, ainda que não abdique de certos princípios. «Não conheço nenhum estilista que venda tanto como eu, até gostava de ter uma concorrência mais forte porque a competividade obriga-nos a crescer». No plano dos ideiais, sonha com um suporte financeiro que lhe permita , no futuro, ser um Claude Montana.

Lourdes Féria

livro portugueses num museu americano

cano», de Newark, Nova Jersey, refere que a Ellis Island foi, de 1892 a 1924, centro de recepção a imigrantes. O pião, uma caneta e um livro de leitura para a 4ª e a 5ª classes do ensino primário geral pertenciam à mesma família.

Uma fronha de travesseiro de Idalina de Jesus Silva, de 1918, um menino Jesus da açoriana Ludovina da Conceição Câmara, de 1895 e um lenço de pescoço de seda do enxoval de casamento da mesma senhora, mas de 1909, representam os emigrantes portugueses.

Passo a passo

O museu, com acesso de barco a partir de Battery Park, de Nova Iorque e de Liberty State Park, de Jersey City, tem entradas de seis dólares (cerca de 850 escudos) para adultos e de metade para crianças.

Ocupa três andares do principal edifício da Ellis Islands, estende-se por 9 mil metros quadrados, com cinco secções, ao longo dos quais o visitante pode seguir, passo a passo, o que foi a chegada dos imigrantes que por ali entraram e dos quais descendem, pelo menos, 100 milhões de americanos.

Os visitantes entram no museu através da mesma porta que foi franqueada pelos primeiros imigrantes. A saída faz-se pela sala das malas, um espaço amplo mas muitas vezes insuficiente, como aconteceu em 17 de Abril de 1907, em que deram entrada em Ellis Island 12 mil pessoas que procuravam instalar-se na América.

O ano de 1907 foi, aliás, o de maior movimento em toda a história deste centro de recepção de imigrantes, tendo ali passado nesse ano mais de um milhão de pessoas.

No segundo andar está o grande salão, onde os imigrantes se registavam, eram sujeitos a exames médicos e retidos e recambiados no mesmo barco se trouxessem doenças impeditivas.

No terceiro andar estão as galerias com «mil e um» artefactos levados pelos imigrantes.

São simples algumas das peças expostas na secção «Treasures from Home», mas todas cheias de riqueza atribuída pelos imigrantes que as decidiram meter na bagagem.

Violinos e frascos de comprimidos

Entre elas, uma máquina fotográfica com caixa de madeira, da Alemanha, ricos trajos regionais do Leste europeu, um vestido baptismal e castanholas, da Itália, uma boneca em traje nupcial, da Checoslováquia, um frasco de comprimidos ricamente decorado, da China, uma forma de sapateiro, da Suécia, um violino, da Ucrânia, um passaporte de 1915, da Rússia, uns sapatos, da Inglaterra...

No exterior do edifício, o muro de 270 metros que serve de paredão elevado às águas do Hudson foi transformado em muro de honra do imigrante americano e coberto com placas de cobre em que constam 197.588 nomes.

Com um donativo mínimo de 100 dólares (cerca de 14 mil escudos), as famílias que assim o quiserem inscrevem neste muro o nome dos antepassados imigrantes.

A campanha inicial contou com 123.828 contribuintes e rendeu 20,5 milhões de dólares (cerca de 2,9 milhões de contos) para o fundo de restauro da ilha e construção do museu.

A recolha de nomes foi suspensa em Fevereiro para poder permitir a abertura do museu neste mês, mas espera-se que volte a ser reaberta para a celebração do centenário de Ellis Island, em 1992, já que há espaço para colocar mais sete mil nomes no muro de honra.

Lusa

Está pronto o projecto para substituição do cinema Eden por um aparthotel. É a mais recente etapa da sua longa história. Durante mais de um século, o Palácio Foz ostentou, sobre o Passeio Público, um jardim murado ao estilo francês. Extintos os ecos dos últimos bailes, foi construída ali uma garagem 1900. Substituída em 1914, deu lugar ao primeiro Eden Teatro da Praça dos Restauradores

Dos jardins Foz ao último Eden

Os terrenos onde, em 1772, decorriam as obras de ajardinamento do Passeio Público eram confrontados, do lado oriental, pelo muro do antigo Convento da Anunciada (actual esquina para a Rua das Pretas) e pelas ruínas do Palácio dos Condes da Ericeira (actual esquina da Rua dos Condes). A sudoes-te, existiam os jardins e o Palácio dos Castello-Melhor (hoje Palácio Foz).

As terras próximas de Valverde, compradas pelo Marquês de Pombal para a abertura do Passeio, também pertenceram ao quarto Conde de Castello-Melhor, D.José de Vasconcellos e Souza. A compra efectuou-se em 1764. Na década seguinte, o Conde -depois Marquês- procedeu à demolição das suas casas, arruinadas pelo terramoto. Em 1777 começou a edificar-se o Palácio Foz.

Interrompidas as obras pouco depois, só seriam retomadas em 1845, pelo quarto titular, D.António de Vasconcellos e Souza. À data da sua morte, 1858, estava o palácio praticamente pronto.

Entretanto, em 1837, tinha sido o marquês intimado a cobrir a rampa a sul do palácio, mesmo em frente do largo onde existiam as entradas para o Passeio Público (no actual início da Praça dos Restauradores). As chuvas do Inverno costumavam arrastar lamas e detritos pela encosta abaixo, sujando as proximidades do lago do Passeio. A zona agreste contígua ao Palácio Foz é, precisamente, o local onde hoje se ergue o edifício do antigo Eden Teatro.

Após a intimação, foi o terreno protegido por alto muro. Construído em estilo neoclássico, constituía novo acesso ao palácio: um pórtico de mármore com brazão de armas (de cada um dos lados do pórtico, dois leões); vários plintos de pedra ao longo da parede; um gradeamento superior coroado por oito divindades de mármore.

O mais célebre Castello-Melhor

Este melhoramento coincide com as obras de retoque do edifício sob direcção do arquitecto Francisco Xavier Fabri. Com o quinto Marquês de Castello-Melhor, último titular que residiu no Palácio do Passeio Público, começaria uma era memorável naquela morada.

Conta Eduardo Noronha no seu «Estroinas e Estroinices» que D.João de Vasconcerlos e Souza Câmara Caminha Faro e Veiga tinha resolvido instalar-se nas sobrelojas do edifício. Sempre que lhe perguntavam qual a razão que o impedia de ocupar o andar nobre, alegava:«*Não tenho meios para sustentar tanta grandeza !*».

Estreou-se como toureiro equestre na Praça de Touros do Campo de Santana e era adorado pelos frequentadores do Chiado, quando passava a cavalo, em trote rasgado, cumprimentando Lisboa inteira. Tocava guitarra e organizou noites de fado. Fez-se coleccionador de arreios, jaezes, telizes e mais objectos ligados à equitação. Tocou fado nas Tulherias para a Imperatriz Eugénia e instalou em sua casa charuteiros e cantores «pelos seus talentos». A Princesa Rattazzi descreveu-o em «Le Portugal à Vol d'OIseau»: «(...)*un homme de belle taille, élégant, bien fait, d'une figure expressive et douce, très grand amateur de chevaux, et excelent cavalier*». Era amigo pessoal do rei D.Luiz.

O quinto Marquês de Castello-Melhor morreu aos 37 anos, quando os médicos lhe preconizavam uma longa vida. Lisboa toda foi ao funeral. As duzentas carruagens dos seus amigos nobres quase não conseguiram passar entre as alas compactas de povo desde a Rua da Glória até ao Cemitério Oriental. O escritor António José de Freitas contaria a Raul Brandão alguns episódios dessa noite, que este incluiu nas suas «Memórias»:

-Altas horas de noite ouvimos, de repente, um clamor: era o circo Whytoine que ardia. E eu assisti ao espectáculo do cadáver, iluminado pelo clarão do incêndio, ali onde o ouvira evocar com desepero os seus mortos. Foi tudo ao enterro, O povo abria alas, e quando chegámos ao cemitério e quisemos pegar no caixão, veio de roldão uma chusma de cocheiros e vadios, que no-lo arrancaram das mãos, e, ergeundo-o no alto dos braços, levaram-no à cova(...).

A filha do Marquês , Maria da Pureza, não tinha, então, um ano de idade. Foi decidida a venda do palácio e de todo o seu recheio, incluindo biblioteca e, desta, a preciosa camoniana. O edifício foi comprado pelo Marquês da Foz em 1878, e passou por nova fase de transformações, continuando como um dos mais sumptuosos palácios da Lisboa oitocentista. D. Tristão Guedes de Queiroz, o novo habitante do palácio, não gozava da mesma popularidade do seu predecessor. Mas foi ele quem mais enriqueceu o recheio dos salões nobres. Até que, com a queda da Casa da Foz, foi tudo posto em praça em 1901, num leilão célebre.

A Garagem Beauvelet

Em 1902, o comerciante de automóveis Angèle Beau-velet alugou as antigas cocheiras do palácio (no local onde, depois de 1837, se tinha construído a nova entrada para os jardins). Primeiro, acrescentou um piso ao velho muro e construções anexas, cedendo parte do rés-do-chão a um «musi-hall» mais ou menos improvisado que foi o primeiro de Lisboa. Depois, em Março de 1906, inaugurou um novo edifício no local, destinado à venda de automóveis, «o mais aristocrático meio de locomoção e o mais elegante dos sports».

A Garagem Beauvelet, com um enorme hangar no primeiro piso, era uma «obra europeia» de monta. No dia da inauguração, além do rei D.Carlos, esteve presente o próprio Armand Peugeot, fundador da marca. A préhistória do Eden Teatro termina em 1909, quando o «stand» do senhor Beauvelet se muda para os baixos do Avenida Palace, e o edifício passa temporariamente (1909/1912) a Teatro das Variedades.

Aproveitando o esqueleto da antiga garagem, o empresário Luiz Galhardo encomendou ao cenógrafo Augusto Pina planos para a construção de um teatro mais amplo do que o improvisado Variedades. Esse teatro, inaugurado no dia 25 de Setembro de 1914, é o primeiro Eden.

"Orfeu, Orfeu, Orfeu!"

O espectáculo de estreia foi uma opereta de Gervásio Lobato, D. João da Câmara e Ciríaco Cardoso, chamada «O Burro do Senhor Alcaide». Intrepretavam-na Palmira Bastos e José Ricardo. Depois, e até 1928, o Eden foi um dos templos da Revista. Tal como o seu predecessor Teatro das Variedades (onde, em 1911, se prolongara o sucesso da peça «O Pai Paulino»), ofereceu ao público de Lisboa alguns sucessos revisteiros que ainda hoje são lembrados e cantados.

Logo em 1915, duas das mais concorridas revistas do ano estiveram em cena no Eden: «O Diabo a Quatro» e «Dominó». Da primeira fazia parte a célebre paródia à revista literária «Orpheu», nesse mesmo ano publicada por Mário de Sá-Carneiro e Fernando Pessoa. Imitando a estética futurista, eram assim as coplas do segundo quadro (autores Ernesto Rodrigues, João Bastos e Felix Bermudes):«*Asneirófe, escrivinhari, tiroliro/ (...)/ Satanaz, o macharás que é farrabás, / Barrabás e fariseu /Mais audaz,/ Sagaz,/ Um dia p'ra que lhe deu ? / P'ra ler o Orfeu./ Sabem o que aconteceu ?/Satanaz endoideceu !/Orfeu, Orfeu,Orfeu !*». Mário de Sá-Carneiro, que não perdia uma revista em cartaz, achou graça à charge, comprou o livrinho das coplas de «O Diabo a Quatro», recortou a página e colou-a num dos seus cadernos.

Outros sucessos no Eden foram "O Novo Mundo" (1916), "Ás de Oiros" (1917), "Trombeta da Fama" (1918), "A Cidade Onde a Gente se Aborrece" (1925), "Rosas de Portugal" (1927) e "Terra de Cantigas" (1928). Em 1917, iniciou-se neste teatro a primeira reposição da mais célebre revista de todos os tempos: "O 31", de Luiz Galhardo, Pereira Coelho e Alberto Barbosa.

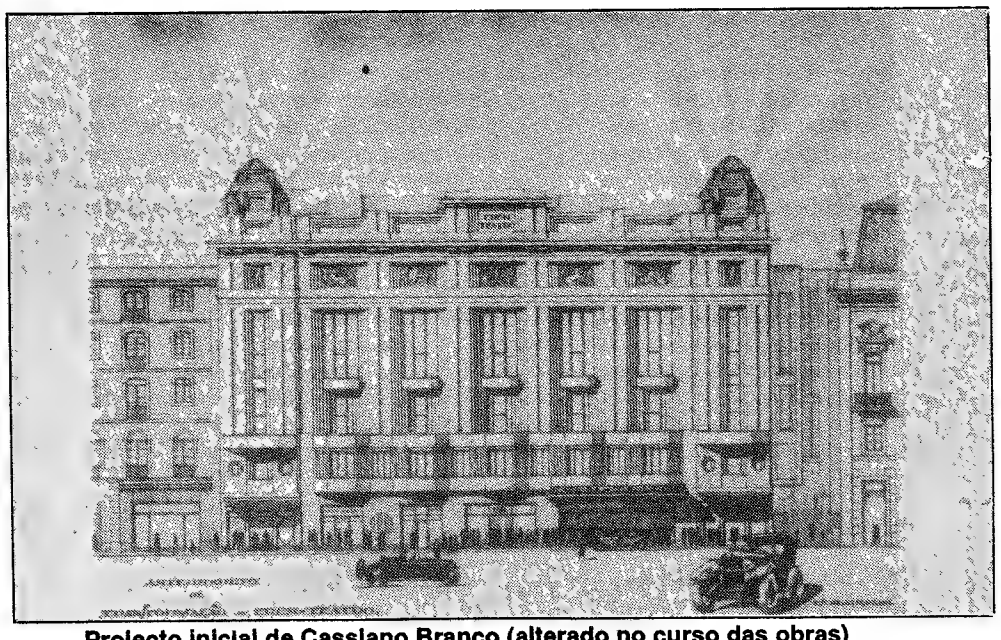
A partir de 1918, por iniciativa do empresário Leopoldo O 'Donnell, passou o Eden a dedicar-se também a temporadas cinematográficas. Logo nesse ano, e além dos filmes estrangeiros em séries, foram projectadas curtas metragens dos Serviços Cinematográficos do Exército: "Tourada de Gala no Campo Pequeno", "Proclamação do Dr. Sidónio Paes", etc.

Após uma vistoria de rotina, a Inspecção Geral de Espectáculos ordenou o encerramento do Eden, no final de 1928, por questões de segurança. O Conde de Sucena, que tinha comprado o Palácio Foz e terrenos anexos em 1914, resolveu-se pela demolição do imóvel. Ainda em 1929, foi encomendado ao arquitecto Cassiano Branco o projecto do novo Eden. As obras começaram dois anos depois. Antes, o conde teve de hipotecar à Caixa Geral de Depósitos todos os seus terrenos nos Restauradores.

Cinema Eden

O projecto inicial de Cassiano Branco acabou por sofrer bastantes alterações, no curso das obras, que duraram até 1937. O arquitecto Carlos Florêncio Dias dirigiu pessoalmente os trabalhos e contou com a

O muro do Palácio Foz aparece ainda intacto nesta perspectiva rara (postal ilustrado, c. 1900)



Projecto inicial de Cassiano Branco (alterado no curso das obras) para o segundo Eden (postal ilustrado,1929)

O primeiro Eden, inaugurado - projecto de Augusto Pina - em 1914 (fotografia do Arquivo da CML)

colaboração do escultor Leopoldo de Almeida, autor dos baixos-relevos de fachada e interiores. O novo Eden Teatro foi inaugurado no dia 1 de Abril de 1937, com a peça "Bocage", interpretada por Estêvão Amarante.

A seguir à inauguração, o novo Eden apresentaria apenas mais duas revistas, "Chuva de Mulheres" e "Fanfarra". Depois, converteu-se definitivamente em sala de cinema. Lopo Lauer, que assegurava a exploração, não tinha mãos a medir nos pedidos de estreias. As distribuidoras, suportando metade da firma, escolhiam o Eden para todos os melhores filmes. Durante a a Segunda Guerra, o Eden foi o cinema mais concorrido de Lisboa. Além da celebérrima "Balalaika" com Nelson Eddy, aqui se estrearam vários filmes que estiveram meses em cartaz, incluindo os grandes sucessos do cinema português da época.

Explorado pela distribuidora Lusomundo desde 1974, o Eden Teatro feito cinema sobreviveu mal à sua época de ouro. Finalmente sacrificado, encerrou definitivamente as portas no último dia de 1989.

Dentro de dois anos, será provavelmente um aparthotel de luxo. Tal mudança implicará sacrifício de interiores. O edifício está integralmente (e não apenas na fachada e escadaria, como chegou a ser noticiado) classificado Imóvel de Interesse Público. A maquete recentemente divulgada pelas empresas Amorim/ISM, novas proprietárias do cinema, revela um edifício de nove pisos, jardim interior, 158 apartamentos, piscina, restaurante e uma "asa" acrescentada à fachada traseira, reproduzindo a parte de cima de uma carruagem (inspirações da proximidade da estação do Rossio).

Seja qual for a decisão da Câmara e do Instituto Português do Património Cultural, o Eden Teatro não deverá voltar a ser inteiramente dedicado ao espectáculo. Uma nova era nascerá nos antigos jardins dos Castello-Melhor.

Marina Tavares Dias

Obras nos Restauradores para substutuição do teatro, nos anos 30 (postal ilustrado, c. 1932)

O novo Eden na sua década de ouro, os anos 40 (postal ilustrado)

QUOTIDIANO

Ponta Delgada: cidade compactada entre a paisagem e o mar

A cidade e a vida micaelenses nas perspectivas complementares de um visitante e de uma residente

Por Paulo Lima

Quando cheguei a Ponta Delgada, numa noite amena do Inverno passado, percorri um caminho por entre casas pequenas, brancas e cinzentas, pouco 'urbanizadas', e pedi ao taxista que me levasse onde pudesse dormir barato. O energúmeno vestido de couro e escondido no escuro do banco da frente tomou o meu desejo sem uma pontinha de humor e deixou-me, simpático na sua pronúncia cerrada, numa casa em pleno centro da cidade, junto à igreja matriz, que não possuía qualquer sinalização para pernoitantes e onde a noite custava 1060$00!...

Não havia vento, a noite era morna, as ruas estavam desertas. Junto 'a matriz, uma dúzia de táxis parados - pergunto-me onde haveria clientes! No passeio, uma jovem mulher-polícia fazia a ronda. Indica-me o telefone da esquadra para 'falar para o continente', e fala-me de poucos cafés abertos àquela hora. Às 22 horas!

Na rua comercial, iluminada de montras de ourivesarias, encontrei um sítio escuro e denso, sítio de homens, onde havia duas ou três mulheres. As pessoas pareciam-me cinzentas, sujas e desgrenhadas, os homens tinham a barba 'por fazer', bebia-se cerveja 'Skoll' e 'Especial' açoriana, só o patrão recebia os pagamentos - consegui comer uma 'sandwich' e um bolo seco! Havia negros embarcadiços mas a maioria seria gente do interior da ilha a trabalhar na cidade. Era gente triste. Não haveria de lá voltar!

Desci à 'Avenida' junto ao mar, mesmo ali, recebendo as portas da cidade e o largo da matriz. Percorre o porto e tem palmeiras pequeninas e bancos. É construção recente, tem edifícios de quatro ou cinco andares e tem um, um apenas, o famoso 'Solmar', de quinze ou dezasseis andares... No conjunto, compõem um 'ar de estância de férias', e impõe-se como marca de afirmação da autonomia regional e de liberdade perante os sismos!

Senti-me 'caído de avião' numa terra estranha, fechada, nocturna, rodeado de gente desmazelada e de ruas desertas. A tribo recolhia-se às casas, e eu senti pairar o peso de um perigo iminente e um desprazer.

PD e as pessoas

De manhã e nas outras manhãs, PD é outra. As pessoas são lavadas e delicadas, o proletariado não ocupa as ruas. A luz é muito forte, as casas muito brancas, realçadas pelas esquadrias negras, as ruas são estreitas e de paralelepípedos cinzentos, com uma exígua margem de passeio. As cores são vivas nos automóveis e vermelhos ferrugem e vivos e azuis e amarelos no azul do mar no porto logo ao fundo das ruas. Do outro lado das ruas, do lado que sobe, o montinho verde que *corrói a perspectiva*, como nos diz uma natural da cidade.

De facto, em PD *vivemos compactados entre a paisagem, que é aquilo que temos, e o mar*, acrescenta Isabel Coutinho Cabral, pintora e docente da Universidade dos Açores. A Avenida forma um contorno limite abrupto com o mar logo ali, de um lado, e, do outro, não há transição para o campo. *O ponto de fuga da rua fica diluído num montinho verde; mesmo na cidade temos a sensação de haver um campo logo à volta, como acidente natural, a intervir na própria cidade. De uma forma acidental, os montes, tão pequeninos, fazem uma decoração da cidade*».

As esquadrias negras, a realçar o branco das casas

O mar, o outro lado, é uma presença com todo o peso de ser. Toalha imensa, mansa, é uma presença, de forma estranha, aparentemente indiferente na cidade. Não cheira, não tem ondas, está apenas, com todo o peso de estar. *Às vezes não é paisagem, porque é condicionante de tal modo forte, porque isoladora, que se lhe vira as costas!*.

O céu, quase nunca limpo, sempre com enormes retalhos de nuvens criando abertas azulíssimas, extremamente variável, é *quase uma campânula, que pode até relacionar-se com a religiosidade da ilha, como a campânula do Espírito Santo. É o que os baliza, sabem se vai chover ou não.*

O açoriano parece aliás privilegiar uma relação vertical com o espaço, o que naturalmente resultará de uma *faixa de vivência muito estreita*. Muito húmido, muito morno, chuva após sol e escuridão e vento após luz, *os humores das pessoas* - prossegue Isabel Coutinho Cabral - *também são muito variados, mas são sempre como o espectro solar, sempre naquelas faixas de cor. Não há instabilidade, o micaelense é variado mas abúlico, manso!. Eu sou relativamente viva e quando cá chego fico como os toiros que para cá vêm - fico mansa que se farta!*.

De facto é recente a aparente desinibição dos micaelenses em relação ao mar. *Antigamente* - diz ainda a nossa interlocutora- *as ruas de acesso ao mar não existiam: havia uma parede de casas, avenida e mar. Toda a cidade se fechava em relação ao mar, não havia relação da cidade com o mar, havia uma defesa, as casas estavam de costas para o mar. Aliás, o micaelense tem uma necessidade enorme de se defender, é dos aspectos mais importantes do açoriano, é uma permanente necessidade de defesa.*

Mas esse afogamento entre mar e terra faz parte da mentalidade do ilhéu, *é quase uma necessidade. As pessoas podem viver ao lado umas das outras e relacionar-se muito bem, mas não há passagem pelos quintais, vão a casa uns dos outros pela rua.*

E não há também fruição do interior da ilha pelos indígenas. São poucos os automóveis nas estradas do interior nos dias de fim-de-semana, são muitos mais os homens que a cavalo percorrem a ilha transportando o leite do dia até aos postos de recepção em alguns cruzamentos. Usufruem muito pouco da beira-mar e do campo, mas é mais fácil ir ver o campo, até porque é a subir!...

Do mesmo modo também não saem na cidade, os residentes. *Porque não têm hábitos de cidade não a vivem; à noite alguns grupos vão a duas ou três discotecas e o resto fica em casa. Há os continentais e*

CONCESSIONÁRIOS

A.M.A. — Auto Monumental do Arcozelo S.A. — Audi — VW

AUTOMÓVEIS • FURGONETAS • PEÇAS • SERVIÇOS • OFICINA

Av. Padre Manuel da Nóbrega, 8 — Telef. 894185/6/7/8 — Telex 63 403 AMACAR — 1000 LISBOA

As cores vivas do porto, logo ao fundo das ruas

uma faixa de jovens micaelenses, por um lado, necessitados de saídas nocturnas, e a sociedade açoriana, por outro, de hierarquias extremadas, poucas famílias no pico da pirâmide e uma base muito larga de gente pobre, classe média estreita e de peso leve, gerando tensões fortes mas contida, nas suas casas.

No entanto é grande o bulício de dia. Há até engarrafamentos de trânsito, e problemáticos! De dia PD, é quase uma cidade esquecida de si mesma num qualquer continente. *Quem está aqui todo o dia e vai de casa ao escritório* - sublinha Isabel Coutinho Cabral - *não tem essa consciência específica, dentro da cidade as pessoas não vêem o que se passa à volta, nem o mar nem o monte, mas há verde e azul por todo o lado!.*

Extravagante uma perspectiva aérea, imagem de tanto mar azul, acinzentado e de tanto verde envolvendo em silêncio absoluto aquela ficção umbilical que PD, parece constituir!

Falar em S. Miguel

Máscara cerrada, boçal, o falar micaelense esconde uma delicadeza extrema de expressões e imagens. A linguagem é um espelho da vivência do açoriano, de tal modo se ajusta à paisagem, às ocupações e ao sentimento açoriano. À religião, à circunstância telúrica! O 'corisco' (o raio), o 'mistério', o 'ensimesmado'.

E aquele certo carácter eufemizante: a confusão, a barafunda, por nós traduzidas por palavras pesadas, são para o açoriano *leilão*! E aquele delicioso *querido*. O *querido* que é universal em S. Miguel, que inicia e se intercala nas frases ritmando-as: *querido, estás hoje como uma flor*!. No início do século toda a ilha pertenceria a dezasseis famílias, e a educação fez-se muito 'de cima para baixo', daí o uso do *querido(?) - meu querido pai!, minha querida mãe!*.

A delicadeza é a cor do falar açoriano, nomear de quem num primeiro momento amou o que via: *Vista do Rei, Pico das Éguas, Ginetes, Mosteiros, Pico da Amêndoa, Água D'Alto, Fenaes da Luz, Pinhal da Paz*. É uma linguagem luminosa como a maquilhagem da ilha. Circunstância telúrica, lagoas enigmáticas, caldeiras em ebulição contida, como tinta no olho de olhar profundamente ameaçador, o micaelense *é um casulo dentro de cada pessoa. Aquilo que existe é, de facto, qualquer coisa que existe debaixo de outra coisa: nunca é claro!.*

Como os montinhos que são *pequeninos, graciosos, decorativos, lindinhos, ternurosos, mas que no fundo, porque têm estrutura vulcânica, são muito agressivos*, também o açoriano esconde, exprimindo uma agressividade contida como quem defende *a casa real. Ninguém entra na casa real.*

A surpresa residirá na forma quase hostil como o açoriano introverte, quando circunstancialmente poderia ser naturalmente mais livre(?). Na forma como vira costas à natureza, que o rodeia tão opressivamente, se de outro modo a consagra na sua linguagem.

Gerações em palol

A maioria das pessoas que viveram sempre em S. Miguel têm uma vida específica do açoriano; continuam a viver ao ritmo do serão do século passado. O hábito de reunião é muito cerimonial. Aqui as pessoas estão sempre comprometidas com qualquer coisa que eu nem sei o que é! Quanto mais não seja são capazes de perder tempo a preparar um chá e a comprar uns bolos. Em Lisboa - compara Isabel Coutinho Cabral - *o hábito de reunião é mais rápido.*

O peso da tradição, dos conceitos estruturados na religião, cadencia a vivência açoriana. *É um pouco a história do conto das fadas: casou, foi muito feliz e teve muitos meninos e fechou, fim. Metem-se na intimidade.*

Difícil começa a ser introverter uma geração de adolescentes que, também em S. Miguel, são impregnados com valores culturais que a ilha desconhecia. Sair à noite, namorar, trabalhar, é ainda difícil para as açorianas. O fosso geracional é abismal, e os sintomas do atrito são diversos e palpáveis nos números de ingestões medicamentosas, de outras tentativas de suicídio, no crescer do consumo de droga, nos 'desmaios' que vão ao hospital, nas meninas que se vêem retiradas do liceu, esperando casamento porque experimentaram intimidade com os namorados...

Mais do que o sintoma da droga, agora companheira do álcool, velho síndroma da ilha, nos usos de um certo proletariado jovem, e dos outros, é importante a distanciação entre pais e filhos e a desmobilização pela dificuldade em encontrar emprego por aqueles que não tiveram a sorte de ir ao continente estudar...

Para os 'senhores das ilhas', casta superior, dona de casas e terras, de saberes especializados e de tradição, que veste informalmente 'smoking', no Carnaval, imitados por toda a pequena e média burguesia *com problemas de estatuto e que pretendem envernizar*, deve ser certa a degradação da lógica que governou esta terra, porque a terra é pequena. Mas, como? Se não há já revoluções?

A Avenida é o contorno limite do mar

ECONOMIA

BREVES

CGD assina protocolos na área do comércio

A Caixa Geral de Depósitos assinou ontem, nas instalações do seu eurogabinete, dois protocolos de cooperação com as direcções-gerais de Concorrência e Preços e do Comércio Interno. Os documentos visam aumentar a defesa, por um lado, e a promoção e informação, por outro, das PME's, o que se insere no âmbito da actividade do eurogabinete, junto de quem os investidores podem colocar as questões que surjam quanto à CEE.

Pesca mundial aumenta de ano para ano

Durante o ano de 1989 foram capturados, em todo o mundo, 100 milhões de toneladas de peixe, volume ligeiramente superior ao do ano anterior e muito maior que o de 1985 (86 milhões). Segundo um relatório da FAO, os principais produtores são o Japão, a URSS e a R.P. China. A fatia das capturas dos países em desenvolvimento mantém-se estável, com 52 por cento, bem como a sua participação no mercado mundial (45 por cento).

Aproveitar a biomassa para energia eléctrica

A Quimigal e a Dow Portugal vão colaborar no estudo e possível desenvolvimento de um projecto de produção de vapor-energia eléctrica com a utilização de biomassa como combustível. Segundo foi revelado, o projecto poderá ser desenvolvido em Estarreja, estando prevista a utilização de resíduos florestais e outros combustíveis, nomeadamente carvão e resíduos urbanos tratados.

Inovação que funciona e o mercado europeu

A França recebe, mais uma vez, o Decville, realização anual de Digital, em curso desde o dia 10 e até 21 deste mês. Integrado no programa Decworld subordinado ao tema «A inovação que funciona», está vocacionado para o mercado europeu, com destaque para executivos das áreas de gestão e informática, «marketing» e vendas. Com 30 apresentações diárias, mais de 200 exposições e dez «workshops», é uma «experiência compreensiva de negócios».

Esta semana termina o prazo para formalização do negócio, enquanto continua a ser esperado parecer da Procuradoria-Geral da República. Mesquita Montes diz que situação é irreversível

Casa do Douro optimista no negócio da RCV

Uma conferência de Imprensa promovida pela Casa do Douro para divulgação das perspectivas das vindimas deste ano serviu, fundamentalmente, para uma sessão de perguntas e respostas sobre a aquisição de 40 por cento do capital da Real Companhia. Afirmação de Mesquita Montes: «Foi uma operação perfeitamente legal e irreversível.»

Ainda por saber, contudo, qual o parecer da Procuradoria Geral da República, previsto para finais de Outubro, numa altura em que no próprio Ministério da Agricultura, Alimentação e Pescas (MAAP) parece não haver uma perfeita certeza quanto à transacção, embora o titular da pasta, homem do norte e profundo conhecedor da problemática do vinho, tenha - deva ter - uma palavra a dizer. Não a política, mas a técnica, esquecendo os 30 mil votos que podem estar em causa.

Para já, de ressalvar o optimismo com que o presidente da Casa do Douro aguarda o parecer da PGR, uma vez que afirmou que este «só poderá ser favorável». Contudo não deixou de adiantar que, caso seja negativo, haverá sempre a alternativa da criação de uma «holding» ou o recurso

Mesquita Montes em conferência de imprensa: um homem optimista

às cooperativas para finalização de um negócio que envolve 9,6 milhões de contos, dois dos quais já pagos à Real Companhia.

Presentemente, quando se aproxima o prazo final de pagamento da transacção, no próximo dia 15, continua a ser negociada a hipoteca, no valor de quatro milhões de contos, do vinho da Casa do Douro, ficando o restante a ser liquidado até 1991 e para o qual ainda não há garantia financeira. A Caixa Geral de Depósitos, entidade bancária que habitualmente intervém nestas acções, parece não estar interessada, por já ter «muito dinheiro envolvido». Segundo fontes ligadas à Banca, as alternativas podem passar pelo Banif ou pelas Caixas de Crédito Agrícola.

Um outro cenário é a opção de mais 11 por cento que a Cofipsa terá no negócio. Se a Casa do Douro não conseguir ou não for autorizada a concretizá-lo, poder-se-á dar o caso de Carlo di Benedetti vir a ser, de um momento para o outro, a força maioritária na Real Companhia. Contudo, diversos investidores consideram ser este uma mau negócio, dada não só a situação enfraquecida em que a empresa se encontra, como também por ser muita mais barato montar uma nova empresa, isto sem deixar de ter presente que existem outras que, por menos dinheiro, podem mudar de mãos.

Este é um assunto que ainda não se encontra esgotado. A Festa das Vindimas, que terá lugar no próximo fim-de-semana, com a presença do Presidente da República, poderá decorrer, por outro lado, num ambiente tenso, uma vez que são conhecidos os diferendos entre a Casa do Douro e várias associações do sector.

A. H.

COTAÇÕES

Companhia Geral de CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

(Por Unidade)

COTAÇÕES DE NOTAS	COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	44$20	50$20
ALEMANHA FED. (marco)	87$60	88$80
ÁUSTRIA (xelim)	12$45	12$65
BÉLGICA (franco)	4$071	4$321
BRASIL (cruzado)		
CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2)	119$00	121$50
(notas de 5 a 1000)	119$50	122$00
DINAMARCA (coroa)	22$90	23$30
ESPANHA	1$360	1$480
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	138$30	141$80
(notas de 5 a 1000)	138$80	142$30
FINLÂNDIA (marka)	37$25	37$85
FRANÇA (franco)	26$15	26$85
HOLANDA (florim)	77$70	78$80
IRLANDA (libra)	236$20	240$20
ITÁLIA (lira)	$107	$122
JAPÃO (iene)	$953	1$008
NORUEGA (coroa)	22$70	23$20
REINO UNIDO (libra)	258$35	262$85
SUÉCIA (coroa)	23$95	24$45
SUÍÇA (franco)	104$80	106$30
VENEZUELA (bolívar)	2$389	3$189

OBSERVAÇÕES:

1 — No respeitante a a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.

2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil.

Transporte de mercadorias vai aumentar de preço

Associação do sector rodoviário critica Governo e aconselha os seus associados a elevar as suas tabelas entre oito e onze por cento

Deverão sofrer aumentos entre oito e onze por cento os preços dos transportes rodoviários de mercadorias, segundo anunciou a associação empresarial do sector (Antram). Esta situação resulta directamente do recente aumento dos combustíveis decretado pelo Governo.

Segundo a Antram, «a gota que fez transbordar uma situação muito difícil para a actividade transportadora rodoviária» foi ó último aumento do preço do gasóleo, que se cifrou em 28 por cento.

Perante este facto, a Antram decidiu aconselhar os seus membros a actualizar os seus fretes, face ao aumento dos custos de exploração, os quais devem situar-se entre os oito e os onze por cento.

Esta associação recorda que antes da recente fixação do preço do gasóleo em 95 escudos o litro, «já o sector se debatia com graves problemas económicos», advindos, no essencial, dos aumentos da massa salarial (mais 17,5 por cento em Fevereiro último) e dos prémios dos seguros obrigatórios (mais cerca de 70 por cento de Janeiro de 89 a Janeiro de 90).

Dificuldades

A Antram refere ainda outras dificuldades, como sejam uma frota transportadora envelhecida (média de 11,5 anos por veículo), grande consumo de combustível por falta de inovação tecnológica e a falta de incentivos oficiais para a sua renovação.

Dificuldades que levam os operadores deste sector a ver «com apreensão o desfio europeu, que a partir de 1992 será ainda mais ameaçador».

Recorda ainda a referida associação que as dificuldades já foram reconhecidas pelas próprias entidades governamentais, quando, em Março deste ano, o então ministro de tutela, Oliveira Martins, anunciou, como primeira medida de apoio à actividade transportadora, a atribuição - a fundo perdido - de um financiamento de 15 por cento do custo dos veículos a adquirir pelas empresas. Só que afirma, tal decisão ainda não foi concretizada.

«Numa situação tão sensível como esta, em que o ónus vai recair, em última análise, sobre os utentes dos serviços, a Antram não esquece, porém, um problema que desde há muito a preocupa: a devolução da taxa do IVA, incluída no preço do gasóleo», afirma ainda

E o presidente do Conselho Directivo da Antram, Osvaldo Costa, comenta: «Agora esperamos, ao menos, que o Governo faça em Portugal como os governos fazem em toda a Europa: a dedução total do IVA que incide sobre o combustível e não apenas metade, como tem sido feito apesar dos protestos da associação.»

CULTURA

Começou ontem a montagem do palco de David Bowie

Nem que chova canivetes

«Por enquanto a chuva não interfere em nada nos trabalhos» - afirmou ao DL, esta manhã, António José Cruz, chefe da equipa técnica e de montagem do palco onde actuará David Bowie na próxima sexta-feira.

O palco de grandes dimensões começou ontem a erguer-se no estádio José Alvalade. À tarde já tinha forma. Para isso contribui a equipa de montagem composta por cem homens, dos quais quinze são estrangeiros, chefiados, curiosamente, por um português, a trabalhar para uma empresa estrangeira (com ele tivémos uma pequena conversa a publicar na nossa edição de amanhã).

Desta vez, e ao contrário do que aconteceu com os trabalhos preparativos do concerto dos Rolling Stones, a equipa subdividiu-se em duas, trabalhando em dois turnos de doze horas cada um, funcionando o dia inteiro. Isso acontece porque «há menos dias de montagem» - segundo esclareceu António José Cruz. Prevê-se que o palco esteja pronto entre a noite de hoje e amanhã de manhã.

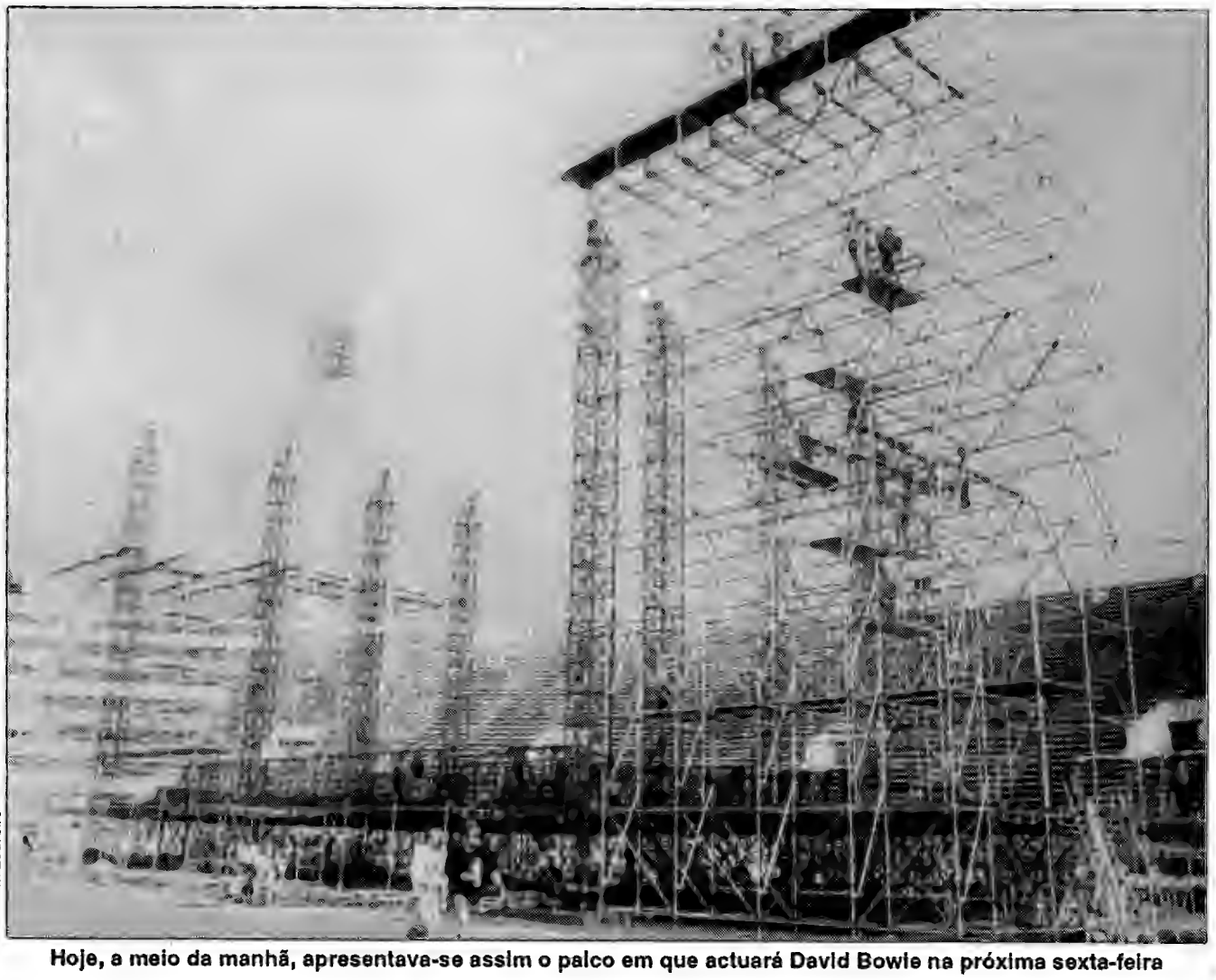
O material de som e iluminação chegará a Lisboa pelas 16 horas de quinta-feira. Serão cerca de duas centenas de projectores num total de 200 mil vátios e 400 quilovátios de som, acrescidos de 50 monitores de palco com 800 vátios de potência.

Ao lado, no campo de treinos do Sporting, ontem à noite já se encontrava montado o palco onde decorrerá o primeiro espectáculo dos Sons de Mar, amanhã, e em que actuarão Paulo Flores (Angola), Tubarões (Cabo Verde), os portugueses Ban e Rádio Macau e a brasileira Marisa Monte.

Mais uma vez se constata o profissionalismo e a capacidade de trabalho das muitas centenas de pessoas que tornam realidade o sonho, principalmente da produtora nacional, a Tournée, que foi também responsável pelo êxito organizativo do concerto dos Rolling Stones. Permitindo que o *roadie manager* da super-banda inglesa reconhecesse agradado e admirado, apesar da pouca experiência relativa a megaconcertos, a capacidade de trabalho da equipa portuguesa.

Sosseguem os espíritos. Porque a montagem do palco de David Bowie estará concluída no tempo previsto "nem que chova canivetes".

Maria José Belo Marques



Anabela Loureiro

Hoje, a meio da manhã, apresentava-se assim o palco em que actuará David Bowie na próxima sexta-feira

Gravura japonesa do século XVIII

No âmbito do «Convite à Cultura Japonesa: Setembro 90», a Fundação MOA de Portugal, apoiada pela Embaixada do Japão em Lisboa, organizou uma exposição de gravuras de artistas japoneses do século XVIII.

A exposição, patente no número 44 da Avenida Marquês de Tomar, reúne cerca de cinco dezenas de gravuras, mostrando-se também réplicas de matrizes em madeira que estão na origem dos trabalhos expostos. À semelhança das técnicas utilizadas para a produção de múltiplos de arte, também cada uma destas matrizes corresponde a uma cor, alcançando-se a arte final pela sucessiva sobreposição das cores.

No Japão, chama-se UkiYo-É a este tipo de gravura. Os vocábulos «Uki», «Yo» e «É», significam em português, respectivamente, «flutuar», «mundo» e «desenho ou pintura». Estamos portanto perante a «pintura do mundo flutuante», que não é outra senão a da sociedade mundana.

Esta pintura ou gravura teve início no século XVI, época particularmente convulsa da sociedade japonesa, dividida entre uma família nobre pertencente à classe dos Samurais e o povo. Naturalmente que o povo não tinha acesso à cultura.

A cultura típica japonesa só foi possível quando, em 1600, Shogunato Tokugawa conseguiu a reunificação e pacificação do império, e a transferência da capital de Kyoto para Tóquio.

Na época, a decoração das habitações e palácios fazia-se recorrendo à pintura académica das Escolas Kano ou Tossa, embora o seu preço fosse incomportável pelo povo.

As transformações entretanto verificadas na sociedade japonesa do século XVII, preconizavam a acessibilidade do preço e defendiam uma temática ligada à vida quotidiana. Previlegiando a paisagem, a procura determinou uma variedade de temas, que iam das cenas da vida quotidiana até à pornografia (hoje divulgada em livros de arte), passando pelo artistas de teatro popular (*kabuti*).

Daí à produção de múltiplos de arte, foi um passo. Inicialmente apenas a duas cores, numa evidente tentativa de aumentar as tiragens de cada gravura, atingindo depois a multiplicidade cromática que as aproximam, tanto na intenção, como reprodução, dos actuais múltiplos de arte.

Para os cartões postais da época, utilizavam-se as gravuras com paisagens, enquanto que os desenhos que retratavam os artistas de kabuti desempenhavam as funções de fotografias ou cartões promocionais.

Uma famosa gravura feita a partir de uma pintura que Hiroshigue Ando executou através das 53 estações entre Tóquio e Kyoto, num percurso com cerca de 400 quilómetros, serviu como guia turístico dessas cidades imperiais.

Mas a gravura japonesa desempenhou um papel fundamental na pintura ocidental do começo do século, quando chegou à Europa como vulgar papel de embrulho das obras de cerâmica trazidas por coleccionadores e *marchands*. Manet, Van Gogh e sobretudo Toulouse Lautrec, souberam transportar para o impressionismo a amplitude e simplicidade do desenho desses supostos papéis de embrulho.

J.F.

Congresso Internacional dos Críticos de Teatro Fundação Gulbenkian

13 de Setembro
(manhã)
9.00/11.15
Secção 2: *Limites e Potencialidades do Teatro Hoje*
Comunicações: Georges Banu (França) — *Le Théâtre et la Réalité: Défaite et Victoire;* Carlos Porto (Portugal) — *O Teatro d'O Bando: para uma Antropologia da Morte;* Lamice El-Amari (Argélia) — *Théâtre and Society;* Ivo Osolsobé (Checoslováquia) — *The Role of Theatre in the Czechoslovak Revolution and the Role of Theatre Criticism: Before and After;* Giora Manor (Israel) - *Israeli Dance Theatre Looking for Expressions of Political Reality.*

11.30/13.00
Secção 2
Comunicações: Ernst Schumacher (RDA) — *GDR Theatre Before and After the 1989 Revolution;* Anna Foldes (Hungria) — *Theatre in the Whirl of History: Tasks and Limits in a Transitional Period of a Peaceful Revolution;* Minoru Tanokura (Japão) — *Le Théâtre Apolitique;* Aysegul Yuksel (Turquia) — *Limits and Potencialities of Turquish Theatre;* Paulo Filipe Monteiro (Portugal) - *O real Muda: e a sua Interpelação?*

(Tarde)
15.00/16.15
Secção 2
Comunicações: Mikhil Shvydkoy (URSS) - — *Theatre in the New Reality;* Pedro Barbosa (Portugal) — *Considerações em prol de um Teatro Vivencial;* Raymonde Temkine (França) — *Des Théâtres sans le Mot;* Lothar Ehrlich (RDA) — *Theatre and Reality in the GDR Before and After the 1989 Revolution; Octobre 89;* Zeynep Oral (Turquia) - *Coping with Reality.*

16.30/18.00
Secção 2
Comunicações: Valentin Silvestru (Roménia) — *... mais il existe un dialogue de la realité avec le Théâtre?;* Natália Correia (Portugal) - *A Vingança das Euménidas e o Teatro Actual;* Carl Miller (Inglaterra) — *Limite to Tolerance: Theatre, Sex and Censorship;* José Valentim Lemos (Portugal) — *Zona não Oficial de Catástrofe;* Milos Mistrik (Checoslováquia) — *Un Exemple du Théâtre de l'Opposition en Slovaquie;* João Galvão (Brasil) — *Teatro/Artes Visuais. A Experiência da Bienal Internacional de São Paulo.*

Groupe Émile Dubois decepcionou ontem o público dos Encontros Acarte

Vaias e apupos na Gulbenkian

«Les mystères de Subal» do Groupe Émile Dubois: a vacuidade

Não deixa de ser curioso, se não apenas surpreendente, que uma obra de dança-teatro com o propósito de apelar à imaginação de quantos assistem sinta a necessidade de se basear numa prescrição tipo «modo de usar», como acontece com este «Les mystères de Subal» ontem apresentado no Grande Auditório da Gulbenkian, e que a França, país de origem, pareceu gostar, pelo menos se tivermos em conta o que se leu na sua Imprensa. O coreógrafo Jean-Claude Gallotta, ideólogo do Groupe Émile Dubois que vimos actuar no contexto dos Encontros Acarte, não deixou mesmo de assinar o que parece ser um óbvio texto de apoio, do qual não resistimos a transcrever a passagem seguinte: «Se o vosso imaginário está com uma avaria, não se inquietem, os artistas, com o seu coração, a sua cabeça e as suas ancas, trabalharam para que dele algo ainda reste. Se o vosso imaginário é mais forte que o espectáculo, então bem vindos ao mundo misterioso da arte. Se o vosso imaginário está em total osmose com o espectáculo, então bem vindos ao paraíso subaliano.»

A verdade, porém, é que nada disto que Gallotta prometia se verificou, e «Les mystères de Subal» é apenas uma peça falhada, para esquecer com o devido desprendimento. O pior é que a questão não é tão simples. Presunçosa, artificiosamente complexa, «intelectual» até à mais impaciente irritação, a coreografia em causa só resiste a um primeiro crivo de tolerabilidade devido à série de ambiguidades e equívocos que a alimenta. O tema (ou talvez, mais apropriadamente, a **alusão**) geral do espectáculo tem à priori o interesse suficiente para aliciar qualquer público - trata-se de sugerir a vivência das viagens e das derivas, a vertigem e o naufrágio, a tentação da perda e a angústia da procura. É nessa ambiência que a cenografia desde logo nos situa, e diga-se para mais que com uma engenhosidade notável por parte da dupla Jean-Yves Langlais e Olivier Baudry, que as luzes de Manuel Bernard mais dignificam. Estão lá os signos e os adereços indispensáveis para despoletar os efeitos fantasmáticos pretendidos, pela recriação de universos infantis e primitivos, com ícones, bonecos, brinquedos, máscaras.

Mas é ainda no âmbito cenográfico que começa a derrapagem, confundindo-se as referências ciganas com tribalismos africanos, a saga dos marinheiros com a mitologia irlandesa, levando à imprecisão dos papéis assumidos pelos dez dançarinos-actores intervenientes e ao baralhamento - e atabalhoamento - dos códigos do espectáculo. As confusões de Gallotta, do sequencialismo cinematográfico emprestado à coreografia à interiorização de factores operáticos, trataram do resto. A imaginação, contrariamente ao que se previa nas primeiras impressões, é afinal pouca, pouquíssima, nestes «Mistérios de Subal», e a tal ponto que bem depressa se sentiu, ontem, a vacuidade de tudo aquilo, a gratuitidade imbecil mesmo.

Foi constrangedor verificar o desespero com que se buscavam **significações**, leituras, fosse por sugestão gestual ou pelo uso de simbolismos coreográficos e da encenação propriamente dita. Jean-Claude Gallotta e os seus companheiros ficaram-se, no entanto, pela intenção, e nem um especial virtuosismo dos executantes (antes pelo contrário) pôde acrescentar em termos expressivos, interpretativos, o que o espectáculo, no seu todo estrutural e conceptual, não conseguia. Na sequência número seis, por exemplo, entendia o coreógrafo que deveria surgir aos olhos do público uma mulher que fizesse «sapateado repudiando o seu marido». O que nós vimos foi uma bailarina fazendo algo semelhante a um sapateado, mas **sem contextualização dramática** nem condicionamento narrativo. A incapacidade de Gallotta a esse nível, pelo menos neste seu trabalho, é mais do que evidente, mas convém que se refira que ela não é excessivamente pessoal - o artista francês não faz mais do que representar uma fatalidade que mina a própria forma dança-teatro, tão em voga por essa Europa fora: a impossibilidade radical de conciliar as duas linguagens numa única que pareça coerente.

O maior dos equívocos do Groupe Émile Dubois é afinal o grande equívoco desta corrente, que ou não sabe ser teatro ou menoriza a dança, consoante os casos. Neste em particular deparamos com ambas as limitações, e nem a música de Henry Torgue e Serge Houpin, parcialmente tocada no palco em piano, guitarra eléctrica ou acordeão, nos serve de consolo. Sensaborona, medíocre, incapaz de «resolver» as tipologias musicais que cita num corpo consistente, saltando do ambientalismo para a Idade Média, e do mambo para o rock com uma exasperante irresponsabilidade circunstancial, a banda sonora de «Les mystères de Subal» é um dos seus graves problemas. No fim do espectáculo, obviamente, soaram mais as vaias e os apupos do que as palmas. É razão para duvidar dos critérios do Acarte na selecção das obras que traz, anualmente, até Lisboa, para estes Encontros. Não fossem uma Bausch ou uma Saporta...

Rui Eduardo Paes

Uma «ama» demoníaca

O ANJO DAS SOMBRAS (The Guardian) R: William Friedkin (EUA, 1990); A: Stephen Volk, Dan Greenburg e William Friedkin, segundo romance de DanGreenburg, «The Nanny»; F(Cor): John A. Alonzo; M: Jack Hues; P: Joe Wizan/ Universal Pictures; I: Jenny Seagrove, Dwier Brown, Carey Lowell, etc. D: 93 m; Dist: Sif; Est: Apolo 70, Alfa, Amoreiras e Mundial (7.9.1990); Cl: **(M/12 anos).

William Friedkin é um experimentado director norte-americano que tem no terror (*O Exorcista*) e na acção (*Viver e Morrer em Los Angeles*) os seus temas preferidos. Com *O Anjo das Sombras* regressa, portanto, a território conhecido, que já explorara anteriormente com resultados garantidos, ainda que, por vezes, de gosto duvidoso no aproveitamento excessivo de certos efeitos algo gratuitos (e estou a lembrar-me, nomeadamente, de *O Exorcista* e das cenas de possessão demoníaca de Linda Blair). Felizmente, *The Guardian* retém, em certos aspectos, o melhor de Friedkin e afasta-se desse horror de situações nauseabundos que tem caracterizada muitos exemplos recentes do fantástico e do terror. Mas, por outro lado...

A ideia é curiosa e possibilita bons aproveitamentos ao nível dos cenários naturais que a iluminação de mestre John A. Alonzo, na direcção da fotografia, não deixa de sublinhar devidamente. Uma insinuante e atraente rapariga é contratada como «ama» por um jovem casal que lhe entrega o filho de poucas semanas para ela dele cuidar, quando ambos se ausentam de casa. O problema é que nós, espectadores, sabemos, e eles, pais, não sabem, que a «ama» é feiticeira e alimenta os bebés com o secreto intuito de os ofertar a uma secular árvore da floresta.

E assim se estrutura o suspense, que Friedkin defende bem em certos momentos (uma excelente sequência em casa de um arquitecto que descobre o segredo do mistério da «ama», mas não vive o suficiente para o contar a outros particularmente ao casal amigo, em casa de quem a sinistra personagem se hospeda). Mas, noutras alturas, as soluções são frágeis e por vezes mesmo agarradas pelos cabelos, o que não deixa de ser frustrante, mesmo em obras de raiz fantástica, onde nem tudo precisa de ser «explicado pelo conhecido». Mas, se uma coisa é o espectador aceitar o inexplicável como fonte de terror, de mistério ou de simples inquietação, já o mesmo espectador não pode aceitar muito bem algumas incongruências de situações «reais», como quase toda a sequência final, com o casal separado, ela à procura dentro de casa das chaves de um carro de onde acabou de sair, ele fugindo com a criança nos braços, em direcção à floresta, para se ir meter na boca do lobo (e nunca nada foi tão autêntico).

A exploração dramática da natureza é boa, como já dei a entender, ao salientar o trabalho do fotógrafo, mas falta alguma garra a este projecto para fazer dele um filme realmente inquietante e motivador. A associação da personagem da «ama» (aquela que alimenta os bebés alheios) à «mãe natureza» (a árvore que se alimenta dos bebés e que, através deles, sobrevive e assegura a sobrevivência da própria «ama») é interessante, mas poderia (e deveria) justificar aprofundamentos mais consistentes. O resultado final é, assim, um pouco decepcionante, mesmo que este seja um filme que não deixará de oferecer alguns momentos aceitáveis a um apreciador incondicional do género.

Lauro António

Morreu Pierre Barbaud

O compositor francês Pierre Barbaud, considerado internacionalmente o pioneiro da composição musical automática, morreu na segunda-feira em Nice, com 79 anos. Barbaud notabilizou-se pela introdução dos métodos matemáticos na música e durante alguns anos ensinou informática musical no Conservatório de Paris, sendo até à morte «chefe de projecto» no Instituto Nacional de Investigação Informática e Automática. Fundou o Groupe de Musique Algoritmique de Paris.

O lançamento foi ontem

«Ponto Pé de Flor» romance de Clara Pinto Correia

Pelo fim da tarde de ontem, e no cruzar-se de muito diálogo, foi apresentado, no Belém Clube Museu, de Clara Pinto Correia, o romance «Ponto Pé de Flor» (Publicações Dom Quixote).

Não é hoje que iremos escrever sobre a mais recente obra da autora de «Agrião!», «Adeus, Princesa», «E se tivesse a bondade de me dizer porquê», «Campos de morangos para sempre», «Um sinal dos tempos», etc. Em tempo oportuno o faremos.

Para já, diremos que «Ponto Pé de Flor» foi apresentado por António Alçada Baptista - e que, de uma página do livro nos apossando, podemos elaborar o seguinte diálogo, o qual, em certa medida, reflecte o espírito do escrito que ora Clara nos apresenta.

Assim:

- Serão os dias sempre iguais...?

- *Há um dia em que tudo muda sobre o mundo porque realizamos num olhar desconhecido, num gesto diferente, que agora temos na vida a nossa primeira melhor amiga.*

- Como é que tal sucede...? Como é que tal se aprende...?

- *Aprendemos uma noção insuspeitada de prazer e de conforto, esperamo-las de manhã, deitamo-nos juntas, abrimos-lhes as casas e os corações, sentamo-nos nas camas em camisa de noite a fumar cigarros clandestinos quando a normalidade dorme e a falar de como é que se dá beijos...*

- Só...?

- Também *de vergonhas e de medos, de humilhações profundas e dramas ingentes. Escrevemos...*

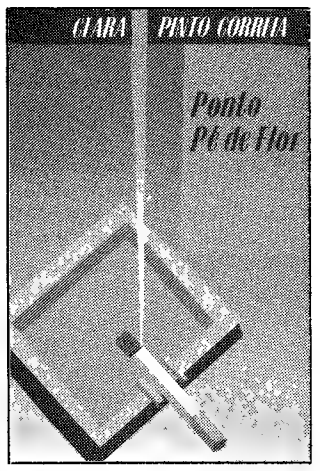
- Escrevemos...?

- *Escrevemos cartas durante as férias, inventamos códigos, depois...*

- Depois...?

- *Depois descobrimos a punhalada da traição e a fantasia da revolta, já não és a minha melhor amiga, não, agora sou a melhor amiga da outra...*

Uma atmosfera, por consequência, que ultrapassa todas as apresentações - e nos leva a que nela nos envolvamos para fruição plena de «Ponto Pé de Flor».



Rui Vasco

Clara Pinto Correia acompanhada de António Alçada Baptista no decorrer da apresentação do romance «Ponto Pé de Flor»

P. A.

Com 259 trabalhos expostos, a II Bienal de Gravura da Amadora pode ser visitada até 14 de Outubro. Trata-se, segundo os responsáveis, de uma iniciativa única no País

A caminho da internacionalização

Inaugurada no passado dia 7, a II Bienal de Gravura Amadora 90 mantém-se patente ao público até ao dia 14 de Outubro, diariamente das 15 às 23 horas, nas instalações da Galeria Municipal e dos Recreios Desportivos (antigo Cine-Plaza).

Esta Bienal é uma iniciativa única no País. Como exposição de Gravura que é, tem na qualidade e no elevado número de obras que apresenta, uma dimensão importante no panorama artístico português, o que permite a sua divulgação e projecção a nível internacional. Ao todo, estão expostos 259 trabalhos - de 89 artistas portugueses e 30 brasileiros.

Tendo como premissas principais homenagear os pioneiros da Gravura em Portugal, incentivar o apareciemnto de novos valores e assim contribuir para o desenvolvimento desta forma de expressão artística, a organização procurou este ano o caminho da internacionalização.

Assim, paralelamente à gravura nacional está também presente a «Jovem Gravura Brasileira», exposição organizada pelo Museu de Arte Contemporânea e pelo Museu de Arte Brasileira.

Curso, visitas, animação

Regina Silveira, comissária da exposição brasileira em Portugal, participa ainda na animação da Bienal como responsável por um curso de técnica de gravura, mais concretamente de litoffset, que tem lugar na sede da Assocaição de Artistas Gravadores da Amadora, na Quinta de S. Miguel, que se destina preferencialmente aos sócios da Associação e a ex-alunos dos cursos de formação.

Para além deste curso, estão ainda previstas visitas guiadas à exposição de gravura e palestras sobre o tema.

A Gravura em Portugal

A situação da Gravura hoje em Portugal, será o tema de uma mesa redonda que terá lugar no dia 13 de Outubro no Auditório Municipal e em que participarão responsáveis pelas oficinas de gravura de todo o País, em um confronto inédito de experiências e preocupações. Foram convidados representantes das Cooperativa Árvore e Diferença, Cooperativa de Gravura, Escolas Superiores de Belas Artes de Lisboa e do Porto, Casa das Artes de Tavira e Associação de Artistas Gravadores da Amadora.

Prémios e itinerâncias

De referir, ainda, que nesta segunda edição da Bienal de Gravura foram atribuídos os seguintes prémios: Prémio de Gravura a Marília Viegas com o trabalho «Reflexos»; Prémio de edição a João Pedro Cochofel com a gravura «Memórias Vagas», Catarina Castel e Augusto Canedo, ambos com trabalhos «sem título». O Prémio Juventude foi atribuído a Carlos Hall.

Para além da Câmara Municipal da Amadora, apoiaram a realização da II Bienal de Gravura a Secretaria de Estado da Cultura, a Fundação Gulbenkian, a Sociedade Nacional de Belas Artes e a Cooperativa Árvore. No Brasil, a Fundação Armando Tavares Penteado convidou uma comitiva de seis elementos do comissariado da Bienal a participarem na montagem e inauguração da exposição portuguesa em S. Paulo.

Por outro lado, dando continuidade ao projecto de internacionalização, a II Bienal de Gravura será representada em S. Paulo, no Museu de Arte Brasileira da Fundação Armando Álvares Penteado de 12 de Março a 2 de Abril de 1991 e, em outras cidades brasileiras de que se destacam o Rio de Janeiro, Curitiba no estado do Paraná e Rio Grande do Sul. Outras itinerâncias estão em análise, designadamente para a vizinha Espanha.

A proposta da Bienal ao procurar este intercâmbio artístico e cultural permite um maior e melhor conhecimento do trabalho desenvolvido nos outros países e ainda estabelecer um paralelo mais representativo e ilustrativo através de exposições simultâneas, neste caso a portuguesa e brasileira.

B R E V E S

Sindicato dos Músicos apoia a Régie Sinfonia

O Sindicato dos Músicos repudiou ontem, em comunicado, a «intenção» da SEC de suspender a actividade da Régie Cooperativa Sinfonia. O Sindicato contesta ainda a «deturpação do projecto inicial da Régie», que originou a «destruição das orquestras da RDP, quando se previa a recuperação destas».

Fundação Eça de Queiroz

Cavaco Silva recebeu ontem à tarde os promotores da Fundação Eça de Queiroz. O grupo foi agradecer ao Primeiro- Ministro o seu despacho de Abril que declarou a Associação dos Amigos de Eça de Queiroz como instituição de utilidade pública, o que permitiu libertá-la de uma série de impostos, viabilizando, assim, a Fundação.

Teatro ABC

Um grupo de representantes do Teatro ABC agradeceu o empenho do Primeiro Ministro na reconstrução daquela casa de espectáculos e convidou-o para a festa de solidariedade que mais de cem artistas realizam sábado no Coliseu dos Recreios.

Filme moçambicano na Austrália

O filme moçambicano «A Colheita do Diabo», produzido em 1988 por Michel Bonglovanne, foi exibido há dias no canal cultural da televisão australiana, «SBS».

Com guião de Licínio Azevedo e Brigitte Bagnoll, a película relata a vida nas quintas de exploração agrícola (machambas), sob a constante ameaça da guerrilha.

Umberto Eco acusado de plágio

Um escritor cipriota, Costas Sokratou, pôs uma acção contra os editores italiano e grego do escritor italiano Umberto Eco, acusando-o de o ter plagiado no seu «best-seller» «O Nome da Rosa».

O processo deverá ter início a 26 de Setembro perante o Tribunal de Nicósia - anunciou Costa Sokratou, que reclama um milhão de libras cipriotas (dois milhões de dólares) de indemnização.

Ainda segundo o escritor cipriota, existe «um milhão de semelhanças» entre «O Nome da Rosa» e uma das suas obras, escrita há 26 anos, «O Aforismo», e esta parecença «não pode ser classificada de coincidência, mas de cópia».

Fernando Gomes volta ao TIL

Fernando Gomes prepara para as crianças de Lisboa um novo espectáculo da sua autoria, a estrear brevemente na salinha do TIL, na Rua Leão de Oliveira, nº 1 - junto ao Largo do Calvário.

Assim, a par de uma conhecida actividade na criação de espectáculos para adultos, Fernando Gomes parece querer manter também uma actividade regular em relação a espectáculos para crianças.

Até à sua estreia, e dado o êxito que estava a obter no final da época passada, as meninas e os meninos de Lisboa poderão ver, na sala do Teatro Infantil de Lisboa, o espectáculo «Feliz Aniversário», todos os sábados, domingos e feriados às 16 horas, a partir do próximo dia 15.

Do elenco fazem parte Agostinho Macedo, Maria João Vieira, Carlos Macedo, Rita Mira, Kim Cachopo e Henrique Macedo, que dão vida aos famosos Alice, Gato das Botas, Sininho, Coelho do Relógio e Capitão Gancho.

Jack Nicholson comendador

O actor norte-americano Jack Nicholson foi agraciado com a insígnia de Comendador das Artes e Letras pelo ministro francês da Cultura, Jack Lang. Nicholson, de 53 anos, encontra-se em França para promover o seu recente filme, «The Two Jakes», a continuação de «Chinatown», no qual faz parte do elenco, sendo, ao mesmo tempo, o seu realizador.

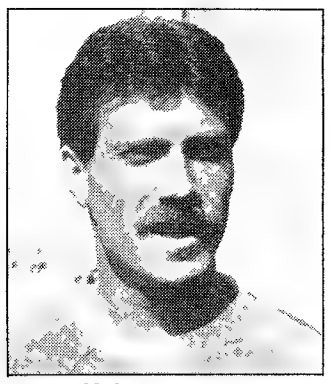
Exposição de Tom na São Francisco

Inaugura-se esta tarde, na galeria S.Francisco, uma exposição de Thomaz de Melo (Tom). A mostra, intitulada «O Último Trabalho do Artista», é a primeira exposição póstuma do artista, falecidao em 1990, com 84 anos. A exposição está aberta de segunda a sexta, das 10 às 13 e das 15 às 19, e aos sábados, das 10 às 13. Até dia 24.

DESPORTO

Às 17, com a TV em directo da Finlândia

Artur Jorge: oficial pontapé de saída



Veloso: pode revalidar 84

No Estádio Olímpico de Helsínquia, frente à Finlândia, os portugueses apostam nos dois pontos que premeiam a vitória na estreia da equipa técnica dirigida por Artur Jorge em jogos oficiais.

No único encontro efectuado sob o comando de «Rei Artur», a equipa das «quinas»: impôs um empate (1-1) à Alemanha Federal, actual campeão do mundo, no Estadio da Luz, em Lisboa, há duas semanas.

Apesar das baixas de última hora do central Hernaâni, afastado da equipa devido a um entorse no joelho esquerdo, durante o treino de sábado, em Lisboa, e de Paulo Futre, a contas com uma «lesão nos adutores», Portugal tem capacidade para levar de vencida a Finlândia.

Nas três partidas efectuadas entre os dois países, Portugal ganhou duas, ambas de qualificação para o Europeu, por 2-0, em 1982, em Helsínquia, e 5-0, em 1983, no Estádio de Alvalade, e empatou uma, de carácter particular, a um golo, em 1986, no Municipal de Leiria.

Além de Portugal e da Finlândia, o Grupo 6 de qualificação para o Suécia-92 integra ainda a Holanda, a Grécia e Malta, sendo apurado para a fase final apenas o vencedor do agrupamento, pelo que a vitória é o único resultado que interessa aos portugueses.

Apesar das forçadas ausências de Hernâni — que certamente Artur Jorge voltaria a colocar no eixo da defesa — e de Paulo Futre, reina optimismo entre a comitiva portuguesa e ninguém fala nos ausentes. Vencer é a palavra de ordem e desde o João Rodrigues (presidente da Federação) até ao roupeiro, ninguém admite outro resultado que não seja a vitória da turma lusa. Talvez que Artur Jorge seja o mais prudente não entrando na fila dos exageradamente optimistas e ele lá saberá porquê.

Quanto ao onze inicial, Silvino vestirá camisola n.º 1; a defesas-ala estão João Pinto e Fonseca; Veloso será o «líbero» e Venaîncio e Jorge Ferreira os centrias; o «miolo» será preenchido por André, Jaime Pacheco e Vítor Paneira enquanto na frente actuarão Rui Barros e Rui Águas. Para outras opções teremos Neno, José Carlos, Sobrinho, o benfiquista Pacheco e o sportinguista Cadete. De fora, ficará Oceano.

Bem, resta aguardar pelas 17 horas e vamos todos para junto do aparelho que nos irá trazer imagens do encontro inicial da nossa caminhada para a Suécia. Uma última nota:

Jaime Pacheco e Veloso são os únicos elementos desta equipa que estiveram presente an fase final do Europeu-84.

Equipas prováveis

Jogo no Estádio Olímpico de Helsínquia, na Finlândia, a partir das 19 horas locais (17 horas em Portugal, na RTP-1).

Árbitro: Josef Marko, da Checoslováquia.

Finlândia: Huttunen; Europaeus; Holmgren e Heikkinen; Rinne, Karneva e Remes; Litmanen; Tarkkio e Jarvinen; Paatelanen

Portugal: Silvino (Benfica); Veloso (Benfica); Joãp Pinto (F.C. do Porto), Jorge Ferreira (V. Setúbal), Venâncio (Sporting) e Fonseca (V. Guimarães); André (F.C. Porto), Vítor Paneira (Benfica) e Jaime Pacheco (V. Setúbal); Rui Barros (Mónaco) e Rui Águas (Benfica).

Quanto ao «banco» deverá ser formado por Neno, Sobrinho, Pacheco, José Carlos e Cadete.

Pacheco e Sobrinho treinando sob o olhar do técnico-adjunto Toni

Os «craques» de Artur Jorge

Nome	Posição	Clube	Nascimento	Idade	Internacionalizações
Silvino Louro	Guarda-redes	Benfica	05/03/59	31	15
Vítor Baía	Guarda-redes	FC Porto	15/10/69	20	—
João Pinto	Defesa	FC Porto	26/11/61	30	35
José Carlos	Defesa	Benfica	02/08/66	24	1
Pedro Venâncio	Defesa	Sporting	21/11/63	26	12
Luís Sobrinho	Defesa	Setúbal	05/05/61	31	8
Jorge Ferreira	Defesa	Setúbal	18/03/66	24	2
António Veloso	Defesa	Benfica	31/01/57	33	26
António Fonseca	Defesa	Guimarães	30/01/65	25	3
Jaime Pacheco	Médio	Setúbal	22/07/58	32	24
Vítor Paneira	Médio	Benfica	16/02/66	24	14
António André	Médio	FC Porto	24/12/57	32	15
Oceano da Cruz	Médio	Sporting	29/07/62	28	4
Rui Barros	Médio	AS Mónaco	24/11/65	24	14
Rui Águas	Avançado	Benfica	28/04/60	30	14
António Pacheco	Avançado	Benfica	01/12/66	23	4
Jorge Cadete	Avançado	Sporting	27/08/68	22	1

Triunfo lá: 1-0

Esperanças confirmaram esperança

Perante um máximo de meio milhar de espectadores (o que demonstra o fraco interesse pelo futebol na Finlândia) a turma portuguesa de sub/21 bateu a sua congénere daquele país nórdico por 1-0, iniciando assim com um êxito a caminhada para o Campeonato europeu da categoria e Jogos Olímpicos de 1992, embora sem realizar uma exibição convincente.

Apostando na equipa que se tornou campeã no mundo de juniores na Arábia Saudita (com excepção do guarda-redes José Carlos) o técnico António Oliveira alcançou o seu objectivo, conquistando os dois pontos que permitem manter em aberto a luta pelo 1.º lugar no agrupamento, integrado também pela Holanda, Malta e Grécia.

Exibindo-se em bom plano na 1.ª parte, período em que poderia ter construído um resultado mais dilatado, Portugal baixou de rendimento no 2.º tempo, actuando com menor velocidade e determinação frente a uma equipa finlandesa muito fraca tecnicamente, evidenciando uma acentuada diferença de nível competitivo em relação ao futebol lusitano.

Contudo, os jovens protugueses sentiram algumas dificuldades de penetração até à obtenção do seu único tento, pois na 1.ª meia hora os finlandeses actuaram com muita concentração, efectuando uma eficiente marcação aos jogadores mais adiantados da turma das quinas. O solitário golo de Portugal acabou por surgir aos 31 minutos, na sequência de uma entrada pela esquerda de Jorge Couto, que cruzou da linha de fundo para o «coração» da área, onde surgiu Filipe, oportuno, a rematar rasteiro, sem hipótese de defesa para o guardião nórdico.

Moralizados, os jovens portugueses imprimiram maior velocidade ao seu jogo, «rompendo» por diversas vezes a defensiva contrária, principalmente através de velozes contra-ataques, mas os avanços lusos mostraram-se muito perdulários e até ao final do 1.º período, Portugal desperdiçou ainda três flagrantes oportunidades para dilatar o resultado, mas a baliza do guardião Niemi não seria mais violada até ao apito do árbitro para o intervalo.

A 2.ª parte ficou caracterizada por uma quebra visível de nível do futebol praticado pelas duas selecções, com os finlandeses à procura do golo da igualdade, mas sem incomodarem seriamente o guarda-redes José Carlos, que teve uma tarde muito sossegada. Portugal limitou-se a segurar a vantagem, com alguns jogadores a denotarem excesso de individualismo, tendo apenas criado uma situação de perigo para as hostes escandinavas (aos 52 minutos) quando Sousa centrou da direita para Jorge Couto, isolado na área, mas este a demorar muito tempo, permitindo o corte fácil da defensiva contrária.

A dez minutos do final da partida, os finlandeses chegaram pela 1.ª vez com algum perigo junto da grande-área portuguesa, mas o remate forte de Kankkunen saiu ao lado da baliza à guarda de José Carlos.

De realçar na equipa portuguesa as exibições de Filipe, Sousa, Hélio, Paulo Madeira e Fernando Couto, enquanto Helin foi o jogador mais em destaque na formação finlandesa. O resultado tangencial castiga a falta de determinação da turma das quinas, principalmente no tempo complementar, num jogo bem arbitrado pelo juiz checoslovaco Jiri Ulrich.

O que eles disseram

António Oliveira, técnico da selecção portuguesa de futebol de sub-21, considera que os seus pupilos foram obrigados a empregar-se a fundo para conquistar os dois pontos na partida:

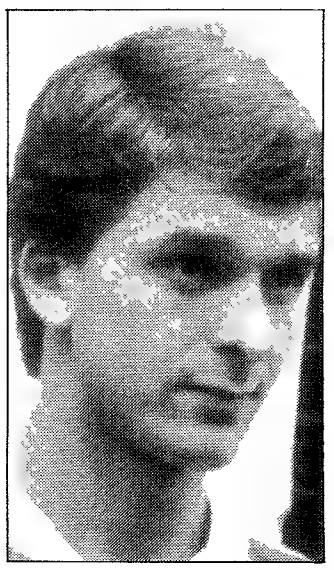
«Os finlandeses tentaram criar-nos muitas dificuldades, mas penso que nos superiorizámos em todos os sectores», afirmou António Oliveira, acrescentando que estava à espera da obtenção do 2.º golo para quebrar definitivamente a condição física e psicológica dos jovens finlandeses.

No seu ponto de vista, Portugal foi (sem dúvida) a equipa que criou mais situações de golo, não tendo concretizado, «quer por mérito do guardião finlandês quer por uma adaptação deficiente ao terreno e à bola».

Questionado se as baixas temperaturas que se fizeram sentir em Lahti (cerca de cinco graus centígrados) afectaram de algum modo a prestação dos seus pupilos, António Oliveira respondeu negativamente.

«Os meus jogadores são profissionais, e não será o frio que vai influenciar os seus rendimentos nos jogos.»

Por seu lado, Jyrki Heliskoski (seleccionador finlandês) referiu que os seus pupilos sentiram muitas dificuldades, «porque os jogadores portugueses foram demasiado agressivos e velozes. Fizemos o que pudemos, atendendo a que a nossa selecção é constituída por jogadores muito jovens. Cinco deles contam apenas 18 anos», disse o técnico finlandês, para quem, com a falta de «material humano» e de experiência, a sua equipa não pode ambicionar mais. Sousa, «muito inteligente», e Filipe e Hélio, «muito agressivos», foram os jogadores portugueses que mais agradaram ao técnico finlandês.



Filipe: um golo chegou e sobrou

As equipas alinharam:

Finlândia: Niemi; Niemi Nen, Kangaskorpi, Ylabjussila e Wallden; Rissanen, Makela e Happonen (Arajarvi, 70); Ruhanen (Tianien, aos 68) e Kankkunen.

Portugal: José Carlos; Abel, Morgado, Fernando Couto e Paulo Madeira; Valido, Amaral, Hélio, Jorge Couto e Paulo Sousa (Folha, aos 79 minutos); Filipe.

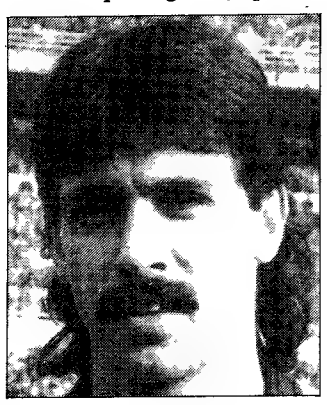
Cartão amarelo para Ylabjussila, Sousa, Morgado, Jorge Couto e Wallden.

Notícias futebolísticas

Paulinho Cascavel com faca no menisco

O futebolista Paulinho Cascavel, recentemente transferido para o Gil Vicente, vai ser hoje operado ao menisco interno do joelho direito no Hospital de Santa Maria, no Porto.

O ex-sportinguista, que se



lesionou no decorrer de um treino, vai ser operado pelo cirurgião Mário Bessa, prevendo-se uma inactividade mínima de três semanas.

Pimenta Machado vai «rachar lenha»

A decisão do Conselho de Disciplina da FPF, que considerou regular a inscrição do brasileiro Douglas e uma alegada irregularidade cometida pela Associação de Futebol de Braga na venda de bilhetes para o encontro Braga-Benfica, são os dois pontos quentes da conferência de Imprensa que esta tarde se realizará em Guimarães e que foi convocada pelo dr. Pimenta Machado, presidente do Vitória. Sobre o «caso Douglas» a cabeça que poderá rolar é a de João Lemos (membro do CD da FPF) e quanto aos bilhetes vendidos à revelia da legalidade, consta que Pimenta Machado irá formalizar queixa na Polícia Judiciária.

Benfica e Sporting com jogos na RTP

A Federação Portuguesa de Futebol autorizou a antecipação dos seguintes encontros para sábado: Salgueiros-Benfica (17 horas), União-Chaves (16), Estrela-Tirsense (17), Guimarães-Beira Mar (17) e Boavista-Sporting (21 e 30). Os jogos de Paranhos e do Bessa serão transmitidos pela RTP.

Relativamente à II Divisão foram antecipados igualmente para as 17 horas de sábado os encontros Leça-Amarante (Estádio do Mar, em Matosinhos) e Sanjoanense-Mirandense (Estádio Conde Dias Garcia).

Fenerbhace recusa alterar calendário

O Fenerbhace, adversário do Vitória de Guimarães na primeira eliminatória da Taça UEFA, recusou modificar a data do jogo da segunda «mão».

O Guimarães requereu aos turcos, logo após o sorteio de Zurique a alteração da data prevista para a segunda «mão», 3 de Outubro, solicitando a antecipação para o dia anterior, não tendo sido aceite pelos dirigentes do Fenerbhace.

O Vitória realiza o primeiro jogo, em 19 de Setembro, na Turquia.

Eurico no Torreense

Eurico Gomes, que na passada temporada conduziu o União de Leiria à II Divisão de Honra é, a partir de hoje o treinador do Torreense em substituição de João Barnabé recentemente afastado daquelas funções, em virtude dos resultados negativos da equipa.

Leixões: um clube em sobressalto

Salários em atraso e indefinições quanto ao futuro da equipa de futebol, são questões que afectam a colectividade de Matosinhos. O técnico Amândio Barreiras lamenta-se de que não tem, na direcção, com quem dialogar afirmando que está há dois meses e meio no clube e não sabe quem é que ali manda. Posto perante a anormal situação que se vive no clube leixonense, o vice-presidente António Gonçalves Paquete confessa o seu desencanto: «Alguém tem de assumir a liderança no clube, porque eu não posso estar a gerir o Leixões sozinho».

Pela Europa fora

A contar para a fase preliminar do campeonato da Europa realizam-se hoje os seguintes jogos: Suíça-Bulgária e Escócia-Roménia (Grupo 2); URSS-Noruega (Grupo 3); Ilhas Faroé-Áustria e Irlanda do Norte-Jugoslávia (Grupo 4); Finlândia-Portugal (Grupo 6). Encontros de esperanças efectuados ontem: URSS, 2-Noruega, 2; Suíça, 0-Bulgária, 2; Escócia, 2-Roménia, 0; e Finlândia, 0-Portugal, 1. Jogos particulares: Inglaterra, 3-Hungria, 1; e Dinamarca, 1- País de Gales, 0. Ontem realizou-se o jogo Dinamarca, 1-País de Gales, 0.

Clemente em Luanda

O brasileiro António Clemente chegou à capital angolana, para treinar o Petro-Atlético de Luanda, da 1.ª Divisão Nacional de Futebol. Clemente, que tem um contrato até ao final deste ano, com possibilidade de ser renovado por mais duas temporadas, orientou já a equipa durante algumas épocas. Substituirá o angolano Carlos Queirós, que deverá treinar a equipa por Toyotas da Namíbia. O técnico brasileiro poderá também orientar a selecção nacional de seniores, os «Palancas Negras», caso o Ministério da Juventude e Desporto esteja interessado nos seus préstimos.

Atlético: visita de Jorge Sampaio abre caminho para melhor futuro

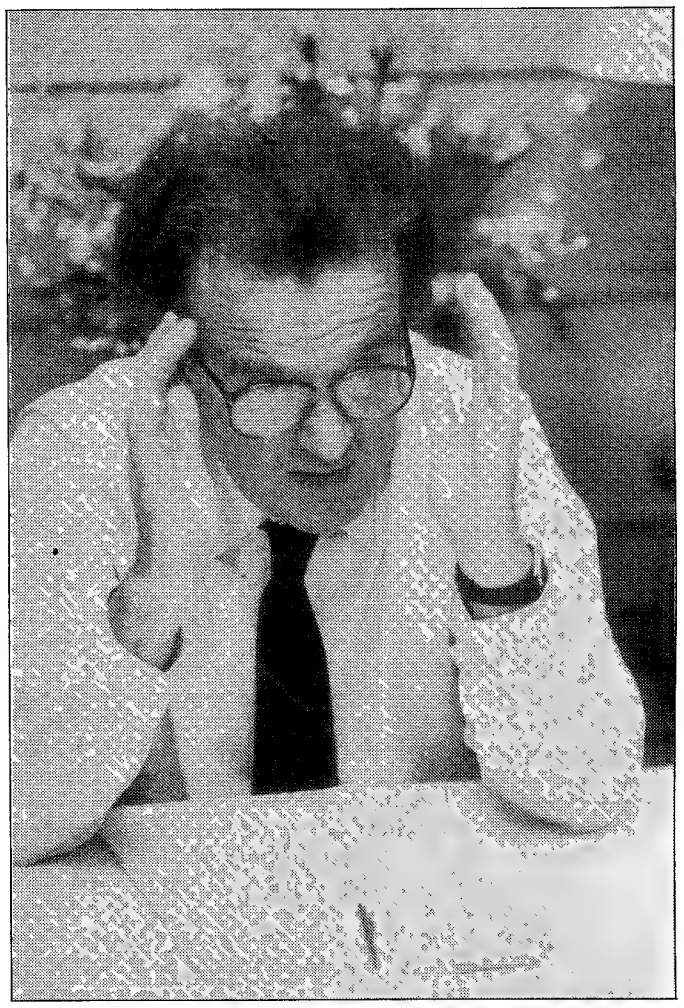
Fernando Peres retirou acção judicial e vem aí N'Kama e Lufemba

Jorge Sampaio, presidente da Câmara Municipal de Lisboa, visitou ontem as instalações do Atlético Clube de Portugal, declarando à Comunicação Social que acredita na viabilidade do projecto de expansão daquela colectividade bastando que haja convergência entre as partes envolvidas no processo: «*Não me parece difícil que o Atlético consiga os seus objectivos. No entanto, não pode ser apenas a Câmara Municipal a empenhar-se na resolução do problema, mas sim todos os intervenientes no processo*», afirmou.

O presidente da edilidade lisboeta declarou: «*É evidente que o caso terá que ser convenientemente estudado, pois o Atlético, tal como outras colectividades desportivas, desempenha um papel formativo na juventude e, como tal, penso que estruturas deste tipo terão que ser melhoradas*». *Por outro lado, a Câmara pode, no quadro do seu programa de apoios e beneficiiações, abranger o Atlético*», acrecentrou Sampaio.

Por seu turno, o presidente alcantarense Ângelo Mesquita, declarou que está «*confiante, pois desta vez estão criadas as condições para o Atlético dar o grande salto de que necessita*».

Jorge Sampaio, que visitou demoradamente o Estádio da Tapadinha, analisou atentamente a proposta de plano de expansão do Atlético, clube que conta com cerca de 2500 associados. Note-se que, para além do Atlético e da Câmara de Lisboa, está também envolvido no processo o Instituto Superior de Agronomia, estabelecimento de ensino integrado na Universidade Técnica de Lisboa.



Jorge Sampaio: escutar queixas para depois alegrar as hostes lisboetas

O Atlético fez já diversas tentativas para desbloquear a expansão das suas instalações, mas o representante do Instituto Superior de Agronomia, após uma 1.ª reunião, «*mostrou-se completamente desinteressado*» pois não compareceu às seguintes. Os trerrenos que o Atlético pretende para a sua expansão pertencem ao Instituo Superior de Agronomia e, para além dessa área, o clube alcantarense solicitou à Câmara de Lisboa a cedência de terrenos na zona da Avenida de Ceuta, para posterior construção de bombas de gasolina, cujas receitas reverterão para apoiar a criação de infra-estruturas para o clube. Para vincar esse desejo, a direcção do Atlético revelou que o ministro da Educação (Roberto Carneiro) foi já convidado a visitar as instalações do clube.

Em futuro próximo, o Atlético pretende construir um campo de ténis, piscina coberta, campo de treinos (relvado) pavilhão gimnodesportivo (mais bem apetrechado que o actual) e ginásio-sede, com possibilidades de ir mais além e reservar um lote para habitações e cntro comercial,

Entretanto, o Atlético reforça-se futebolisticamente: está a um passo de recrutar N'Kama (zairense que se revelou ao serviço do Vitória de Guimarães) e o angolano Lufemba (que esteve no Vitória de Setúbal). Simultaneamente, os alcantarenses chegaram a acordo com o treinador Fernando Peres, para que ele retire uma acção judicial que tinha movido ao clube já que os dinheiros a que se julga com direito vão ser brevemente pagos ao antigo «internacional» português.

Maxwell quer comprar o Tottenham

Para que o negócio se concretize, seu filho (Kevin Maxwell) deverá ceder a sua participação no Oxford United e no Derby Couty Reaading

A possível aquisição do clube inglês Tottenham Hotspur por parte do magnata da Imprensa Robert Maxwell poderá concretizar-se se o seu filho, Kevin Maxwell, decidir vender a sua participação no Oxford United.

A notícia é divulgada na edição de ontem do «Daily Mirror», segundo o qual o investimento de 18 milhões de dólares (dois milhões e 500 mil contos) que Robert Maxwell pretende fazer no Tottenham poderá realizar-se caso o seu filho se desligue do Oxford United.

Kevin Maxwell, que até agora mostrara reticências em cortar com o Oxford, afirmou ao jornal londrino que se a sua família chegar a acordo com o Tottenham para a aquisição do clube, venderá a sua participação no Oxford United, como lhe impõe a Liga de Futebol.

Uma norma da Liga de Futebol Inglesa proíbe especificamente o controlo de duas equipas pelo mesmo investidor, ainda que não exclua a possibilidade deste ter participação noutros clubes. Recorde-se que Robert Maxwell detém participações em equipas de futebol como o Manchester United, Oxford United e Derby County Reading.

De acordo com o «Daily Mirror» a Liga de Futebol insistiu com Maxwell para que esta venda as suas participações no Derby County e no Oxford United antes de realizar a compra do Tottenham, com o fim de transformá-lo num dos grandes clubes da Europa.

O Tottenham Hotspur é o único clube inlgês que é cotado na Bolsa londrina e as suas acções subiram espectacularmente segunda-feira depois de terem sido conhecidas as conversações secretas de Robert Maxwell com o Totteham.

MODALIDADES

Automobilismo: Ferrari quer italianos

Cinco italianos encontram-se na lista dos pilotos mais prováveis para substituir Nigel Mansell na escuderia da Ferrari na Fórmula Um.

Tripulada há quatro anos por pilotos não-transalpinos, a Ferrari deverá assim voltar a contratar um italiano para tripular um dos seus bólides.

Ivan Capelli, Alex Caffi, Pierluigi Martini, Stefano Modena e Alessandro Nannini, todos com os seus contratos a expirar no final da presente temporada, são as hipóteses mais prováveis para ocupar o lugar de Mansell.

Motocilcismo: Portugueses no «Bol d'Or»

Manuel João, Pedro Baptista e Alexandre Laranjeira são os pilotos que vão representar Portugal, no «Bol d'Or 90», prova de 24 horas a contar para o campeonato do mundo de resistência em motociclismo.

A prova, em que Portugal vai estar representado pela primeira vez, vai realizar-se nos dias 22 e 23 de Setembro no circuito francês de Paul Ricard.

Manuel João, Pedro Baptista e Alexandre Laranjeira, os três pilotos mais rápidos a nível nacional, irão ser assistidos pelas equipas técnicas oficiais da Honda, Suzuki e Kawasaki.

Andebol: mais árbitros para Braga

A Associação de Andebol de Braga promove nos dias 28, 29 e 30 do corrente, um curso para formação de novos árbitros da modalidade.

As inscrições para este curso são gratuitas e estão abertas na sede da associação, destinando-se a candidatos de ambos os sexos e o curso decorrerá no pavilhão dos Bombeiros de Vizela e ainda na escola preparatória da mesma localidade.

Europeu de hóquei em patins

Selecção lusa em ritmo de ambição

Portugal, com Tó Neves e Vítor Bruno em evidência, voltou a golear no «Europeu» de Hóquei em Patins, em Lodi (Itália), cilindrando desta vez a modesta equipa da RDA, por 25-2, em jogo da quinta jornada da prova.

A turma das «quinas», orientada por António Livramento, que na véspera batera a França por concludente 12-0, teve tarefa fácil frente aos alemães-democráticos, muito embora tenha consentido dois golos desnecessários, devido a desatenções da sua defesa.

O conjunto português, que lidera a competição juntamente com a Itália, ambas com oito pontos, chegou ao intervalo a vencer por 8-2, tendo dilatado o «score» na segunda parte, altura em que se mostrou mais agressiva no ataque.

No segundo tempo, os portugueses souberam explorar melhor as fraquezas do adversário e marcaram vários golos de rajada, com Vítor Bruno e Tó Neves a mostrarem-se muito activos na frente.

Nos restantes jogos da jornada não se registaram surpresas, com a Espanha a bater a RFA por 13-1, a Holanda a impôr-se a Inglaterra por 6-1 e com a Itália a derrotar a França, por 8-2.

Os resultados completos da ronda foram os seguintes: Inglaterra-Holanda, 1-6; Espanha-RFA, 13-1; Itália-França, 8-2; e Portugal-RDA, 25-2.

Classificação: 1.°s, Portugal e Itália, 8 pontos; 3.°s, Espanha, Suíça e Holanda, 6; 6.°s, RFA e França, 3; e 8.°s, RDA e Inglaterra, 0.

No encontro de ontem frente à RDA, por Portugal alinharam e marcaram:

Portugal: Armando; Realista (3), Tó Neves (5), Vítor Bruno (9) e Vítor Fortunato (3); Luís Nunes (3), Luís Ferreira (2) e Vítor Hugo (1).

Ciclismo: Volta à CEE

Pedro Silva no pelotão da frente

Pedro Silva, da Recer/Boavista, ficou na nona posição da sexta etapa da Volta à Comuniade Económica Europeia (CEE) em bicicleta, tendo sido cronometrado com o mesmo tempo do vencedor da tirada, o belga Eric Vanderaerden.

Vanderaerden percorreu os 204 quilómetros da etapa entre Koblenz e Pirmasens (RFA) no tempo de cinco horas, 21 minutos e 24 segundos, tendo batido ao «sprint» o seu compatriota Etienne de Wilde, segundo classificado.

O francês François Simon foi terceiro classificado, também com o mesmo tempo do vencedor.

Martial Gayant (França), que corou a meta no oitavo lugar, com o mesmo tempo de Vanderaerden, lidera a geral, com o tempo total de 22 horas, 12 minutos e 10 segundos.

Em femininos, a sexta etapa entre Idar e Oberstein (RFA), na distância de 96,5 quilómetros, foi ganha pela holandesa Leontien van Moorsel, com duas horas, 36 minutos e 39 segundos.

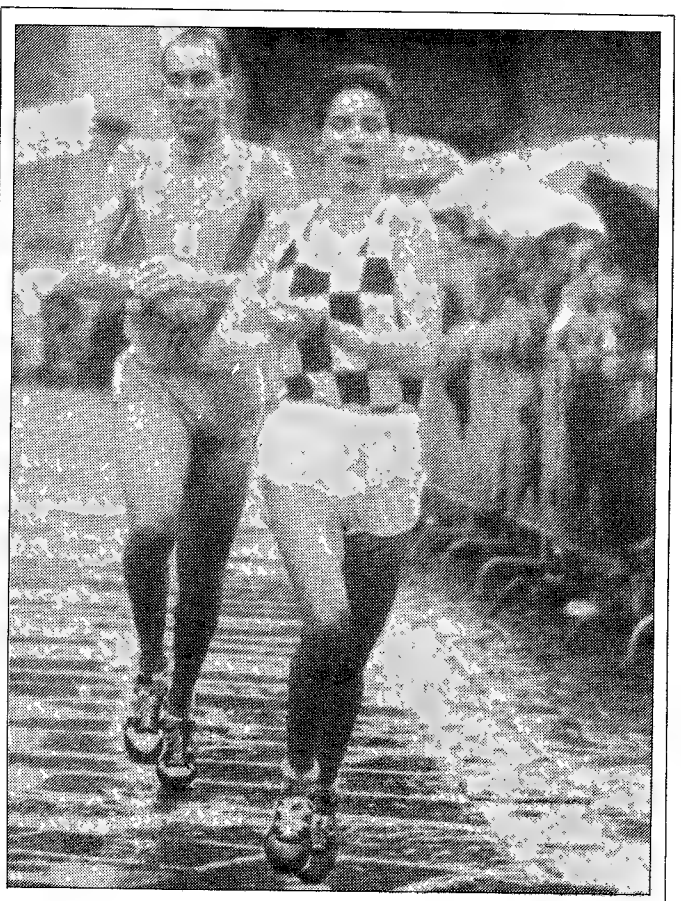
A geral é liderada por Gayant com o tempo de 22 horas, 12 minutos e 10 segundos seguindo-se Jalabert e Skibby, ambos a um segundo.

Acácio Silva em queda na Volta à Catalunha

O espanhol Inaki Gaston ganhou a quinta etapa da Volta à Catalunha em bicicleta, ao impor-se num renhido «sprint» a três compatriotas seus, entre os quais Laudelino Cubino, que mantém a liderança da prova.

Gaston gastou 4 horas, 15 minutos e 02 segundos para os 169,6 quilómetros entre Comte e Manlleu, adiantando-se sobre a linha da meta a Marino Lejarreta, Cubino e Pedro Delgado; segundo, terceiro e quarto classificados, respectivamente, com o mesmo tempo do vencedor.

O português Acácio da Silva terminou a etapa no 122.° posto, a 18.56 minutos do vencedor, passando da 32.ª para a 73.ª posição da classificação geral, onde está agora a 23.13 minutos do guia.



Albertina abandona o Boavista

A atleta Albertina Dias vai abandonar o Boavista em breve, assegurou Bernardino Pereira, treinador da atleta «axadrezada».

«*A reunião prevista com o presidentge do Boavisata, Valentim Loureiro, não vai demover a nossa intenção de abandonar o Bessa*», acrescentou o técnico.

Bernardino Pereira comentava assim a reunião convocada por Valentim Loureirto há duas semanas, onde estariam presentes ambas as partes interessadas, e que ainda não se realizou. «*Caso a reunião com a direcção do Boavista ainda se venha a realizar, nós estaremos presentes embora reconheça existirem 90 por cento de possibilidades de deixarmos o clube*» acrescentou Bernardino Pereira.

NOVA TECNOLOGIA?

CLARO.

UNO

Uno? Lógico!
Uma tecnologia definitivamente líder num automóvel de linhas suaves, aerodinâmico, apto a vencer silenciosamente o vento com o seu novo Cx de 0,30. Novo Uno, novos motores.
Motor Fire 1100 com 57 Cv, motor 1400 com 73 Cv e injecção electrónica single point, e motor 1400 com 118 Cv, injecção electrónica multipoint, turbocompressor e intercooler.
Comprove a evolução Uno! Em qualquer uma das suas 13 opções, de 3 ou 5 portas, com 4 ou 5 velocidades, a gasolina ou a diesel, hoje mesmo ou amanhã no seu concessionário Fiat.
Uno. Nova. Igual a si próprio e diferente de tudo o que já se viu.

FIAT

Encargos anuais Consumo - 67 150$50 a 158 851$50 • Seg. Ob. Resp. Civil 21 983$00 • Imp. S/ Veic. 1 410$00 a 4 630$00 • Imp. Compensação (Diesel) 42.000$00 • Base 15 000 Km • Agosto/1990.

DESPORTO

Títulos inéditos para Sabatini e Sampras

Cunha e Silva (Genebra) e Nuno Marques (Açores) eliminados ao 1.º assalto

Os triunfos de Gabriela Sabatini sobre Steffi Graf (6-2 e 7-6) e de Pete Sampras ante Andre Agassi (6-4, 6-3 e 6-2) respectivamentge nas finais de singulares, tiveram algo em comum: ambos ganharam o seu primeiro título de um torneio do Grand Slam quando estavam bem longe de serem apontados como favoritos.

Os seus feitos vieram também confirmar uma das mais equilibradas épocas dos últimos trempos, com nenhum(a) jogador(a) a conseguir impor-se por duas vezes nas provas que compõem o Grand Slam do ténis. Assim, Lendl e Graff ganhara na Austrália, Gomez e Seles em Roland Garros, Edberg e Navratilova em Wimbledon e, agora, Sampras e Sabatini em Flushing Meadow.

Como consequência mais imediata deste equilíbrio, pode dizer-se que Nova Iorque «pariu um rato, quando era uma montanha que se esperava». Ou seja: uma definição quanto aos títulos de campeões do mundo. E se, no sector feminino, Steffi Graf deverá revalidar a coroa que ostenta desde 1987, uma vez que, apesar de tudo, sempre se revelou a mais regular (vencedora em Flinder's Park, finalista em Paris e Nova Iorque, e semifinalista em Londres), angariando os pontos necessários para se tornar tetracampeã mundial, o mesmo já não se deverá dizer dos homens.

Com efeito, não se pode falar do domínio claro de um tenista sobre os demais durante 1990, pois mesmo Stefan Edberg (teoricamente o mais favorito pela sua posição de número um do «ranking», mais os postos de titular de Wimbledon e vice-titular do «Open» australiano) acabou por soçobrar nas primeiras rondas de Roland Garros e Flushing Meadow.

No pólo contrário está Andres Gomez, o surpreendente conquistador de Roland Garros que, apesar de uma época bastante regular, deverá ter perdido qualquer hipótese de suceder ao ainda campeão do mundo, Boris Becker. Aos 30 anos, o equatoriano perdeu, deste modo, a única oportunidade de que dispôs em mais de dez anos de carreira no circuito profissional.

Também afastado da corrida para o ceptro mundial está, certamente, Pete Sampras que (aliás) há duas semans estaria longe de pensar em impor-se na «Big Applo», quanto mais em voos mais elevados. No entanto, este fogoso norte-americano conta apenas 19 anos, pelo que será de esperar um acréscimo da sua ambição em anos vindouros.

Resta falar de Lendl, o Ivan que, em 1990, deixou de ser «o terrível», que dos títulos mais importantes se apoderou apenas do 1.º, logo em Janeiro (na Austrália) e perdeu a liderança no «ranking», caindo para a actual 3.ª posição. Mas, atenção: o checo tem a seu favor o facto de se ter ausentado voluntariamente de Paris e nas restantes provas ter mostrado uma certa regularidade, pois foi semifinalista em Londres e 4.º finalista em Nova Iorque.

Não tenhamos dúvidas, Lendl é o maior rival de Edberg na disputa pelo título mundial, pois um «forcing» no final de tremporada que o levasse a reapossar-se do 1.º lugar na tabela ATP, seguindo-se um triunfo nos Campeonatos do Mundo/finais do ATP, poderiam levar o júri da Federação Internacional a designá-lo como o maior de 1990.

Os dados estão lançados para o título mundial, mas a jogada ainda não terminou. E se Boris Becker tivesse um ás na manga e num assomo de orgulho ferido decidisse vencer em Frankfurt, na última grande prova do ano?

Open nos EUA
casos e acasos

Todos os grandes torneios de ténis constroem a sua lenda: quer dentro, quer fora dos «courts». De facto, a tradição de uma prova do Grand Slam não se forja apenas nas lutas que, por vezes se prolongam por cinco «sets», mas também naquelas curiosidades que tanto deleitam os amantes da modalidade. O Open dos Estados Unidos de 1990 não foi excepção: aqui trazemos alguns desses acontecimentos menos vulgares, um par deles insólitos e um, mesmo, dramático.

•

Os profissinais de ténis, embora sempre sujeitos às condições que cada país anfitrião lhes pode oferecer, não deixam de se mostrar sempre um pouco elitistas no que toca às preferências entre os vários torneios que compõem o circuito mundial. O Open dos Estados Unidos passou do estatuto de uma das provas mais desejadas para uma das mais detestadas, quando mudou o seu palco da luxuosa zona de Forest Hills para o National Tennis Center, de Flushing Meadow. A principal causa apontada pelos jogadores era a proximidade com o aeroporto nova-iorquino de La Guardia, donde descola ou aterra cerca de um avião por minuto. Este tráfego aéreo irritava os «artistas» e a sua concentração. Um dos mais fogosos, Kevin Curren, chegou mesmo a opinar que uma bomba deveria ser colocada naquele complexo desportivo. Este ano, esse incómodo deixou de existir, graças à boa acção de David Dinkins, o novo prefeito da «Big Apple» que conseguiu desviar a rota dos aviões durante a quinzena tenística de Nova Iorque. os profissionais ficaram radiantes: mas, agora queixam-se de que, com o desaparecimento dos aviões começou a ouvir-se um novo ruído persistente: Os dos espectadores norte-americanos que, para além de insubordinados, passam a vida a «ruminar» a mais variada «fast food». Quererão os «lords» das raquetas começar a actuar em estádios vazios?

•

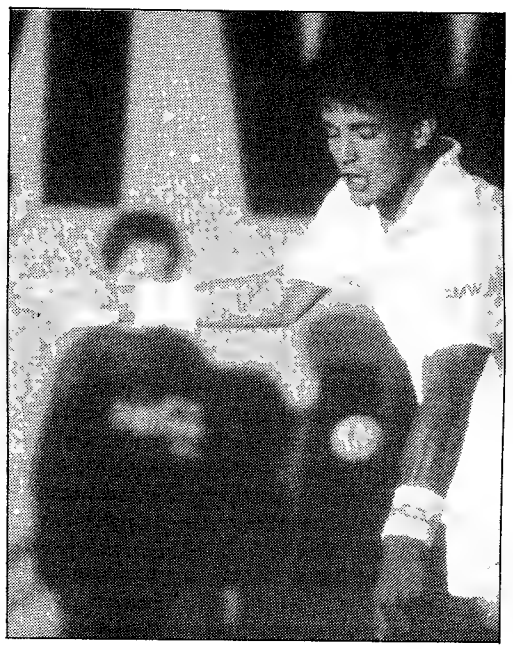
As atitudes menos próprias parecem, contudo, não se terem limitado às bancadas, uma vez que esta edição do Open dos Estados Unidos veio a mostrar-se como a mais indisciplinada das quatro etapas do Grand Slam de 1990. Com efeito, se o austero ambiente britânico levou apenas seis jogadores a violarem o código de conduta, esse número elevou-se para nove em Roland Garros. No despreocupado «open» australiano já tinham sido 16 os faltosos; mas, em Flushing Meadow, quebrou-se mesmo o verniz, com 30 jogadores a terem de desembolsar alguns dólares para pagar as multas com que foram «agraciados».

•

Bastante mais grave foi a morte de Brian Watkins, que foi assassinado com uma facada numa estação de metropolitano de Manhattan, quando regressava de Flushing Meadow. Brian Watkins, de 22 anos, tentava proteger a sua mãe de um assaltante que chegou a agredi-la. O assassino foi detido pela polícia, desconhecendo-se a sua identidade.

•

Mais feliz foi James Nelson, de Little Rock, no Arkansas, que aos 54 anos conseguiu concretizar o sonho da sua vida: ser apanha-bolas no «Open» dos Estados Unidos. Os regulamentos da prova só indicam o limite inferior de idade para o desempenho daquela função (14 anos), embora seja pouco usual um pedido deste tipo. James Nelson tornou-se, assim, no mais velho apanha-bolas da história da prova, que teve a sua estreia em 1881.



Cunha e Silva e Nuno Marques: sorte idêntica

•

Continuando no âmbito dos recordes: Steffi Graf bateu o máximo de semanas consecutivas de um(a) jogador(a) classificado(a) no 1.º posto do «ranking» mundial, fixando-o em 161 semanas (contando já com esta que atravessamos). Os anteriores recordes pertenciam a Jimmy Connors (159) e Martina Navratilova (156). Derrotada na presente época nas finais de Roland Garros e deste «Open» dos Estados Unidos e também nas meias-finais de Wimbledon, a campeã do Mundo possui (ainda) uma vantagem considerável face às demais perseguidoras, pelo que este recorde será decerto aumentado durante os próximos tempos.

•

Ivan Lendl, por seu lado, não foi capaz de isolar-se, no máximo que fica a partilhar com Bill Tilden, como os jogadores que lograram atingir a final do «Open» norte-americano oito vezes consecutivoas. O estadunidente entre 1918 e 1925, e o checoslovaco entre 1982 e 1989.

•

Outro recorde, mas de natureza diferente, foi estabelecido pelo campeão mundial Boris Becker que, demasiado nervoso e encalorado no confronto com o espanhol Juan Aguilera, utilizou 11 pólos (camisetas).

•

O azar bateu à porta da tenista Patty Fendick durante a quinzena novaiorquina. Eliminada na 2.ª ronda de singulares pela espanhola Arantxa Sanchez, Fendick viu-se ainda obrigada a desistir das competições de pares senhoras e mistos. No 1.º caso, devido à sua companheira (Zina Garrison) se ter lesionado no tornozelo. No 2.º, face à falta de cavalheirismo de Ken Flach, que abandonou a sua parceira a meio dum encontro, quando esta lhe participou que começava a estar farta das suas constantes discussões com o árbitro e juízes-de-linha. Com esta atitude irreflectida, Flach não só prejudicou Patty Fendick como também Robert Seguso, o seu parceiro em pares-homens, pois viu-se desqualificado de ambas as competições pela sua atitude.

•

Inaugurou-se este ano uma creche destinada aos filhos dos jogadores, que levou o nome de «Creche Brad Gilbert», o tenista que tanto lutou por ela no passado. Curiosamente, não foi Zachary, o filho de Brad, o utente mais assíduo, mas sim os rebentos de Robert Seguso, Ramesh Krishnan e Laura Gildemeister.

•

Para terminar esta série de curiosidades, resta referir que o triunfo de Pete Sampras marcou a 2.ª vez, desde que o ténis se profissionalizou em 1968, que dois norte-americanos disputaram a final de singulares-homens. A 1.ª ocasião tinha acontecido em 1979, quando John McEnroe levou a melhor sobre Vitas Gerulaitis. A diferença é que, enquanto há 11 anos ambos os pretendentes eram novaiorquinos, desta feita nenhum dos finalistas «jogou em casa». Sampras é natural de Potomac e reside em Palos Verdes, enquanto André Agassi vive desde que nasceu em Las Vegas.

Hugo Ribeiro

Genebra: eliminação de Cunha e Silva

João Cunha e Silva foi eliminado do «Open» de Ténis de Genebra, ao perder na 1.ª ronda com o francês Henri Leconte, em dois «sets». Leconte, cabeça-de-série do torneio, dotado com 225 mil dólares (30 mil contos) para prémios, bateu o campeão nacional português pelos parciais de 6-3 e 6-4.

Os dois principais rivais de Leconte (o austríaco Horst Skoff e o suíço Jakob Hlasek. 2.º e 3.º cabeças-de-série) passaram igualmente sem problemas à 2.ª ronda. Skoff derrotou o sueco Christian Bergstrom (em dois «sets»: ambos por 6-4) e Hlasek impôs-se ao checoslovaco Martin Strelba, por 6-4 e 6-3. O único cabeça-de-série eliminado foi Goran Prpic (Jugoslávia) derrotado pelo italiano Renzo Furlan, por 6-1, 6-7 (7-3) e 6-4.

Açores: derrota de Nuno Marques

Nuno Marques ficou afastado do «Open» dos Açores, ao ser derrotado pelo dinamarquês Frederik Fetterlein (6-3, 2-6, 7-5) no decorrer da 1.ª eliminatória do torneio, a decorrer no Clube de Ténis de São Miguel. Com a derrota de Nuno Marques, deixou de haver representação portuguesa na prova de singulares, após os anteriores desaires de José Nunes e Emanuel Couto. Emanuel Couto perdeu frente ao italiano Gianluca Pozzi (5.º cabeça-de-série e 172.º do Mundo), por 6-3, 6-4, após ter dado uma boa réplica durante uma hora e 33 minutos. José Nunes foi eliminado pelo belga Denis Langaskens, através dos parciais 6-0, 6-1.

Curso para árbitros

Carlos Sanches, membro da Comissão Nacional de Arbitragem, é um dos prelectores no Curso para Árbitros de Ténis a realizar no Porto, entre 22 e 30 do corrente. O curso decorrerá durante a realização do Campeonato Nacional de Primeiras Categorias, que reunirá os dois melhores jogadores portugueses: João Cunha e Silva e Nuno Marques.

O director do curso é António Sequeira, presidente da Comissão Nacional de Arbitragem e juiz-árbitro da prova. O outro prelector é o árbitro António Flores Marques.

«Hermanos Castro» para sempre em Fuensalida

A Câmara Municipal de Fuensalida atribuirá amanhã, durante um acto popular, o nome «Hermanos Castro» a uma rua da localidade, em honra dos dois atletas sportinguistas.

Os irmãos Castro são os dois atletas portugueses que nos últimos dois anos têm obtido triunfos mais importantes em provas organizadas em Espanha.

A iniciativa das autoridades municipais de Fuensalida prende-se com o factro de a fábrica de artigos desportivos que patrocina os dois atletas estar instalada nesta localidade, nos arredores de Toledo.

A cerimónia, a realizar amanhã de manhã, contará com a presença de autoridades locais, de um representante da Embaixada de Portugal em Madrid, dos dois irmãos Castro e de familiares seus.

I Série N.º 211
Dia 12 de Setembro

DIÁRIO DA REPÚBLICA

SUMÁRIO

Presidência da República

Decretos numerados de 43 a 48/90 exonerando os embaixadores de Portugal em Ankara, Luxemburgo e Turquia e nomeando os seus substitutos.
Decretos numerados de 26 a 30/90, exonerando o embaixador de Portugal em Madrid e o representante do nosso país junto da CEE e nomeando os seus substitutos, além da exoneração do secretário-geral adjunto do governador de Macau.

Ministério das Finanças

Decretos-leis numerados de 278 a 280/90, transformando em sociedades anónimas de capitais públicos a Companhia de Seguros Bonança, o Banco Fonsecas & Burnay e o Banco Pinto & Sotto Mayor.

Ministério da Agricultura, Pescas e Alimentação

Portaria n.º 821/90:
Sujeita ao regime cinegético especial as propriedades denominadas «Herdade da Várzea de Cima» e outras, situadas na freguesia de Brinches, concelho de Serpa.

Portaria n.º 822/90:
Estabelece limites de teores máximos de anidrido sulfuroso total em vinhos, com início em 1 de Setembro de 1990.

Portaria n.º 823/90:
Sujeita ao regime cinegético especial as propriedades denominadas «Quinta Nova de São José», «Quinta Velha de São José», «Brejo» e outras, situadas nas freguesias de Alfeizerão e São Martinho do Porto, concelho de Alcobaça, e «Quinta do Talvay», situada nas freguesias de Salir do Porto e Tornada, concelho das Caldas da Rainha.

Portaria n.º 824/90:
Sujeita ao regime cinegético especial as propriedades denominadas «Herdade do Peso e Anexas», situadas na freguesia do Couço, concelho de Coruche.

Ministério da Educação

Portaria n.º 825/90:
Autoriza o Instituto Politécnico de Portalegre, através da sua Escola Superior de Tecnologia e Gestão, a conferir o grau de bacharel em Técnicas de Comercialização.

Portaria n.º 826/90:
Altera a designação do bacharelato em Construção Civil ministrado na Escola Superior de Tecnologia de Tomar do Instituto Politécnico de Santarém para bacharelato em Engenharia de Construção Civil.

Portaria n.º 827/90:
Autoriza o Instituto Politécnico de Portalegre, através da sua Escola Superior de Tecnologia e Gestão, a conferir o grau de bacharel em Gestão e Criação de Empresas.

Portaria n.º 828/90:
Altera os planos de estudos dos cursos de bacharelato em Engenharia Electrotécnica e em Engenharia Informática e de Sistemas pelo Instituto Superior de Engenharia de Coimbra do Instituto Politécnica de Coimbra.

Portaria n.º 829/90:
Aprova o número máximo de vagas para os estágios do ramo de formação educacional dos cursos de licenciatura das Faculdades de Letras e de Ciências Sociais e Humanas no ano lectivo de 1990-1991.

Despacho Normativo n.º 102/90:
Cria e regulamenta os quadros de valor e de excelência para os alunos das escolas dos 2.º e 3.º, ciclos do ensino básico e do ensino secundário, público, particular ou cooperativo.

Ministério das Obras Públicas, Transportes e Comunicações

Decreto-Lei n.º 281/90:
Simplifica, a título excepcional, os procedimentos administrativos tendentes à adjudicação de um sublanço da Circular Regional Interior de Lisboa (CRIL).

Portaria n.º 830/90:
Lança em circulação, cumulativamente com as que estão em vigor, uma emissão de selos alusiva à «Pintura portuguesa do século XX».

Portaria n.º 831/90:
Altera os critérios de atribuição de licenças de aluguer para veículos ligeiros de passageiros na freguesia da sede do concelho de Albufeira.

AGENDA

O ESTADO DO TEMPO

HOJE

CONTINENTE

Em todo o território: Períodos de céu muito nublado. Vento em geral fraco do quadrante Sul. Neblina ou nevoeiro matinal.
Mar encrespado ou de pequena vaga com ondulação sudoeste de 1 metro nas costas Ocidental e Sul.
Amanhã
Períodos de céu muito nublado. Vento fraco. Aguaceiros em especial nas regiões do interior. Neblina ou nevoeiro matinal.
Depois de amanhã
Períodos de céu muito nublado. Vento fraco. Aguaceiros fracos em especial nas regiões do interior. Neblina ou nevoeiro matinal.

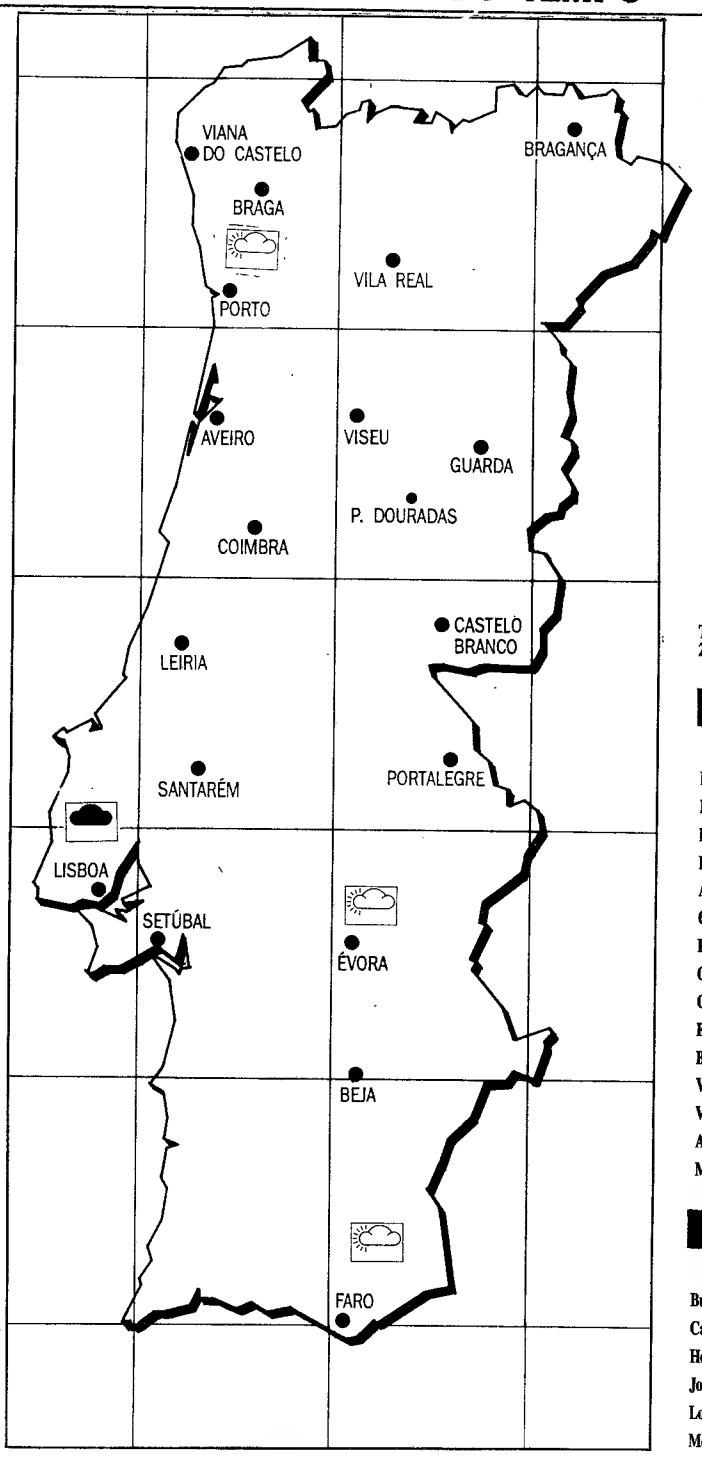
MADEIRA

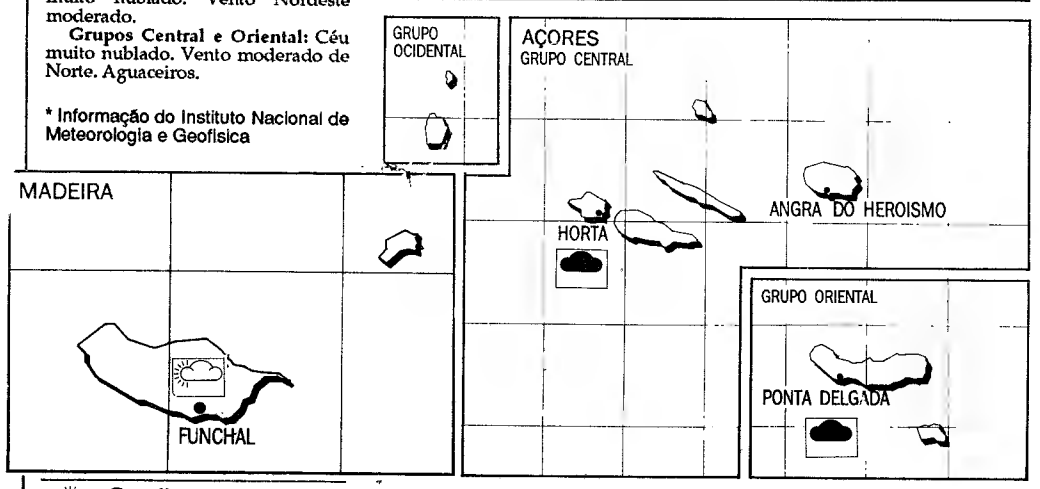
Períodos de céu muito nublado. Vento em geral fraco de Sudoeste. Aguaceiros pouco frequentes.
Mar de pequena vaga com ondulação noroeste de 1 a 2 metros na Costa Norte e mar encrespado a de pequena vaga com ondulação inferior a 1 metro na Costa Sul.
No Funchal
Períodos de céu muito nublado. Vento em geral fraco. Aguaceiros diminuindo de frequência a partir da tarde.
Amanhã
Períodos de céu muito nublado. Vento de Sudoeste fraco a moderado. Aguaceiros.
Depois de amanhã
Períodos de céu muito nublado. Vento de Sul fraco a moderado. Aguaceiros.

AÇORES

Grupos Ocidental : Períodos de céu muito nublado. Vento de Nordeste moderado com rajadas. Aguaceiros fracos e pouco frequentes. Mar cavado com ondulação nordeste de 2 metros.
Grupos Central e Oriental: Céu geralmente muito nublado. Vento do quadrante Norte moderado. Aguaceiros e possibilidade de trovoadas. Mar de pequena vaga ou cavado com ondulação nordeste de 2 metros.
Amanhã
Grupo Ocidental: Períodos de céu muito nublado. Vento Nordeste moderado a forte.
Grupos Central e Oriental: Céu muito nublado. Vento Nordeste moderado, por vezeses forte. Aguaceiros.
Depois de amanhã
Grupo Ocidental: Períodos de céu muito nublado. Vento Nordeste moderado.
Grupos Central e Oriental: Céu muito nublado. Vento moderado de Norte. Aguaceiros.

* Informação do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica





Céu limpo
Céu pouco nublado
Céu muito nublado
Chuva
Trovoada
Neve
Vento
Mar calmo
Mar encrespado

MARÉS

Hoje

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
09.20	3,1m	02.33	1,4m
22.13	2,9m	15.31	1,4m

Amanhã

10.52	3,1m	04.04	1,5m
23.50	2,9m	17.16	1,4m

PORTUGAL

	Min.	Máx.	Às 6 h.
Bragança	16	16	M. nub.
V. Castelo	15	16	Neblina
Vila Real	16	16	M. nub.
Porto	17	18	M. nub.
P. Douradas	-	-	-
Coimbra	16	18	M. nub.
C. Carvoeiro	20	20	Encoberto
C. Branco	17	18	M. nub.
Portalegre	16	17	Neblina
Lisboa	20	20	M. nub.
Évora	19	19	M. nub.
Beja	18	18	P. nub.
Sines	-	-	-
Faro	19	19	P. nub.
Sagres	20	21	P. nub.
P. Delgada	18	19	M. nub.
Horta	19	20	P. nub.
Funchal	20	20	P. nub.

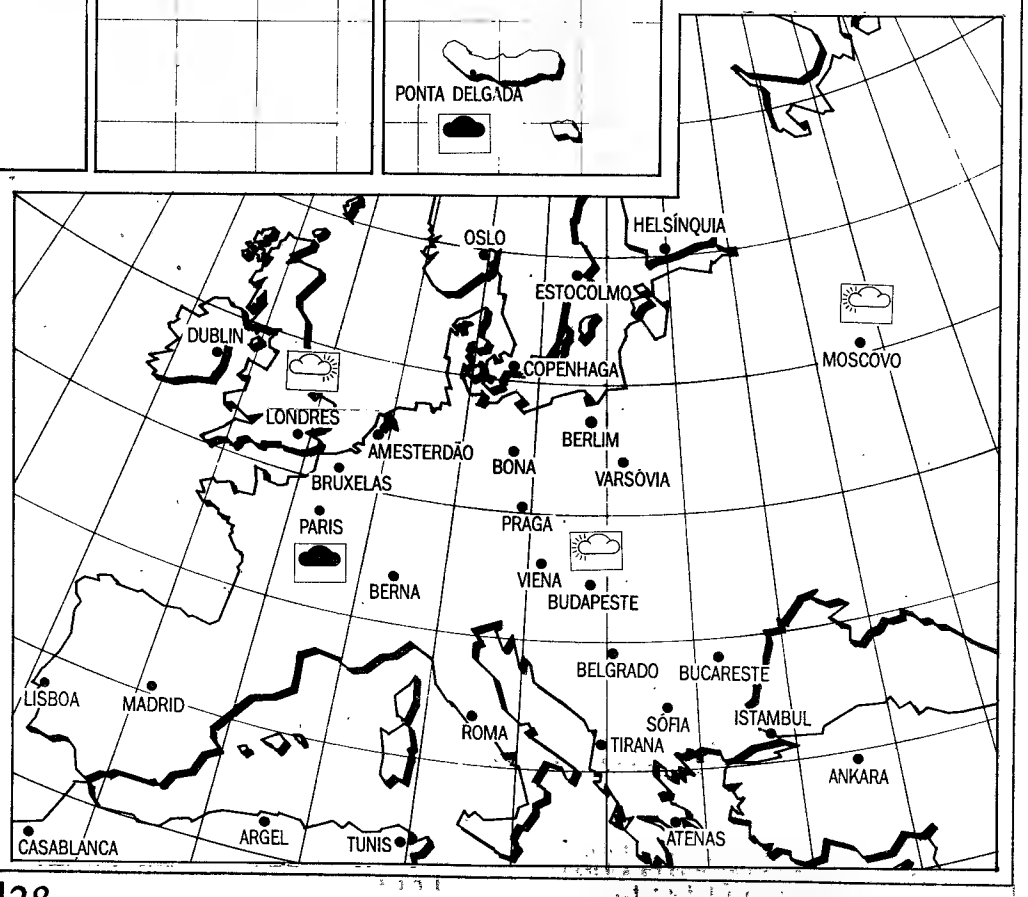
Tem. máx. prevista para hoje: Lisboa, 28; Porto, 25; Faro, 27; P. Delgada, 24; Funchal, 26.

EUROPA

	Min.	Máx.	Às 6 h.
Madrid	16	16	Limpo
Londres	13	13	M. nub.
Paris	10	10	P. nub.
Bruxelas	10	12	Neblina
Amesterdão	9	12	M. nub.
Genebra	12	12	M. nub.
Roma	16	16	P. nub.
Oslo	11	12	Chuva
Copenhaga	8	11	P. nub.
Estocolmo	8	8	M. nub.
Berlim	9	10	Neblina
Viena	11	12	M. nub.
Varsóvia	10	12	M. nub.
Atenas	22	23	M. nub.
Moscovo	7	8	Neblina

MUNDO

	Min.	Máx.	Às 13 h
Buenos Aires	17	23	Chuva
Caracas	20	29	Nublado
Hong Kong	24	25	Chuva
Joanesburgo	10	26	Limpo
Los Angeles	21	35	Limpo
Montreal	17	18	Nublado
Nova Deli	25	33	Nublado
Nova Iorque	18	27	Nublado
Rio de Janeiro	16	27	Nublado
São Francisco	13	19	Nublado
São Paulo	-	-	-
Tóquio	23	31	Limpo



AGENDA

FARMÁCIAS LISBOA SERVIÇO PERMANENTE

Alto Pina: Eusil, Rua Barão Sabrosa, 104, Tel. 8141912; **Alto Santo Amaro - Rio Seco:** Dilena, Rua Aliança Operária, 49, A-B, Tel. 3636620; **Alvalade:** Roma, Av. Roma, 85-B, Tel. 772466; **Bairro Alto:** Labor, Rua Diário Notícias, 73-83, Tel. 323428; **Benfica - Igreja - Cemitério:** Lisboa, Rua Cláudio Nunes, 73-A, Tel. 703393; **Campolide:** Imparcial, Rua General Taborda, 28-30, Tel. 680931; **Chelas:** Banha, Est. Chelas, 173-175, Tel. 382241; **Estefânia:** Universal, Rua Actor Taborda, 5-7, Tel. 544158; **Galinheiras - Charneca - Lumiar:** São Bartolomeu, Vila Paulo Jorge, 1, Tel. 7590969; **Marquês Pombal:** Ribeiro & Castro, Rua Braancamp, 52-C, Tel. 543409; **Martim Moniz:** Tavares, Rua da Palma, 194, Tel. 863350; **Olivais Sul:** Higiene, Rua Cidade Vila Cabral, Lote 43, Tel. 310026; **Brandoa - Amadora:** Tavares Matos, Rua Irene Lisboa, Lote 108, Tel. 993220; **Carnaxide:** Central Carnaxide, Av. Portugal, 16-B, Tel. 4184913; **Moscavide:** Império, Rua 1 de Maio, 48-A, Tel. 2513234; **Odivelas:** Gonçalves, Rua Dr. Egas Moniz, 30-B, Tel. 9815662; **Pontinha:** Flora, Azinhaga dos Besouros, Lote R8.

REFORÇO

Apeadeiro do Areeiro: Chinde, Rua Agostinho Lourenço, 6-B, Tel. 890331; **Campo de Ourique:** Castro Fonseca, Rua 4 Infantaria, 28-A, Tel. 688857; **Campo Pequeno - Av. Roma:** Galeno, Av. Óscar Monteiro Torres, 38-A, Tel. 774920; **Carnide:** Guimarães Morais, Rua Neves Costa, 33-35, Tel. 7140081; **Encosta Restelo - Moinhos:** Tanara, Rua Rodrigo Reinel, 3-A, Tel. 611814; **Igreja de Arroios - Chile:** Oriental de Lisboa, Rua Alves Torgo, 2-B, Tel. 545079; **Pampulha - Janelas Verdes:** Nazário Pinto, Rua Presidente Arriaga, 39, Tel. 667460; **São Sebastião:** Sá Bandeira, Rua Marquês Sá da Bandeira, 36-42, Tel. 544672; **Sapadores:** Branquinho, Rua dos Sapadores, 87-89, Tel. 8142725; **Sé:** Santa Luzia, Rua Saudade, 2-B, Tel. 869831; **Tivoli - Restauradores:** Galénica, Rua das Pretas, 12-14, Tel. 322588; **Borel - Venteira - Amadora:** Do Borel, Urbanização Quinta do Borel; **Buraca - Amadora:** Vaz Martins, Praceta Fernando Pessoa, Loja E - 36-B, Tel. 970660; **Olival Basto:** Nova, Rua Açores, 11-A, Tel. 9810205.

LINHA DE CASCAIS

Algés: Miramar, R. Ernesto Silva, 83, Tel. 2112048. Permanente; **Linda-a-Velha:** Moderna, Av. 25 Abril, 30-C, Tel. 4191235. Permanente; **Tires:** Guimarães, L. Duartes, Lote A - r/c, Tel. 2441616. Até às 22 h; **Alcabideche:** Carvalho, B.º Padre P. Correia, 4, Tel. 2690363. Até às 22 h; **Porto Salvo:** Ferreira Bastos, R. D. Firmino Rebelo, Tel. 2421015. Até às 22 h; **Carcavelos:** Vilar, Av. M.ª Conceição, Lote B, Tel. 2470777. Permanente; **S. Dom. Rana:** Godinho Silveira, R. A. Albuquerque, Lote B - Lj. 2, Tel. 2470361. Até às 22 h; **Malveira da Serra:** Luz, Estrada Nacional, Tel. 2850635. Até às 22 h; **Paço de Arcos:** Pargana, Av. Eng.º Bonneville Franco, Tel. 2435147; **Oeiras:** Ribeiro, R. Dr. Flávio Resende, 9 - Quinta Marques, Tel. 4466066. Permanente; **Parede:** Macau, R. J. Elias Garcia, 42, Tel. 2471785. Permanente; **Sassoeiros:** Amaral Semblano, Quinta das Encostas, Tel. 2461312. Até às 22 h; **Birre:** Imani, Lote 7-B - Hera, Tel. 2852121; **Madorna:** Madeira, Rua A, Tel. 2476326. Até às 22 h; **Amoreira:** Abrantes, Viv.ª Maria Carlos Anjos, Tel. 2682313. Até às 22 h; **Estoril:** Parque, Arcadas do Parque, 3, Tel. 260191. Até às 22 h; **Cascais:** Misericórdia, R. Regimento, Tel. 280141. Permamente.

LINHA DE SINTRA

Amadora: Campos, R. Elias Garcia, 185, Tel. 4930072. Permanente; Amadora, P. 25 de Abril, 3-A, Tel. 4935518. Até às 22 h; **Damaia:** Damaia, P. Alex. Gusmão, 9-A, Tel. 970523. Até às 22 h; **Queluz:** Queluz, Av. Miguel Bombarda, 123-A, Tel. 4365849. Permanente; Albergaria, L. Prof. Dr. José Mineiro, 42 - Q. Baixo, Tel. 4356487. Até às 22 h; **Cacém:** Silva Duarte, R. Elias Garcia, 167, Tel. 9248120. Permanente; **Mem Martins:** Cristina, Av. Vitorino Nemésio, 14-A, Tel. 9214820. Até às 22 h; **Mercês:** Claro Russo, R. Abade Faria, 2-A, Tel. 9215275. Até às 22 h; **Rinchoa:** Cargaleiro Louren-ço, Calç. Rinchoa, 38, Tel. 9262006. Até às 22 h; **Sintra:** Simões, R. Heliodoro Salgado, 26, Tel. 9230832. Permanente; **Colares:** Abreja, Tel. 9290088; **Loures:** Sálvia, Av. República, 29, Tel. 9831240. Até às 22 h.

OUTRA BANDA

Almada: Algarve, R. Fernão Lopes, 1, Tel. 2750271. Permanente; **Cova da Piedade:** Cerqueira, L. 5 de Outubro, 18, Tel. 2750254. Permanente; **Monte de Caparica:** Guerreiro, Lote 31, IJ, Moinho, Tel. 2950727. Até às 19 h; **Costa de Caparica:** Chai, Av. Gen. Humberto Delgado, Tel. 2903218. Até às 19 h; **Laranjeiro:** Moderna, R. Dr. Ant.º Elvas, 8-A, Tel. 2290305. Até às 22 h; **Lavradio:** Parreira, R. D. Silva Cristino, 15-A, Tel. 2043126. Até às 19 h; **Sesimbra:** Lopes, R. Cândido Reis, 21, Tel. 2233028. Até às 19 h; **Barreiro:** Piçarra, Av. Bocage, 65-A, Tel. 2074771. Permanente; **Baixa da Banheira:** Teixeira, R. Moçambique, 84-B, Tel. 2040946. Até às 19 h; **Corroios:** Abreu Cardoso, B.º Cid. Setúbal, 1-B, Tel. 2536172. Até às 19 h; **Amora:** Nobre Guerreiro, R. Dr. Emídio G. Mendes, 314, Tel. 2212923. Permanente; **Arrentela:** Lusitana, P. Cândido Reis, 10, Tel. 2210007. Até às 22 h; **Montijo:** Diogo, R. Almirante Reis, 50, Tel. 2310032. Até às 22 h; **Moita:** Silva Rocha, P. República, 16, Tel. 2390029. Até às 19 h; **Alhos Vedros:** Portugal, Av. Bela Rosa, 8, Tel. 2040250. Até às 19 h; **Alcochete:** Nunes, L. Cor. Ramos Costa 10, T 2340137. Até às 19h.

MÉDICO DE URGÊNCIA

795 06 80/9

HÁ 20 ANOS

Diário de Lisboa

HUSSEIN PRISIONEIRO DOS ESTADOS

UM INQUÉRITO DO MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

COEDUCAÇÃO EM TODOS OS GRAUS DO ENSINO?

AS DATAS DOS EXAMES ESCRITOS

Coeducação em todos os graus do Ensino?

Por iniciativa do gabinete do ministro da Educação, está a ser feita uma consulta ao Episcopado, no sentido de este expressar os seus pontos de vista ético-religiosos sobre a eventualidade de se restaurar em Portugal a coeducação nos diversos graus do ensino.

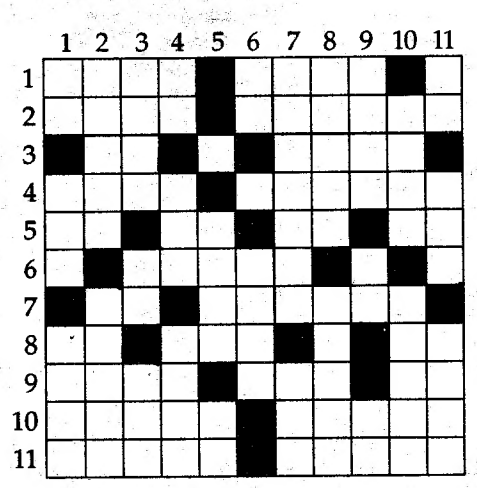
As mulheres e crianças podem deixar a Jordânia

A Frente Popular para a Libertação da Palestina anunciou hoje ter libertado todas as mulheres e crianças que se encontram a bordo dos aviões assaltados e as quais podem deixar imediatamente a Jordânia. Entretanto, chegou a Amã o primeiro grupo dos 280 reféns que ainda se encontravam retidos nos aviões desviados.

Elevador do Lavra

Concluidos os trabalhos de reparação a que foi sujeito, o elevador do Lavra recomeçou ontem a funcionar.

PALAVRAS CRUZADAS



PROBLEMA N.º 18001

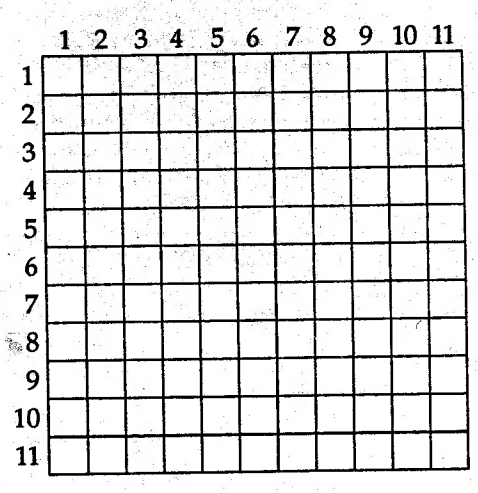
HORIZONTAIS:

1 - Aquele que. Pronome indefinido.
2 - Nome de tecido. Vazar com broca.
3 - Brisa. Andaria.
4 - Nome científico do pato. Calcular.
5 - Moderato. Atmosfera. Cério (s.q.). Ósmio (s.q.).
6 - Homem de grande robustez física.
7 - Mulo. Feixe de luz do sol.
8 - Ouro (s.q.). Inventa. Neste momento.
9 - Cidade do Peru. Espaço de doze meses. Artigo indefinido.
10 - Atasca. Anua.
11 - Irmã. Curas.

VERTICAIS:

1 - Quanto baste. Patrão. Fileiras.
2 - Nome de planeta. Pronome indefinido.
3 - Espécie de gato-bravo. Pronome pessoal. Maior.
4 - Milímetro. Sadio. Declaro.
5 - Zombará. Aparência.
6 - Note bem. Ora.
7 - Esquivos. Em as.
8 - Adormece. Muda.
9 - Género de rosáceas da Guiana. Nota musical. Érbio (s.q.).
10 - Ilha do Pequeno Belt. Bairro de Lisboa.
11 - Crómio (s.q.). Membro de ave. Estimas.

Resolveu completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.



PROBLEMA N.º 16811

HORIZONTAIS:

1 - Manto rico dos antigos, seguro por um broche ao pescoço ou sobre o ombro direito. Bondoso.
2 - Cadavéricos. Espécie de mangueira do Gabão.
3 - Amantes. O mesmo que alime.
4 - Regulasse as doses de.
5 - Ressoem. Germe (fig.).
6 - Autoridade honorária no Candomblé, para as des-pesas do qual concorre, tomando-as não raro, totalmente para si. Nota musical. Níquel (s.q.).
7 - Acrescentar. Pêlo de certos animais. Apelido.
8 - Pua. Arruinei.
9 - Antes de cristo. Cruel. Pátria de Abraão.
10 - Tiraras uma carta do baralho no jogo da bisca. Vê.
11 - Irmão de Moisés. Habites.

VERTICAIS:

1 - Cidade industrial da Checoslováquia. Saliva viscosa que corre da boca.
2 - Lodo. Apelido.
3 - Alcançado com a vista. Senhor.
4 - Partir em migalhas. Cento e um em romano (inv.). Centiare.
5 - Velho. Batráquio. Preposição e artigo.
6 - Sobrecéu (fig.). Crómio (s.q.).
7 - Pertences. Meteram em mala.
8 - Uso demasiado.
9 - Cidade de Inglaterra.
10 - Rio da Sibéria. Rio da Sibéria.
11 - Nome de fruto. Serra de Portugal.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 18 000

HORIZONTAIS: 1 - ÀS. Recamara. 2 - Amarai. Bo. 3 - Amimara. 4 - Em. Ácaro. Ar. 5 - Tarde. Alega. 6 - Égua. As. 7 - Am. SSS. Pg. 8 - Única. Aar. 9 - Ana. Picado. 10 - Atues. DEZ. 11 - Atroas. Cora.
VERTICAIS: 1 - METE. NA. 2 - Sa. Magana. 3 - Ma. Ruminar. 4 - Ramada. Cato. 5 - Érice. Sã. ~Ua. 6 - CAMA. OS. PÉS. 7 - Aiara. Sais. 8 - Rola. Ac. 9 - Aba. Prado. 10 - Ro. Agag. Der. 11 - Eras. Goza.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 16 810

HORIZONTAIS: 1 - Rogui. Robás. 2 - Opaco. Irada. 3 - Ditas. Xarau. 4 - Após. Ad. 5 - Na. Sacolas. 6 - Ordem. Ri. Ut. 7 - Oó. Informa. 8 - Ps. Azo. Eia! 9 - Crateras. 10 - Paredes. TSF. 11 - Acames. Coei.
VERTICAIS: 1 - Ródano. Pipa. 2 - Opíparos. AC. 3 - Gato. Dó. Crá. 4 - Ucasse. Arem. 5 - Ios. Amizade. 6 - Ae. Notes. Rixdorf. És. 8 - Ora. Lio. 9 - Barca. Reato. 10 - Ada. Sumisse. 11 - Saul. Taã. Fi.

PROVÉRBIO:
ÀS DEZ, METE NA CAMA OS PÉS.

EFEMÉRIDES

1871

• Morre o escritor Júlio Dinis.

1944

• As primeiras tropas norte-americanas entram na Alemanha, no decurso da Segunda Guerra Mundial.

1970

• Guerrilheiros palestinianos fazem explodir três aviões na Jordânia.

1971

• Os Estados Unidos e a União Soviética chegam a acordo sobre um sistema a adoptar em caso de acidentes nucleares.

1975

• O Quinto Governo Provisório português pede a demissão.

1980

• Os militares turcos tomam o poder.

1985

• A Grã-Bretanha expulsa os país 25 soviéticos, seis dos quais diplomatas, na sequência da fuga, em Londres, de um destacado elemento do KGB.

1986

• O jornalista norte-americano Nicholas Daniloff, detido dia 30 de Agosto pela Polícia de Segurança Soviética sob a acusação de espionagem, é libertado da prisão em que se encontrava em Moscovo.

CARTAZ

CINEMAS

LISBOA

ALFA 1
Av. Almirante Gago Coutinho
T. 806496
CAÇA AO OUTUBRO VERMELHO
Filme de John McTiernan
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00

ALFA 2
O ANJO DAS SOMBRAS
Filme de William Friedkin
M/16 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15

ALFA 3
48 HORAS - PARTE II
Filme de Walter Hill
M/16 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15

ALFA 4
OLHA QUEM FALA
Filme de Almy Heckerling
M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15

ALFA 5
GREMLINS II - A NOVA GERAÇÃO
Filme de Joe Dante
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00

ALFA CLUBE
Av. Almirante Gago Coutinho
T. 806496
REGRESSO AO FUTURO - PARTE III
Filme de Robert Zemeckis
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00

AMOREIRAS 1
Shoping Center de Lisboa - T. 691275
CAÇA AO OUTUBRO VERMELHO
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00

AMOREIRAS 2
OLHA QUEM FALA
M/12 anos - Às 13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 3
48 HORAS - PARTE II
M/16 anos - Às 13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 4
GREMLINS II - A NOVA GERAÇÃO
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00

AMOREIRAS 5
HENRIQUE V
Filme de Kenneth Branagh
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00

AMOREIRAS 6
REGRESSO AO FUTURO - PARTE III
M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 7
NA CORDA BAMBA
M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 8
CENAS DE LUTA DE CLASSES EM BEVERLY HILLS
Filme de Paul Bartel
M/16 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 9
O ANJO DAS SOMBRAS
M/16 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00

AMOREIRAS 10
ORQUÍDEA SELVAGEM
Filme de Valman King
M/16 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00

APOLO 70
Av. Júlio Dinis, 10-A - T. 763319
O ANJO DAS SOMBRAS
M/16 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

BERNA
Av. Marquês de Tomar, 10 - T. 776098
CAÇA AO OUTUBRO VERMELHO
M/12 anos - Às 15.15, 18.00 e 21.30

CAPITÓLIO
Parque Mayer - Telf. 372358
Encerrado

CINE CAMÕES
R. do Loreto, 15 - T. 324194
OS INVASORES DE MARTE
Filme de Menahem Golan
M/12 anos - Às 14.15, 16.30 e 21.30

CINE 222
Av. Praia da Vitória, 37 - T. 533253
CLUBE DOS POETAS MORTOS
M/12 anos - Às 14.00, 16.30 19.00 e 21.30
CÓDIGO DO SILÊNCIO
M/18 anos - Às 24.00

CINE PORTELA

ESTÚDIO ANUSHA
T. 9434762
FÚRIA SILENCIOSA
M/ 16 anos - Às 15.30 e 21.30

ESTÚDIO SHEZA
LAMBADA - O FOGO DA NOITE
M/12 anos - Às 15.15 e 21.15

CINEBOLSO
R. Actor Taborda, 27 - T. 573407
A INSACIÁVEL
Hard-core - 1.º escalão (porno)
M/18 anos - Às 12.30, 14.30, 16.45, 19.00, 21.30 e 23.30

CINEMATECA PORTUGUESA
R. Barata Salgueiro, 39 - T. 546085
TORA-SAN E A FILHA DO SACERDOTE
Filme de Yoji Yamada, às 18.30
TORA-SAN VAI PARA O NORTE
Filme de Yoji Yamada, às 21.30

CITY CINE
R. Tomás Ribeiro, 34 - T. 549999
INDIANA JONES E A GRANDE CRUZADA
M/12 anos - Às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30

CONDES
Av. da Liberdade, 2 - T. 322523
RENEGADOS SELVAGENS
Filme de Jack Sholder
M/16 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

ESTÚDIO
Al. D. Afonso Henriques, 35 - T. 3525133
ALWAYS - SEMPRE
Filme de Steven Spielberg
M/12 anos - Às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30

ESTÚDIO ACS
Av. da Igreja, 17-F - T. 8487255
(Encerrado temporariamente)

FONTE NOVA 1
Est. de Benfica 503 - T. 7145088
GREMLINS II - A NOVA GERAÇÃO
M/12 anos - Às 14.30, 16.45 19.00 e 21.30

FONTE NOVA 2
CAÇA AO OUTUBRO VERMELHO
M/12 anos - Às 14.15, 16.30, 18.45 e 21.15

FONTE NOVA 3
48 HORAS - PARTE II
M/16 anos - Às 14.45, 17.00, 19.15 e 21.15

FORUM PICOAS
Av. Fontes Pereira de Melo - T. 541037

AUDITÓRIO 1

JULES E JIM
Filme de François Truffaut
M/16 anos - às 14.00, 16.00, 18.00, 20.00 e 22.00

AUDITÓRIO 2

E FEZ-SE LUZ
Filme de Otar Iosseliani
M/12 anos - Às 14.00, 16.00, 18.00, 20.00 e 22.00

IMPÉRIO
Al. D. Afonso Henriques - T. 3525133
CAÇA AO OUTUBRO VERMELHO
M/12 anos - Às 15.30, 18.30 e 21.30

KING GEMINI
R. Sousa Lopes - T. 8480808
(Encerrado temporariamente)

KING TRIPLEX 1
R. Bulhão Pato, 1-C - T. 8480808
GREMLINS II - A NOVA GERAÇÃO
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

KING TRIPLEX 2
FÚRIA SILÊNCIOSA
M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45

KING TRIPLEX 3
OLHA QUEM FALA
M/12 anos - Às 14.30, 17.00, 19.30 e 21.45

LAS VEGAS 1
Pingo Doce - Alcântara - T. 3631162
RENEGADOS SELVAGENS
M/16 anos - Às 15.15, 18.30 e 21.30

«O Anjo das Sombras», um filme de William Friedkin

LAS VEGAS 2
48 HORAS - PARTE II
M/16 anos - Às 15.30, 18.45 e 21.45

LONDRES
Av. de Roma, 7-A - T. 801313
CAÇA AO OUTUBRO VERMELHO
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

MUNDIAL 1
R. Martens Ferrão - T. 538743
CAÇA AO OUTUBRO VERMELHO
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

MUNDIAL 2
O ANJO DAS SOMBRAS
M/16 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45

MUNDIAL 3
48 HORAS - PARTE II
M/16 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45

NIMAS
Av. 5 de Outubro, 42-B - T. 574362
GREMLINS II - A NOVA GERAÇÃO
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

ODEON
R. dos Condes, 4 - T. 326283
FERAS HUMANAS
Filme de Frank Zuñiga
M/12 anos - Às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30

OLIMPIA
Rua dos Condes, 13 - T. 325309
A DOUTORA SEXUAL
Filme porno
M/18 anos
Sessões contínuas a partir das 14.00

PLAZA 1
Centro Com. Alvalade
48 HORAS - PARTE II
M/16 anos - Às 13.45, 16.15, 18.45 e 21.15 e 23.45

PLAZA 2
O FUZILEIRO IMPLACÁVEL
Filme de Terry J. Leonard
M/16 - Às 14.15, 16.45, 19.00, 21.45 e 24.00

POLITEAMA
R. Portas de St.º Antão - T. 326305
48 HORAS - PARTE II
M/16 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

QUARTETO 1
R. Flores de Lima, 16 - T. 771378
AS MINHAS NOITES SÃO MAIS BELAS QUE OS VOSSOS DIAS
Filme de Andrej Zulawski
M/16 anos - Às 14.15, 16.30, 19.00, 21.45 e 24.00

QUARTETO 2
ATA-ME
M/16 anos - Às 14.15, 16.15, 18.15, 20.15, 22.00 e 24.00

QUARTETO 3
GREMLINS II - A NOVA GERAÇÃO
M/12 anos - Às 14.15, 16.15, 18.15, 20.00, 22.00 e 24.00

QUARTETO 4
ROSALIE VAI ÀS COMPRAS
Filme de Percy Adlon
M/12 anos - Às 14.15, 16.15, 18.15, 20.00, 22.00 e 24.00

SÃO JORGE 1
Av. da Liberdade, 175 - T. 579144
CAÇA AO OUTUBRO VERMELHO
M/12 anos - Às 15.30, 18.30 e 21.30

SÃO JORGE 2
REGRESSO AO FUTURO - PARTE III
M/12 anos - Às 14.15, 16.30, 19.15 e 21.45

SÃO JORGE 3
48 HORAS - PARTE II
M/16 anos - Às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.15

7.ª ARTE
Av. da República - T. 730715
GREMLINS II - A NOVA GERAÇÃO
M/12 anos - Às 14.45, 17.00, 19.00 e 21.45

STAR
Av. Guerra Junqueiro, 14-C - T. 804210
CAÇA AO OUTUBRO VERMELHO
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

TERMINAL
Estação do Rossio - T. 371573
MOMENTO DE JUSTIÇA
Filme de Bob Radler
M/12 anos - Às 13.00, 15.00, 17.00, 19.00 e 21.30

TURIM
Est. de Benfica, 723-A - T. 706666
REGRESSO AO FUTURO - PARTE III
M/12 anos - Às 15.00, 17.30 e 21.30

XENON
Av. da Liberdade, 9 - T. 3468446
O CADILLAC DO AMOR
M/12 anos - Às 14.15, 16.30, 19.00 e 21.30

ALMADA

ACADEMIA ALMADENSE
Telef. 2752127
ANJO NEGRO
M/12 anos - Às 15.30 e 21.30

COSTA DE CAPARICA

CAPARICA OCEANO
Av.Gen.Humberto Delgado
T. 2905011
Sala 1
CAÇA AO OUTUBRO VERMELHO
M/12 anos - Às 15.45 e 21.30

Sala 2
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS
M/6 anos - Às 16.15 e 21.45

O PESCADOR
Telef. 2905350
ASSASSINO SEM ROSTO
M/12 anos - Às 15.30 e 21.45

CASCAIS

CARCAVELOS

ATLÂNTIDA CINE
Telef. 2465653
CAÇA AO OUTUBRO VERMELHO
M/12 anos - Às 15.30 e 21.30

CASCAIS

MIRAMAR
Sala 1
Telef. 2841769
CAÇA AO OUTUBRO VERMELHO
M/12 anos - Às 15.15 e 21.15

Sala 2
GREMLINS II - A NOVA GERAÇÃO
M/12 anos - Às 15.15 e 21.30

OXFORD
Av. 25 de Abril - T. 2865027
RENEGADOS SELVAGENS
Filme de Sérgio Martino
M/16 - Às 16.00 e 21.30

NOVA OEIRAS

CINE PALMEIRAS
Telef. 2479144
Sala 1
RENEGADOS SELVAGENS
M/16 anos - às 15.15 e 21.30

Sala 2
REGRESSO AO FUTURO - PARTE III
M/12 anos - Às 15.30 e 21.45

OEIRAS

ALTO DA BARRA
Av. das Descobertas - T. 4439759

Sala 1
REGRESSO AO FUTURO PARTE III
M/12 anos - Às 15.15 e 21.45

Sala 2
GREMLINS II - A NOVA GERAÇÃO
M/12 anos - Às 15.30 e 21.45

SINTRA

AMADORA

BABILÓNIA
Centro Comercial Babilónia
T. 4934871
NINGUÉM É SANTO
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

CACÉM

ESTÚDIO FLORES
Telef. 9147570
OLHA QUEM FALA
M/12 anos - Às 15.00 e 21.30

QUELUZ

KING D. PEDRO III
Telef. 4364845
Sala 1
GREMLINS II - A NOVA GERAÇÃO
M/12 anos - Às 15.00, 18.00 e 21.15
Sala 2
OLHA QUEM FALA
M/12 anos - Às 15.15, 18.15 e 21.30
Sala 3
DESAFIO TOTAL
M/12 anos - Às 15.30, 18.30 e 21.45

TEATROS

LISBOA

AUDITÓRIO DO B.E.S.C.L.
R. D. Luís, 27 - T. 607192
3ª a Sáb. às 21.30
Dom. às 16.00
MAIS UM PARA O CAMINHO
Pelo Teatro de A. de Setúbal
Em cena até dia 15

CLUBE ESTEFÂNIA
R. Alexandre Braga, 24-A - T. 542249
De 3ª a Sáb. às 21.30
Dom. às 17.00
O FADO, A NAVALHA E A GUITARRA, OU A HISTÓRIA DA ROSA ENJEITADA
De Fernando Gomes, pela Companhia Persona

GULBENKIAN
Av. de Berna, 45
NOVO TEATRO/DANÇA DA EUROPA
Às 18.30 (G. Auditório)
LES MYSTÈRES DU SUBAL
Pelo Groupe Emile Dubois.
Às 21.30 (Anf. ar Livre)
MAXIMALISTA!

MARIA VITÓRIA
Parque Mayer - T. 3461740
De 3ª a Dom. às 20.30 e 22.45.
Domingos e Feriados, também às 16.00
VITÓRIA! VITÓRIA!
De Henrique Santana, Francisco Nicholson, Augusto Fraga, Nuno Nazareth Fernandes e Fernando Ribeiro.

RITZ CLUBE
R. da Glória - T. 325140
De 3ª a Sáb. às 21.30
Dom. às 16.00
O BAILE
De Helder Costa

MONTE ESTORIL

TEC
Av. Fausto de Figueiredo - T. 2670320
De 3ª a Sáb. às 21.30
Dom. às 16.00
REI LEAR
De William Shakespeare. Encenação de Carlos Avilez

PORTO

RIVOLI
Praça D. João I - T. 2005932
De 2ª a 6ª às 21.30
A PEÇORA
De Natália Correia
Em cena até dia 14

SÁ DA BANDEIRA
R. de Sá da Bandeira, 108 - T. 2003595
De 3ª a Dom. às 21.30
Dom. às 16.00 e 21.30
O HOMEM DO VESTIDO LILÁS
De Badaró. Encenação de Moirais e Castro
Interpretações de Badaró, Maria Dulce, Linda Silva, João Rodrigo e Carlos Areias.

SETÚBAL

FORUM MUNICIPAL

LUISA TODI
Av. Luisa Todi - T. 522127
Às 18.30 e 21.45
DR. KNOCK OU O TRIUNFO DA MEDICINA
de Jules Romains
Em cena até dia 14

RÁDIO

ANTENA 1
Desdobramento em Onda Média - Emissores do Litoral - e 99.4 em FM - Zona de Lisboa
14.00: O Linho e a Seda; **15.00:** Praça dos Sons; **17.00:** Antena 1 - Regiões; **17.15:** Porto d'Abrigo.

Onda Média e FM Estéreo
14.00: Frequência Moderada; **15.00:** Antena 1 - 15/17; **17.00:** Sete Mares; **19.00:** Informação e Música; **20.00:** No Estúdio e no Estádio; **20.15:** A Voz de Roma; **20.30:** Musical; **21.30:** Imaginário. Noticiários de hora a hora.

ANTENA 2
FM 2 - Estéreo
17.00: Música em Doze Partes; **18.15:** Ângulos e Reflexos. Realização de Carlos Achemann; **19.00:** Integrais - A Integral dos Concertos Brandeburgueses de Bach, pelo agrupamento «The English Concert dir. de Trevor Pinnock - Concerto N.º 5 BWV 1050 em re maior; **19.20:** Álbum Musical. Obras de Rossini, Leonard Bernstein, Handel, Gershwin, Rodrigo, Beethoven e Dvorak; **20.10:** Álbum Musical (cont.); **20.40:** Esta Madrugada na Antena 2; **21.00:** O Canto e os seus Intérpretes; **22.00:** Uma Hora com Franz Liszt; **23.00:** Eurorádio - O 5.º Festival Internacional de Música de Alicante, de 1989, em gravações cedidas pela Rádio Nacional de Espanha. 1.ª parte: Sinfonia n.º 3 de Alejandro Yague. Invocaciones de Jesus Legido. Intervalo: Sinfonia N.º 30, em do maior «Aleluia» de Haydn. 2.ª parte: Sonante n.º 9 de Manuel de Elias. Ritual de Manuel Enriquez; **00.15:** Música Variada. Obras de Beethoven, Glinka, Grieg e Ernst von Dohnany.

SNOOPY POR SCHULZ

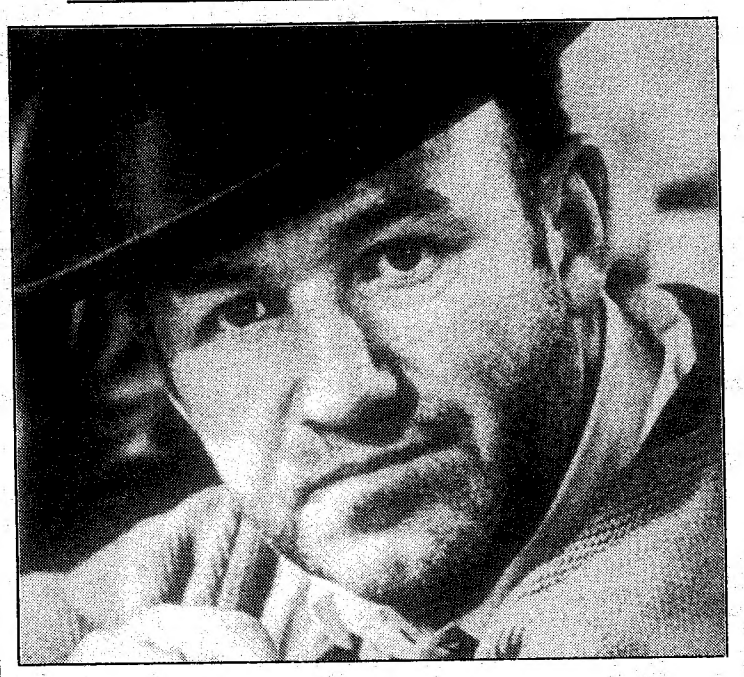
CARTAZ/TELEVISÃO

HOJE

RTP-1

15.50 - ACÇÃO EM MIAMI
Último episódio
16.35 - DESENHOS ANIMADOS
16.55 - FUTEBOL
Filândia - Portugal
19.00 - JOGO DE CARTAS
19.30 - TELEJORNAL
20.00 - BOLSA DIA A DIA
20.05 - O TEMPO
20.10 - BOLETIM AGRÁRIO
20.15 - RODA DE FOGO
58º Episódio
21.10 - VAMOS JOGAR NO TOTOBOLA
21.25 - LOTAÇÃO ESGOTADA
«Debaixo de Fogo» (Under Fire) U.S.A. (1973): Este filme partiu de um projecto de adaptação ao cinema de um artigo escrito por Clayton Frohman, jornalista da Rolling Stone, a partir da história verídica de Richard Dudman correspondente de guerra americano.

No 2º canal às 21.30, «Tourada» com o cavaleiro João Moura



«Debaixo de Fogo» com Gene Hackman, no 1º canal às 21.25

Roger Spottiswoode que se tornou célebre como realizador de segundas equipas e chefe montador de um punhado de excelentes cineastas como Peckinpah, Walter Hill ou Karel Reisz assina a realização de «Debaixo de Fogo» um filme que nos arrasta a um dos pontos mais conturbados do globo, a Nicarágua por alturas do fim do regime de Somoza e da tomada do poder pelos rebeldes sandinistas. Produção de certa envergadura «Debaixo de Fogo» reconstitui de forma impressionante os dias da guerra na Nicarágua através de uma história inquietante protagonizada por um grupo de jornalistas da linha da frente, os correspondentes de guerra que no meio do inferno e do pesadelo da violência tentam captar o desenrolar dos acontecimentos da forma mais objectiva possível. Mas não raras vezes os olhos do jornalista dão lugar aos olhos do homem e é então que os acontecimentos assumem outra dimensão, mais pessoal, mais subjectiva, mais empenhada.
«Debaixo de Fogo» com Nick Nolte e Gene Hackman nos principais papéis é assim um relato sentido, sofrido e brutal da trajectória daqueles que testemunham «in loco» o absurdo da violência deste admirável mundo novo em que vivemos.
Duração: 120 minutos
23.30 - 24 HORAS
00.00 - REMATE

RTP-2

15.10 - AGORA, ESCOLHA!
Bloco A: «Quando as Mulheres Triunfam»
Bloco B: «Diário Secreto de Adrian Mole» e «Quem Sai aos Seus...»
16.35 - O LICEU DEGRASSI
17.00 - O MENINO DOUTOR
11º Episódio
17.25 - NATIONAL GEOGRAPHIC
6º Episódio
18.20 - O HOMEM DA CARABINA
8º Episódio
18.50 - TI - TI - TI
18º Episódio
19.20 - ESPAÇO INFANTIL
Com «Paulus - O Duende» e «Os Amigos de Gaspar»
19.55 - VIA RÁPIDA
20.05 - CLÁSSICOS DA TV
«Ruas de S. Francisco»
21.00 - JORNAL DAS NOVE
21.30 - TOURADA
Transmissão em deferido da corrida que se realizou em Almeirim no dia 1.
23.30 - FADOS DO FADO
Entre dois dedos de conversa, alguns passos de dança e muitas canções, «Fados do Fado» despede-se numa emissão com os fadistas: António Pinto Bastos, José da Câmara Pereira, Luz Sá da Bandeira, Maria Armanda, Maria da Fé e Rodrigo.

PARABÓLICAS ALBA
• Antena de 90 cm Off-Set equivalente às tradicionais de 110 cm.
• LNB com polarizador incorporado.
• Receptor esterofónico com 16 canais memorizáveis. • Telecomando infravermelhos com todas as funções.
• Poder de captação:
— Actual: 8 canais
— A partir do final do ano: 24.
Mais os canais do Eutelsat II a ser lançado
AUDIMAX T. 4106275 Algés

AMANHÃ

RTP-1

09.01 - BOM DIA
10.00 - ÀS DEZ
12.05 - A GATA COMEU
13.00 - JORNAL DA TARDE
13.27 - BOLSA DIA A DIA
13.30 - O JUSTICEIRO
14.15 - OS PESCADORES
14.40 - BROS
15.30 - O MUNDO EM EXTINÇÃO
16.25 - O CACILHEIRO DO AMOR
17.20 - O MUNDO ANIMAL
17.35 - BRINCA BRINCANDO
18.35 - O SÍTIO DO PICA PAU AMARELO
19.05 - JOGO DE CARTAS
19.30 - TELEJORNAL
20.00 - BOLSA DIA A DIA
20.05 - O TEMPO
20.10 - BOLETIM AGRÁRIO
20.15 - RODA DE FOGO
21.15 - A MAGIA DE PAUL DANIELS
22.05 - LUTA PELA DEMOCRACIA
00.00 - 24 HORAS
00.30 - REMATE

RTP-2

14.02 - PRIMEIRO JORNAL
14.40 - ESPAÇO INFANTIL
14.50 - FILHOS E FILHAS
15.20 - AGORA, ESCOLHA!
16.40 - OS CENTURIÕES
17.05 - O FANTASMA DE FAFFNER HALL
17.35 - RAFAEL
18.30 - O HOMEM DA CARABINA
18.55 - TI-TI-TI
19.25 - ESPAÇO INFANTIL
19.55 - VIA RÁPIDA
20.05 - CLÁSSICOS DA TV
21.00 - JORNAL DAS NOVE
21.30 - EMOÇÕES
21.55 - SINAIS DO TEMPO
22.55 - FORA DE HORAS
23.15 - UNIVERSIDADE ABERTA

BLAUPUNKT
Seleccionou para si...
RTP 1 LOTAÇÃO ESGOTADA
RTP 2 TOURADA
BLAUPUNKT
Grupo BOSCH
Um pequeno ponto faz a diferença

MUDANÇAS
TRANSPORTES DE PIANOS – COFRES
SERVIÇOS DIÁRIOS DE CARGA GERAL
LISBOA – SINES
PESSOAL ESPECIALIZADO
A TRANSPORTADORA IDEAL DE ST.ª ISABEL
LARGO DO MITELO, 18 (ao Campo Santana)
☎ 53 26 37 - 57 74 79 FAX: 352 51 61

«Os aliados não se escolhem depois.
Escolhem-se antes, tanto para o bem como para o mal»

Lucas Pires, em «O Diabo», 11.Setembro.90

A PERGUNTA DO DIA

Fernando J. B. Martinho
professor universitário
de Literatura

Qual a sua opinião sobre a atribuição a João Cabral de Melo Neto do Prémio Luís de Camões?

«Quando aqui há anos João Cabral de Melo Neto chegou a Portugal para desempenhar as funções de cônsul do Brasil, no Porto, cometeu uma deliciosa *gaffe* diplomática.

Declarou em plena febre fernandina que preferia Cesário Verde a Pessoa. Não admira. Também ele, tal como Cesário, utiliza nos seus versos 'o desenho de compasso e esquadro'. Também ele, tal como Cesário, se preocupa em 'lançar exactos e originais' os seus versos.

A sua poesia é uma poesia rigorosa, exacta, enxuta, seca, contundente, avessa a prolixidades e retóricas. Em suma: uma poesia 'a palo seco' como ele próprio magnificamente disse.

O júri do Prémio Camões consagrou, pois, com toda a justiça, aquele que é 'il miilior sabbro' da actual poesia de língua portuguesa.»

Quinta-feira no

Diário de Lisboa

O Finlândia--Portugal em futebol

O Iraque após a cimeira de Helsínquia

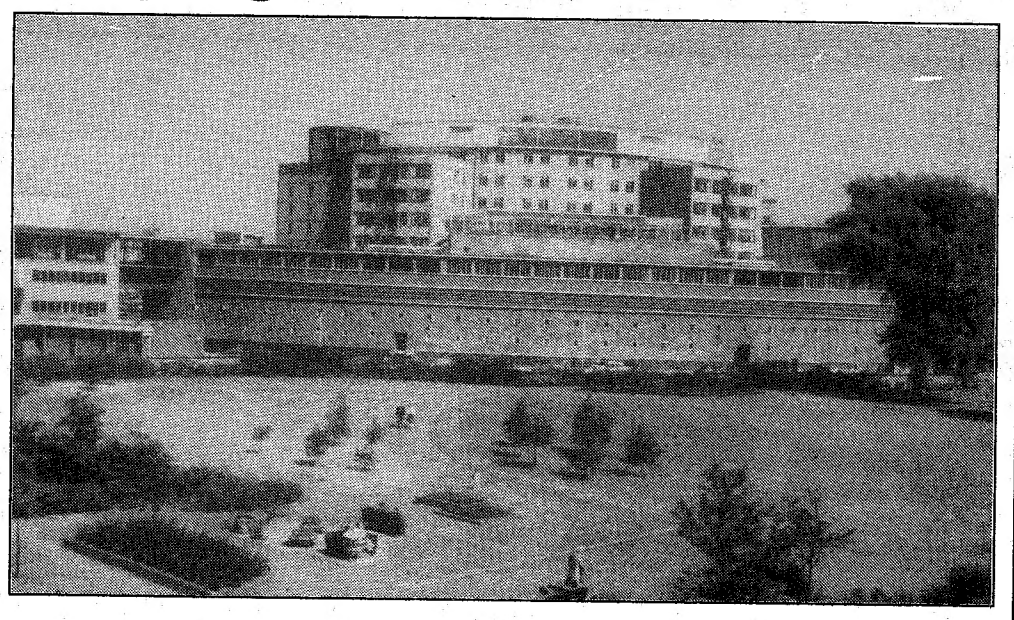
A nova ordem transpolítica do terror

«O voto alemão» por Carlos Gaspar

MEDIA

Tem cerca de 28 mil empregados e dispensa a publicidade. É uma empresa pública. A quase totalidade dos britânicos presta-lhe atenção pelo menos uma vez por semana. É a BBC, que ignora toda a filosofia liberal da sra. Thatcher, e resiste

BBC: um espinho cravado na garganta de Thatcher



A BBC é um espinho cravado na garganta de Margaret Thatcher. Tem uma redacção considerada impertinente em relação ao Poder, não quer anúncios, é uma ilha na economia de mercado. A primeira-ministra não lhe poupa críticas, cada vez mais fortes; não manda na BBC e isso enfurece-a. As suas tentativas de reforma da empresa pública malograram-se - embora não se possa dizer que Thatcher desistiu de levar a sua avante.

A BBC sentia-se, aliás, tranquila. Em 1986, o Governo tinha encarregado uma comissão de lhe apresentar um relatório sobre o audiovisual. Alan Peacock, um economista liberal que presidia ao grupo de trabalho, manifestara-se radicalmente contra a introdução de publicidade nos canais públicos, para espanto geral, porque a comissão era composta por personalidades conservadoras e a Sra. Thatcher fizera-lhe saber do seu desejo de ver estudada com especial empenho a possibilidade de privatizar a BBC.

Derrotada, a «Dama de Ferro» pôs os seus planos em banho-maria e concentrou-se na reforma do sector privado do audiovisual, principalmente da ITV, que concorre com a BBC desde 1955 e que a primeira-ministra considera também demasiado imbuída de uma filosofia de serviço público. O projecto de lei para a ITV prevê o desmantelamento desta rede, a venda das suas estações regionais, a introdução de publicidade no canal 4 (o mais recente) e a criação do canal 5, comercial, que será entregue a quem der mais.

Rejeitando o recurso à publicidade, mas consciente de que está à vista o fim da idade de ouro em que a audiência se dividia equitativamente entre os dois canais públicos e os dois privados, a BBC faz economias e prepara-se para explorar outras fontes de financiamento que não sejam a taxa e os subsídios estatais, ao mesmo tempo que concebe novos programas e rendibiliza a venda dos seus produtos — é considerada o maior exportador de programas do mundo.

A preocupação dominante continua a ser a qualidade. «É a nossa honra, o nosso dever e a nossa tradição — diz Michael Checkland, o director-geral. O nosso público, que apreciou durante mais de sessenta anos uma cura de televisão pública, é demasiado sofisticado e exigente para se contentar hoje com um regime medíocre de de jogos, de filmes e de folhetins importados.» Jonh Hawkins, um especialista em televisão, acrescenta: «A BBC ainda não fez concessões à televisão comercial: nada de jogos estúpidos nem de sensacionalismo nos noticiários. Mantém-se um alfobre de talentos, onde os jovens profissionais sonham trabalhar. O segredo? A predominância tradicional dos criadores sobre os gestores. E a visão prospectiva de grandes figuras. A televisão francesa só teve um Jean d' Arcy; a BBC tem muitos...»

Patricia Hodgson, adjunta de Checkland, diz o mesmo por outras palavras: »A satisfação dos nossos diferentes públicos importa-nos mais do que o número global da nossa audiência. Em primeiro lugar, porque é essa a nossa missão; depois, porque esta atenção constante ao público se revela muito eficaz para antecipar os resultados qualitativos.»

Margaret Thatcher não desistirá, por certo, de subverter o equilíbrio de um sistema que há mais de trinta anos servia de modelo às televisões ocidentais. E as convulsões que se avizinham com a criação de canais comerciais e a multiplicação das emissões por satélite, vão, sem dúvida, reflectir-se na BBC. A taxa não bastará para enfrentar o aumento de custos gerado pela concorrência. A resposta aos novos desafios estará na qualidade e na antecipação do dia em que o Governo decida entregar a BBC à sua sorte; nessa altura, a empresa terá de ser autónoma financeiramente. Com anúncios?

Marmaduck Hussey, presidente da BBC, tranquilizador: « Como quer que o nível da televisão não caia quando o director de publicidade está sentado em cima dos ombros do director de programas? A BBC faz programas para o seu público, não procura público para os anunciantes.»

«Le Monde»/«DL»

Lenços e lencinhos

Não só as civilizações são mortais, também os seus produtos.

Desapareceram, ou estão em vias de desaparecer, diante dos nossos olhos, ou melhor, diante dos nossos narizes, os lenços. Os lenços dos homens, dobrados nos bolsos, mais cinzentos, mais elegantes, maiores que os lenços dobradinhos e mimosos, das malinhas das senhoras. Maiores, por causas óbvias: nessa civilização dos lenços, os homens eram homens, maiores em tudo, nariz inclusive.

Lenços e lencinhos... Em vez deles, os lenços de papel, vendidos nas farmácias, nos quiosques, nos supercontinentes, ou impingidos com os pensos rápidos, pelos putos das ruas, lenços estes tão almejados em Moscovo, pelo menos há um ano, na minha estada. Lenços de papel - símbolo do Ocidente.

Práticos: não se lavam, não se passam a ferro, deitam-se fora. Porém, que é feito dos monogramas maneiristas, das letras entrelaçadas daquela dúzia ou meia-dúzia, a prenda de anos, ou presente de Natal, a lembrança de já não sei quê. Ninguém compra para a namorada lenços de papel.

Lojas antiquadas, escolhidas, terão ainda *stocks* da época da outra senhora, e de outras senhoras; a última vez que vi numa montra lenços para homem, e fininhos, para o outro sexo, foi numa lojeca em Castelo Branco. Encantei-me e comprei. Sou sentimental e um tanto sugestionável: comecei a ficar constipado. Abri o embrulho, tirei um, mas tive pena de estragar a beleza do objecto condenado a desaparecer com o século XX. Fui comprar lenços de papel. A constipação desapareceu.

Pois, vivam os lenços de papel! Embora com alguma dificuldade, pode escrever-se neles. Até uma *Meteorologia*. Aqui está.

Jorge Listopad

A.M.A.® Auto Monumental do Areeiro S.A.
CONCESSIONÁRIOS
AUTOMÓVEIS — PEÇAS — SERVIÇOS — OFICINA
Av. Padre Manuel da Nóbrega, 8 • Telefs. 894185/6/7/8
1000 LISBOA
Telex 63403 AMACAR • Telefax 80 47 75